



Ilustração de Isabella Jurevicius Albarello (2017, aquarela, 50x70cm)



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,

ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA

**VILMA AMBROSIA JUREVICIUS**

A FORMAÇÃO DO MEDIADOR SOCIAL E CULTURAL

SÃO PAULO

2017

VILMA AMBROSIA JUREVICIUS

A FORMAÇÃO DO MEDIADOR SOCIAL E CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

**Orientadora:**

Prof. Dra. Mirian Celeste F. Dias Martins

SÃO PAULO

2017

J95f Jurevicius, Vilma Ambrosia.  
A formação do mediador social e cultural / Vilma Ambrosia  
Jurevicius.  
102 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) –  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.  
Orientadora: Mirian Celeste Ferreira Dias Martins.  
Bibliografia: f. 56-58.

1. Mediador social e cultural. 2. Rede social. 3. Formação de  
educadores. 4. Aprendizagem. I. Martins, Mirian Celeste Ferreira  
Dias, *orientadora*. II. Título.

CDD 371.337

Bibliotecária Responsável: Eliana Barboza de Oliveira Silva - CRB 8/8925


VILMA AMBOROSIA JUREVICIUS

A FORMAÇÃO DO MEDIADOR SOCIAL E CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em educação, Arte e História da Cultura.

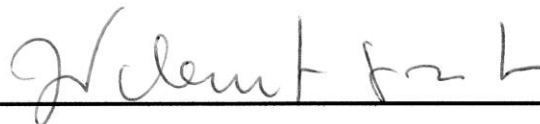
Aprovada em 05 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA




---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Celeste Ferreira Dias Martins  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



---

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



---

Prof. Dr. Roberto Galassi Amaral  
Centro Universitário Senac São Paulo

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela minha vida, a vida dos meus familiares e amigos.

Agradeço ao SENAC - São Paulo especialmente à equipe de gestão, Silvana Lazari, Eunilde Carvalho, Tatiana Picerno e Felipe Tinoco, pelo apoio e confiança.

Aos professores Edson Frade, Roberto Galassi, Tania Fator, Neide Noff e Lia Diskin pelo carinho e aprendizagens.

Aos amigos e entrevistados que gentilmente compartilharam suas experiências, Arnaldo Bassoli, Gabriela Aidar, Joelma Matos, Marlene Masino, Marta Pimenta, Roger Itokazu e Wilmihara Santos.

À Profa. Dra. Mirian F. Dias Celeste Martins por toda sua atenção, dedicação e esforço para que eu pudesse ter confiança e segurança na realização deste trabalho.

Agradeço à minha sobrinha Isabella Jurevicius Albarello pela criação da imagem de capa e pelo carinho.

Agradeço às minhas avós, pelo amor, carinho, paciência e seus ensinamentos.

À Maria Cristina Donini pelo companheirismo e apoio incondicional.

## **RESUMO**

Considerando o mediador social e cultural como um educador que atua junto a grupos sociais comunitários, este trabalho apresenta uma análise de experiências de mediação social e cultural. Objetiva, dentre outras questões, entender o processo de formação do mediador social por meio de entrevistas a educadores influentes que foram analisadas e articuladas com referenciais teóricos. Levantou-se que os processos participativos e dialógicos são pontos centrais e comuns nas ações reveladas, e trazem um outro patamar na formação do mediador social e cultural. Percebe-se a necessidade de formação constante do mediador social e cultural, sendo que as jornadas grupais se constituem como um campo de aprendizagem reflexiva e provocadora de novas buscas de atuação eficiente; sendo o mediador o maior aprendiz de toda experiência.

### **Palavras-chave**

Mediador social e cultural. Rede Social. Formação de educadores. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

Considering the social and cultural mediator as an educator who works with community social groups, this work presents an analysis of experiences of social and cultural mediation. Objective, among other issues, to understand the process of social mediator training through interviews with influential educators who were analyzed and articulated with theoretical references. It was argued that participatory and dialogic processes are central and common points in the actions revealed, and bring another step in the formation of the social and cultural mediator. It is noticed the need for constant training of the social and cultural mediator, and the group journeys constitute as a field of reflexive learning and provoking new searches for efficient performance; being the mediator the greatest apprentice of all experience.

### **Keywords**

Social and cultural mediator. Social network. Training of educators. Learning.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
A arte, a educação e a mediação... uma trajetória.....	10
Participação Comunitária: uma jornada de aprendizagem.....	12
Abordagens metodológicas e seus instrumentos.....	14
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>O Mediador Social: buscando conceitos</b> .....	17
1.1. Mediação Cultural e a formação do mediador social.....	18
1.2. Sobre redes sociais e a participação.....	21
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>Na ponte, ouvindo as vozes dos caminhantes... e a chuva</b> .....	24
2.1. Buscando respostas.....	24
2.2. Entrevistas.....	26
2.3. Análises, trazendo as vozes.....	33
2.3.1. Relato das experiências: as escolhas de cada entrevistado.....	35
2.3.2. Sobre atuação em rede.....	36
2.3.3. Sobre o diálogo.....	36
2.3.4. Sobre a mediação cultural.....	40
2.3.5. Sobre o papel da arte no processo educativo.....	41
2.3.6. Sobre as influências teóricas.....	41
2.3.7. Sobre os desafios.....	43
2.4. Convergências.....	45
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>Avistando outras margens... as margens do passado e os desafios atuais</b> .....	47
3.1. (Des)aprender é preciso.....	47
3.1.1. Um relato de ação atual.....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
Chegando à outra margem do rio.....	53
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	56
<b>ANEXO I</b>	
Cartografia das falas.....	59
<b>ANEXO II</b>	
Entrevistados, narrativas e entrevistas.....	60
<b>ANEXO III</b>	
Autorizações.....	95

*Na adolescência achei o mundo muito errado, as pessoas ensimesmadas, tristes e complicadas... Achei que o mundo precisava mudar... Na juventude me revoltei com tanta coisa errada e achei que tinha pouca gente com vontade de consertar... Um dia me deu uma vontade danada de mudar o mundo, conheci Paulo Freire (1983) e descobri que só é possível mudar o mundo através da educação... Mergulhei de cabeça, viajei por mares nunca antes navegados, depois fui encontrando outros viajantes... Descobri que muitas coisas que eu já fazia intuitivamente, só do jeito de fazer e refletir a minha prática, alguém já tinha pensado, escrito (Freire, Vygotsky, Pichon Riviere), tomei coragem e fui em frente, aplicando e mensurando os resultados... (o curioso é que quem escreveu tá lá do outro lado do oceano e eu estava aqui no sertão da periferia)... Com uma equipe multidisciplinar conheci a arte popular, o nordeste, a cantoria, o boi do norte, a ciranda do interior, a roda... A gente levantava muita poeira nas ruas da periferia botando todo mundo para dançar a ciranda... O boi do Maranhão, as pastorinhas na ciranda, a sanfona da Dorothy da Chapada, os mamulengos do Marquinho de Minas, e de Minas também o Inemar do Jequitinhonha... Cavaleiros e cavalos de arame e papel saíam enfeitados pela favela e tudo ficava lindo no São João... Até que um dia após navegar muito por mares desconhecidos e outros navegados por grandes educadores... Encontrei minha praia!*

*Mas, descobri muitas coisas que vou contar aqui para vocês... especialmente onde esta jornada me levou...onde tudo começou!*

*Do ser tão educadora, querer transformar o mundo, pesquisadora, aos sertões, grupos, pessoas... dos sertões ao deserto... Uma jornada de aprendizagem e construção do conhecimento... Mediada pela história, pela memória, pelo diálogo com mais escuta do outro... Um deserto silencioso, suspensão de pensamentos, de olhar o horizonte, um olhar apreciativo, sem pré-conceitos, livre... Buscando a essência das coisas para emergir o novo... Alçar voo do presente, ao passado, as memórias o registro para o futuro.*

## INTRODUÇÃO

---

Cada um de nós carrega diversas histórias significativas de encontros com a arte.

Histórias em que tivemos medidores ou que estávamos sós em nossos mergulhos. Pensando nessas histórias, perguntamos: qual é a sua história? Pense e responda a si mesmo: como aconteceram seus encontros com a arte? Como esses encontros fizeram e/ou fazem parte da história da formação de um educador provocador de experiências estéticas? (UTUARI, 2014 p.172)

### **A arte, a educação e a mediação... uma trajetória**

De alguma forma as expressões artísticas sempre estiveram presentes na minha vida. Na infância me refugiava na solidão da casa da minha avó e no barracão recriava o meu ateliê, com barro do riacho; fazia as minhas esculturas e brincava com elas, o forno à lenha era ótimo para queima. Foi através da expressão artística que vi a possibilidade de acessar as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade quando o grupo de multiprofissionais achava que não tinha mais o que ser feito. Descobrimos o potencial das linguagens artísticas tanto no trabalho com as crianças, adolescentes (desenho e pintura) e a modelagem com os pais. E foi através da arte que após um duro período de depressão, ao ver os jovens que trabalhávamos terem suas vidas ceifadas pela violência de grupos contrários, que busquei na arte uma terapia de cura intuitivamente, e por duas ocasiões minhas mãos acordaram!

Agora me dei conta que depois de uma bronca por ter as unhas cheias de barro, parei de criar meus brinquedos, parei de ir ao riacho. Lembrei-me que ficava contente, pois, após a chuva o barro que se acumulava nas margens era o melhor para se trabalhar, parei também de ficar sentada na ponte e soltar meu barquinho de caixa de fósforo... E sonhar com viagens a pilotar o meu barquinho desviando de objetos e de águas tão turbulentas... Parei de ir à ponte e me dei conta que o que mais fiz até hoje como educadora mediadora foi SER ponte!...

Busquei na pintura um caminho possível, saí da depressão e voltei a trabalhar; a primeira pintura me fez renascer... O Professor Guiosi me perguntou se eu já pintava e sorrindo lhe disse “é a primeira vez que peguei em um pincel e em uma tela...”. Mais tarde, em busca do sentido para o que estava fazendo e após

outra falência de negócio e familiar, uma bailarina vinha me visitar à noite, acordava com ela dançando e todos os seus gestos. Por inspiração da minha terapeuta, comprei a argila e por um momento me coloquei em frente ao barro e deixei minhas mãos livres... Após um tempo totalmente absorvida, deparei-me com a concretização da bailarina tão sonhada... Uma posição difícil, elegante, com uma das pernas na perpendicular, o dorso pra frente, um braço envolve a cabeça e o outro busca o horizonte... Pesquisando soube que esta posição denominada de Adágio, é um movimento sutil e leve... O detalhe da saia e como as minhas mãos trabalharam me encantaram, nas ondulações de cada curva me emocionaram e me vi aos prantos e plena quando terminei.

Lembrei-me também que em uma ocasião, em visita à Pinacoteca, levei um grupo de alunos e descobri e me encantei com eles ao ver as esculturas de Rodin. Sente-se as marcas, como se percebe as pinceladas... Onde estava aquela habilidade? Como recuperá-la em mim e no outro que comigo atuava?

Oportunizar espaços para que os educandos possam expressar sua criatividade passou a ser um ponto importante no meu plano de aula. Com isso as atividades e os encontros passaram a ser mais prazerosos, onde cada educando aguardava ansiosamente a sua vez para preparar e compartilhar de forma criativa seus aprendizados. Os ganhos irei relatar durante este trabalho, mas ressalto que a interação entre o grupo foi algo percebido por todos.

São estas indagações que ao invés da dúvida me lançam confiante ao caminho a ser percorrido neste estudo, pois não posso escolher apenas falar de educação, mediação social e cultural... Tenho que encontrar um caminho em que a arte, a educação e as metodologias dialógicas dançam comigo... E o sentido mais forte da minha experiência como educadora “de ser presença” (SENGE et al., 2007).

Na África tive a certeza do UBUNTU. Uma antiga palavra *africana* que tem origem na língua *Zulu* e significa que *uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outra pessoa; uma expressão africana que significa “sou porque somos”, existo porque existimos... E a realidade só faz sentido se agirmos, sujeitos de nossas ações em comunidade.*

A figura do oleiro que é aquele que cria, molda e dá forma ao barro foi outra lembrança, quando em 1983 Paulo Freire entrou na minha vida, definitivamente. A cultura, a educação ressignificando vidas e dando sentido ao sujeito foi um

norteador importante. Arroyo (2011) “escancara”: é na Pedagogia do Oprimido que Freire muda a forma da gente olhar a nossa prática, não mais o método, mas o sujeito protagonista do seu tempo que constrói socialmente o conhecimento.

Como educadora de rua (1990-1995) atuei na coordenação de equipe multidisciplinar no programa de educação informal em meio aberto na comunidade da Zona Sul/SP; depois Técnica social (1996-1999) em programas de habitação para comunidades periféricas da cidade de São Paulo, no desenvolvimento de atividades sócio educativas em vários espaços de aprendizagem. Atuei como docente da área de desenvolvimento social (SENAC - São Paulo 2001 - atual), na formação de atores sociais, mediadora de redes sociais, e na formação de formadores no SENAC - São Paulo.

Os aprendizados que colhi destas experiências me tornaram uma educadora social, mas foi a partir da minha participação no Grupo Sol Brasil - Society for Organizational Learning (desde 2004) - uma comunidade de aprendizagem organizacional que se dedica ao estudo coletivo de experiências práticas de metodologias sistêmicas de aprendizagem, da criação de espaços de aprendizagem em cenários complexos - que consolidou e oportunizou meu acesso a vários autores e metodologias inovadoras colaborativas e dialógicas que mudaram a minha forma de atuar e que trarei aqui neste estudo.

A inovação, com a possibilidade de agregar à Arte, à Cultura do Pensamento, questões interdisciplinares ao trabalho do mediador social, me instiga a realizar uma ampla pesquisa sobre este novo horizonte.

A origem do problema de pesquisa está diretamente ligada à minha prática, vivências acadêmicas e profissionais em espaços colaborativos, e a reflexão constante como educadora e mediadora social, especialmente para entender como a construção do conhecimento nos diferentes espaços de aprendizagem se dá.

### **Participação comunitária: uma jornada de aprendizagem**

[...] tomando-se a prática social de que ela [a educação] é uma dimensão, como objeto de conhecimento, procura-se não apenas conhecer a razão de ser daquela prática, mas ajudar, através deste conhecimento que se irá aprofundando e diversificando, a direção da nova prática, em função do projeto global da sociedade. (FREIRE, 1978, p. 100)

Há quinze anos escrevi algumas reflexões que quero compartilhar aqui sobre a minha atuação como educadora e mediadora social. Acerca da participação das pessoas e pensar estratégias para mobilização social, o engajamento delas nos mais diferentes processos de construção cidadã foi sempre um desafio, principalmente pensar metodologias para envolver atores locais e convidá-los a participar, ou seja, torná-los protagonistas da história, juntamente com seus pares. Este era o foco das ações de planejamento, especialmente em pensar estratégias de mobilização social.

Uma inquietação constante e que foi tema do trabalho de conclusão da pós-graduação em Gestão de Projetos Sociais – Universidade São Judas Tadeu, foi a compreensão de: “Como se dá a participação cidadã no Brasil? Onde é o berço da participação comunitária?”.

Pensar o papel das lideranças comunitárias no Brasil levou-me a descobrir sobre a construção histórica da democracia e a entender que a participação foi construída, forjada pelas pessoas organizadas em grupos, agindo colaborativamente.

Estes atores locais passaram a ser promotores da cidadania, independentemente do público ou causa em que atuavam. Foi fundamental, a criação do o Fórum da Assistência Social de SP (FAS 1993), um exemplo de mobilização para construir e defender políticas públicas. O processo de participação das pessoas em nossa sociedade foi incentivado ou reprimido com maior ou menor ênfase, de acordo com o cenário político da época e os interesses econômicos vigentes. Vimos nas últimas décadas que os efeitos da globalização e do mercado aumentam a concentração de renda e a exclusão social.

Na contramão está o "setor cidadão" que acredita na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, democrática e participativa. Passa-se a crer no sonho, na utopia de um mundo equânime, no empoderamento de um grupo de pessoas que acreditam que essa mudança local pode interferir globalmente nas grandes discussões que afetam em maior ou menor grau a coletividade. O que nos afeta individualmente, afeta o coletivo e vice-versa. Participar, assumir nossas responsabilidades e reconhecer nossos direitos é contribuir para a consolidação da democracia.

Percebemos essa diferença onde uma parcela significativa da sociedade é participativa, como na Comunidade Heliópolis onde o líder comunitário, o arquiteto, o empresário, o maestro, vários profissionais das artes, jornalistas e cidadãos comuns estão engajados organizando seus espaços, rádios comunitárias, lavanderias comunitárias, centros de geração de trabalho e renda estabelecidas em parcerias. O trabalho avança, a comunidade se apropria cada vez mais dos espaços e as mudanças acontecem.

Por outro lado, o sentimento das lideranças de impotência no enfrentamento da pobreza econômica, política, cultural e social existente tem exigido uma postura de ruptura com velhas formas de ação e a necessidade de atuarem cada vez mais integrados em rede. Para isso, há um resgate de valores como solidariedade, colaboração e história, pois nos remete a entender como alguns grupos sociais se organizaram e se desenvolveram, formando comunidades de projetos e de aprendizagens.

A formação da Rede se dá quando cidadãos protagonistas passam a adotar uma metodologia do trabalho cooperativo, em rede, mobilizando e articulando as pessoas e grupos representativos de cada segmento. Juntos discutirão uma agenda de prioridades, destinação de recursos e ações para enfrentamento dos graves problemas sociais, ambientais, educacionais, econômicos de geração de trabalho e renda que afetam sua localidade.

### **Abordagens metodológicas e seus instrumentos**

O problema de pesquisa, considerando que o aprendizado é social, é definido em como se dá a participação e a construção de ambientes colaborativos em comunidades de aprendizagem? Como se dá a formação do mediador social, quais as abordagens utilizadas na formação?

A pesquisa está relacionada com Educação e Cultura dentre as estratégias de ensino aprendizagem, experiências com a diversidade cultural e espaços de aprendizagem, com o objetivo geral de investigar a formação do mediador social. Os objetivos específicos são:

1. Pesquisar as metodologias de mediação no âmbito dos grupos comunitários e redes sociais (comunidades de projeto);

2. Conhecer a atuação dos mediadores sociais e culturais enquanto agentes de transformação social e cultural.

Iniciei o trabalho de pesquisa qualitativa, um terreno conhecido com a análise e aplicação de questionários, mas, a partir da sugestão da banca parti para a coleta de depoimentos e narrativas. Realizei entrevistas com profissionais que notadamente tem uma atuação em mediação social e cultural.

A escolha do instrumento de análise ampliou e possibilitou aos entrevistados maior liberdade para expressar sua trajetória de vida pessoal e profissional, bem como suas experiências e aprendizagens junto aos grupos.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente com uma questão aberta pedindo o relato de uma experiência em mediação de grupos, e por web com o envio dos relatos que posteriormente foram transcritos conforme abaixo:

Relate uma prática/ação mediadora, do início ao desenvolvimento, que ofereceu bons resultados. Considere o contexto onde a ação se deu, se em um projeto, ou ação pontual, o espaço, os participantes/protagonistas e seus papéis. Qual sua principal ou ferramenta ou estratégia de trabalho? Quais as colheitas desta ação mediadora? E os aprendizados? Você identifica que houve alguma transformação? Comente sobre as motivações que o levaram a escolher esta experiência/prática?

E o entrevistado ficava livre para narrar sua experiência e apenas no final, havendo necessidade, solicitava para complementar alguma informação e perguntava sua opinião sobre a experiência de realizar a narrativa. Todos apontaram que foi muito interessante dar seu depoimento e ficaram muito satisfeitos pela forma livre e aberta para se expressarem.

O critério para escolha dos entrevistados se deu pela atuação em mediação social e cultural em várias instituições detalhados no Quadro I, no Capítulo II.

Cada vez mais encontramos a figura do mediador atuando nas mais diversas áreas e acredito que se justifica e tem relevância a continuidade desta análise e reflexão do papel do mediador social e cultural na construção do conhecimento nos diferentes espaços de aprendizagem.

No Capítulo I o foco é o papel do mediador social, os aspectos relacionados à sua formação e embasamento teórico no âmbito das redes sociais.



Para o Capítulo II foi realizada uma análise da pesquisa de campo, reflexões acerca do papel do mediador social e cultural na construção do conhecimento em diferentes contextos. Por fim, no Capítulo III o foco é a participação do mediador social e cultural na construção de ambientes colaborativos de aprendizagem, nos diálogos interculturais e no desenvolvimento de competências. Trouxe também a experiência mais atual do trabalho de mediação frente à Rede Social Luz e Bom Retiro e o relato de Santos, atora social, participante da rede com seu depoimento sobre atuação conjunta.

Desta forma, espera-se com esse trabalho contribuir para uma reflexão sobre a formação do mediador social e cultural.

## CAPÍTULO I

### O Mediador Social: buscando conceitos

---

Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo, os Homens se educam entre si, *mediatizados pelo mundo*. (FREIRE, 2003, p. 69, grifo do autor).

Segundo Barbosa (2009), Paulo Freire é que melhor define o conceito de mediador social na contemporaneidade. A sua afirmação que abre este texto é uma marca do seu pensamento.

Oliveira (1997) nos apresenta em seus estudos sobre Vygotsky a concepção de mediação para o autor, a qual considera uma relação dialética entre homem e mundo e que se dá pela interação entre instrumentos e signos, proporcionando a aprendizagem.

O conceito de mediação também é encontrado na educação, além do mediador que atua junto aos grupos, onde o educador é convidado a atuar como um mediador no processo de construção do conhecimento. Barbosa (BARBOSA, 2009, p.13) afirma:

O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates falava da educação como parturição das ideias. Podemos, por aproximação, dizer que o professor assistia, mediava o parto. Rousseau, John Dewey, Vygotsky e muitos outros atribuíam à natureza, ao sujeito ou ao grupo social o encargo da aprendizagem, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador, aglutinador. O professor mediador é tudo isso.

Considerando a contribuição dos autores, poderíamos sugerir que o mediador social tem o papel de facilitar a comunicação entre as pessoas nos mais diferentes espaços de aprendizagem, tendo em vista um projeto colaborativo.

Existem várias denominações e âmbitos de atuação do mediador: mediador social, mediador cultural, mediador sócio educativo, mediador de conflitos, mediador organizacional, mas nos deteremos no campo de atuação do mediador social e cultural no âmbito dos grupos comunitários e redes sociais com objetivo de atuar visando à transformação social e cultural.

Consideramos que o mediador social e cultural, enquanto campo de atuação e o seu papel na interlocução como aquele que auxilia na comunicação, pode propiciar reflexões acerca de um determinado tema, objeto, projeto, espaço ou território. A mediação pressupõe o diálogo, uma via de mão dupla, onde cada participante e o mediador têm a possibilidade de ampliar a visão e aprender com e ser modificado pela experiência.

A dialética está presente o tempo todo, ao mesmo tempo em que se pode mediar e promover a construção do conhecimento aprende-se com as experiências e é modificado por ele.

Este papel de exercer a mediação muitas vezes é deliberado pelo grupo em consenso e tem, dentre outras questões, a função de facilitar a interação entre os participantes. Ainda dentre os vários papéis desempenhados pelo mediador social e cultural está o de anfitriar o encontro, de sistematizar e disseminar a história de construção do grupo. Outro papel é o de criar ambientes propícios ao diálogo visando ampliar o relacionamento interpessoal e a percepção das culturas que ali se refletem, na elaboração de planos a fim de contribuir para a formação de espaços colaborativos, ou de comunidades de projetos. Contribui e fomenta a formação de grupos operativos. Articula atores locais, busca parcerias e conexões para implementação das ações. E, com o grupo, busca a construção do conhecimento com múltiplos saberes existente no grupo, propiciando ampliação de repertórios visando à transformação social e cultural.

A subjetividade também está presente neste processo e o papel do mediador é importante. Ao fazer perguntas disparadoras o mediador consegue levar o olhar do participante para algum aspecto importante que pode disparar muitos insights.

### **1.1. Mediação Cultural e a formação do mediador**

Encontramos a mediação cultural diretamente ligada a ação educativa em museus e espaços de arte que, segundo Martins (2012, p. 47):

[...] agregar à mediação o conceito de cultura gera novas conexões, conexões estas que estabelecemos no meio, nos diversos contextos em que estamos inseridos, nos percursos, nas vivências voltadas às práticas educativas.

A partir da minha experiência de quinze anos como mediadora, considero que o "mediador social" ou educador social que atua na mediação de grupos e redes sociais, é a pessoa que coordena os encontros (reuniões, oficinas) com grupos de pessoas (estudantes, comunidades, microcrédito, cooperativas), que faz a medição do diálogo para facilitar a comunicação entre os participantes do grupo. Intervenem de modo a auxiliar a melhor compreensão e reflexão dos assuntos e propostas e busca o consenso das opiniões nas ações em benefício da coletividade, promovendo uma aprendizagem colaborativa.

À frente do trabalho de facilitação do grupo, encontramos a figura do mediador social que no âmbito da Rede Social tem um o papel central, o de democratizar a comunicação entre as pessoas, assim como, de organizar as demandas surgidas nos embriões de possíveis projetos, na atuação junto a grupos comunitários, coletivos entre outros compostos por representantes da sociedade civil.

Já atuando como mediadora social e cultural, tive a oportunidade de presenciar o quanto as histórias e vivências dos participantes do grupo de um determinado local agrega, conecta, amplia a visão dos envolvidos tanto nas ações educativas como na apropriação da história e culturas locais.

### A formação do mediador social e cultural

Com frequência o mediador social e cultural tem formação superior na área de humanas e passa por capacitações pontuais para realizar o trabalho junto aos grupos. Dentre as atribuições do Mediador espera-se que ele possa mobilizar, articular e fomentar pessoas e comunidades para atuarem em Rede. Minhas questões iniciais acerca do trabalho de mediação são: as capacitações preparam o profissional para as exigências de sua atuação? Quais embasamentos teóricos e conceituais são necessários para instrumentalizar o mediador? Qual o processo de avaliação e quais são os indicadores utilizados? Quais são os subsídios para o trabalho? O mediador tem exercido um papel efetivo, colaborativo e sustentável nas redes?

O desafio de investigar a formação do mediador social e cultural nos remete a compreender qual o papel que desempenha hoje junto aos grupos sociais. Ao

assumir este papel, invariavelmente, o mediador tem o compromisso de fazer a diferença nos espaços de aprendizagem onde atua. O que o impulsiona e move estes profissionais é o desejo de promover mudanças na sociedade, o que constatamos nas narrativas onde os entrevistados trouxeram como principal objetivo para atuar como mediadores a questão da transformação social; o trabalho em rede tem esta característica, como estratégia fundamental de propiciar um trabalho mais sistêmico e de maior efetividade.

Um desafio que se apresenta é pensar sobre um itinerário formativo do mediador social e cultural. Refletir sobre a formação do mediador nos remete a experiência vivida e aprendida a partir das experiências de educação informal, nos grupos, nas redes, nos diferentes espaços e campo de atuação do mediador social cultural é um aspecto importante que esta pesquisa tenta levantar.

Nas últimas três décadas assistimos a um avanço considerável na implementação de políticas públicas e o protagonismo dos atores locais na consolidação do SUAS - Sistema Único de Assistência Social, após a Constituinte de 1988, além da criação do SGCA Sistema de Garantias da Criança e do Adolescente, que de forma participativa envolveu cada município, estado até sua promulgação na esfera federal. Na ocasião atuava como mediadora social em Osasco e região metropolitana e o espaço da Rede Social Osasco foi o ponto de partida para a reunião dos principais atores e elaboração do plano municipal. O próprio ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente se deu em construção conjunta e participativa com a sociedade civil.

A Eco1992 foi um marco para a sociedade civil organizar as principais pautas para as questões ambientais. Várias redes sociais ambientais se organizaram e muitas organizações não governamentais se formaram para defender suas causas e cunhar a sustentabilidade e ações socioambientais.

Estas experiências ganham força, vários coletivos surgem, novas organizações sociais, e cada vez mais a figura de um facilitador ou mediador social e cultural é solicitada, pois envolvem ações dialógicas e participativas. Isso ocorre em todo mundo.

## **1.2. Sobre redes sociais e a participação**

[...] a participação não é somente um instrumento para a solução de problemas, mas, uma necessidade fundamental do ser humano [...] (BODERNAVE, 1983, p.16).

É através da participação democrática que historicamente se deu a construção política dos atores sociais e as necessidades do enfrentamento às desigualdades sociais. Segundo Bodernave (1983, p.16):

A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades, [...] tais como a interação com os demais homens, a auto expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros.

Embora o caráter “natural” e “inato” não expresse a fabricação cultural humana, o texto de Bodernave fortalece como historicamente a participação levou os atores sociais a se organizarem em “Rede”, formais ou informais tanto para implementar ações que contribuem para conquista de garantias e direitos para a sociedade civil, como para fortalecer suas ações institucionais. Esta atuação em “rede” leva ao fortalecimento do tecido social, sujeitos promotores da cidadania.

Por outro lado, a palavra rede é bem antiga e vem do latim *retis*, significando entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. A partir da noção de entrelaçamento, malha e estrutura reticulada, a palavra rede foi ganhando novos significados ao longo dos tempos, passando a ser empregada em diferentes situações. O conceito de rede transformou-se, nas últimas duas décadas, em uma alternativa prática de organização, possibilitando processos capazes de responder às demandas de flexibilidade, conectividade e descentralização das esferas contemporâneas de atuação e articulação social.

Existem várias tipologias e composições de redes, mas invariavelmente as pessoas se reúnem e passam a atuar conjuntamente ao identificarem um objetivo comum, ou em torno de temáticas. São várias estruturas e funcionalidades encontradas nas redes.

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros.

No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca (ELIAS, 1994, p. 35).

Na prática, redes são comunidades, virtuais ou presencialmente constituídas. Essa identificação é muito importante para a compreensão conceitual. As definições de Rede falam de células, nós, conexões orgânicas, sistemas... Tudo isso é essencial e até mesmo historicamente correto para a conceituação, mas é a ideia de comunidade que permite a problematização do tema e, conseqüentemente, o seu entendimento. A conceituação de Rede, entretanto, enquanto sistema de laços realimentados provém da Biologia. Quando os ecologistas das décadas de 1920 e 1930 estudavam as teias alimentares e os ciclos da vida, propuseram que a rede é o único padrão de organização comum a todos os sistemas vivos: "Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes" (CAPRA, 1996, p.102 apud MARTINHO, 2003, p. 10).

Castells (2000) define que "Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta" (2000, p.498). Embora tal definição seja sucinta demais, ela nos apresenta a estrutura básica de uma rede, que poderia ser descrita, também sumariamente, como um conjunto de elementos ligados entre si e suas respectivas interligações.

Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto, altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (...). Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder. (CASTELLS, 2000, p. 498)

Whitaker (1993) também propõe uma tipologia de redes, mais simplificada. As redes podem interligar somente pessoas; somente entidades; e ambos. Também "[...]podem ser de diferentes tamanhos - de uma equipe que trabalhe em rede a uma rede de bairro ou de sala de aula, até uma rede internacional. Podem existir igualmente redes de redes. E dentro de uma rede podem se formar sub-redes, com objetivos específicos". (WHITAKER, 1993, p. 8)

Para o trabalho em rede precisamos considerar alguns princípios como a democracia, onde a participação das pessoas e a diversidade são fundamentais.

[...] assim como nas organizações da sociedade civil, a rede sustenta-se numa lógica da participação baseada no livre exercício da cidadania e em vínculos de solidariedade estabelecidos de forma espontânea. (MARTINHO, 2003, p.43)

A ideia de formar redes vem da experiência com comunidades e do desafio de obter sustentabilidade e maior efetividade nas ações, como já vimos.

[...] é possível construir formas de organização social inovadoras, baseadas em princípios democráticos, inclusivos, emancipadores e que busquem a sustentabilidade. Desta forma, organizações, pessoas e grupos de todas as partes, do local ao global, podem somar seus talentos, vocações e recursos em torno de objetivos comuns e fortalecer a ação de todos. Criando conexões abrimos à nossa frente um enorme horizonte de possibilidades. Podem ser parcerias, trocas, amizades, afetos, novos valores e formas de convivência, criação de conhecimentos, aprendizados, apoios, diálogos, participação, mobilização, força política, conquistas e muito mais. (MARTINHO, 2003, p. 3)

Com o mestrado, passei a incorporar ações de mediação social e cultural, tanto nas atividades de ensino-aprendizagem com grupos comunitários, como na sala de aula e nas formações de atores locais. Trajetória que trarei para este estudo.



## CAPÍTULO II

### Na ponte, ouvindo as vozes dos caminhantes... e a chuva.

---

Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. Desta forma, consciência de e ação sobre a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação. (FREIRE, 2011, p. 66)

#### **2.1. Buscando respostas**

Na primeira etapa da pesquisa foi elaborado um questionário piloto, respondido em 22/09/2016, por um mediador social que atua na região do bairro da Aclimação em São Paulo.

A aplicação do questionário piloto propiciou algumas análises prévias que ajudaram na obtenção das informações relevantes para aprimorar o foco do problema de pesquisa e de seu desenvolvimento com as entrevistas. O entrevistado Roger S. Itokazu tem 39 anos de idade, graduado em Psicologia em 2010, Pós-Graduado em Saúde Pública/USP em 2014, mestrando em Psicologia Social PUC/SP e há dezessete anos atua como mediador social no SENAC - São Paulo, dividindo seu tempo em 12 horas para mediação e 18 horas para docência. Sua principal motivação para atuar como mediador social é a promoção do desenvolvimento social, democracia e justiça. Acredita que o papel do mediador está focado nos projetos comunitários e de extensão, e aprendeu a realizar seu trabalho junto aos grupos comunitários e redes sociais na prática, um “auto ditada, na prática (inicialmente), formação por cursos curtos na USP, SENAC, Instituto Colibri e 4 Elementos”, como diz na resposta ao questionário.

A hipótese levantada por mim para este estudo é que a maioria dos mediadores sociais culturais começa a atuar e aprendem com a prática a realizar seu trabalho de mediação. A maioria dos entrevistados tem formação na área de humanas, mas falta uma formação específica para mediadores sociais culturais. Percebemos que o educador se descobre mediador dado ao desenvolvimento de competências e habilidades para ser formador, talvez pelo compromisso de contribuir para a transformação social.

Compartilho as respostas do mediador social a respeito de sua prática cotidiana. Acerca da sua formação teórica e prática, “a leitura do ‘subtexto’, das motivações pessoais e grupais e o manejo destas situações” foram importantes para o início de seu trabalho como mediador social.

Em geral, os mediadores na atuação junto aos grupos se deparam com muitos desafios que os impulsionam para a pesquisa, em busca de experiências e embasamento teórico para auxiliar a prática.

A respeito da formação em outros cursos, o entrevistado destaca e coloca em prática “a visão ética e política como princípio, a defesa/expansão de direitos e fortalecimento de grupos enquanto práxis”. Destaca que um dos principais aprendizados com a prática foram as “metodologias ativas de intervenção junto a grupos, teóricos que tratam de metodologias de mediação de grupos, e desenvolvimento de comunidades”. Mais uma constatação: as abordagens dialógicas são utilizadas como importantes ferramentas para o trabalho do mediador. (No capítulo III discorro sobre estas e outras metodologias).

Como principais fontes que contribuem para a ação de mediação, Roger cita: “Paulo Freire, Ana Claudia Torres Ribeiro, Dirce Koga, Milton Santos, Carmelita Yazbek, Bader Sawaia, Silvia Lane” e, o que fundamenta sua ação; exemplos das suas práticas relacionadas com essas fontes/fundamentação: “diálogo, leitura de contexto, construção de visão comum, compartilhamento e fortalecimento de novas lideranças. Exemplos: Rede de Atenção a Criança e Adolescente de Diadema, Rede Social Cambuci e região”.

Junto à Rede Social do Cambuci tem feito um trabalho focado no resgate das atividades de artes e artesanato do bairro e acredita que este caminho possibilitou uma maior interação entre os atores locais, suas atividades já desenvolvidas no bairro e a conexão no grupo foi maior. A arte do grafite como uma linguagem para ressignificar espaços urbanos e a partir daí, trabalhar o sentido de pertencimento e desenvolvimento do bairro.

Ele acredita que o papel do mediador na sociedade é contribuir para a “Educação [...] fortalecer a força popular através da problematização da realidade e do planejamento da ação coletiva visando um bem comum, em que as diferenças são respeitadas e inseridas no processo”.

Solicitei que descrevesse sucintamente a sua metodologia de trabalho, citou “Mapeamento territorial (vivido e legal) > articulação de pessoas do mesmo local, de acordo com interesses comuns > promoção no fortalecimento no sentimento de grupo > projetos comuns de intervenção e co-responsabilização. ”

Para ele, os principais aspectos facilitadores e dificultadores para o trabalho do mediador “depende da dinâmica do território e do processo desencadeado. Elenco: perfil do mediador, representatividade institucional, atores locais, classe social dos envolvidos, poder público, dimensão da cidade, sentimento de pertencimento ao território e ao projeto e ao grupo, tempo livre, local da ação”. Na resposta apenas elencou alguns aspectos envolvidos que dependem de uma série de circunstâncias presentes nos grupos. Para uma melhor análise será necessário aprofundar esta questão com a realização de uma entrevista.

Desafiado a propor uma formação para novos mediadores sociais, Roger ressalta: “Muito próxima à formação de um educador popular, mas inserindo-se temas como: metodologias participativas, território”.

A prévia desta análise forneceu elementos para buscar outra metodologia onde a narrativa pudesse agregar e trazer com mais propriedade a prática com maior aprofundamento nas questões centrais, principalmente a respeito da formação do mediador social e cultural e as metodologias utilizadas.

## **2.2. Entrevistas**

Considerando que homens e mulheres são seres de relação e que o aprendizado é social, como se dá a participação e a construção de ambientes colaborativos em comunidades de aprendizagem mediados pela memória do lugar? Se a diversidade cultural e conceitual de experiências e de talentos de coletivos representam a riqueza e o potencial dos grupos; como o mediador social e cultural pode contribuir para diálogos interculturais, desenvolvimento de competências e aprendizagens significativas? Diante deste contexto, como se dá a formação do mediador social, quais as abordagens utilizadas?

Para entender este campo de atuação a partir destas questões, entrevistei sete profissionais com formações diversas, que atuam em educação e realizam o trabalho de mediação social e cultural. A identidade dos entrevistados pode ser

conhecida no quadro abaixo, com a devida autorização para publicação dos depoimentos em anexo.

<b>Nome</b>	<b>Formação</b>	<b>Atuação</b>	<b>Data</b>	<b>Tempo</b>
Gabriela Aidar	História e Master em Museologia	Gestora da Equipe Educativa da Pinacoteca de São Paulo.	12/04/2017	41min16s
Arnaldo Bassoli	Psicologia	Cofundador da Escola de Diálogo São Paulo.	03/03/2017	23min54s
Joelma H. Matos	Sociologia	Coord. do Centro de Referência da Assistência Social de Valparaíso – GO	03/03/2017	01h05min47s
Lia Diskin	Jornalismo e Crítica Literária	Cofundadora da Associação Palas Athenas de São Paulo.	20/04/2017	58min37s
Marlene Masino	Comunicação e Counseling	Coord. do Programa de Informação no “Ufficio di Assistenza Riabilitativa” Presídio de Lugano na Suíça	04/04/2017	30min34s
Martha Pimenta	História	Mediadora da Rede Butantã e Rio Pequeno de São Paulo.	03/07/2017	E-mail
Roger S. Itokazu	Psicologia e Mestre em Psicologia Social	Docente na Empresa SENAC São Paulo	01/03/2017	25min40s

Quadro I - Entrevistados, 2017.

#### Apresentação dos entrevistados

- **Arnaldo Omair Bassoli** Júnior, brasileiro, é um dos fundadores da Escola de Diálogo, psicólogo psicoterapeuta, especializado em jogos cooperativos e facilitador de Grupos de Diálogo.

Bassoli apresenta o desafio de estabelecer o diálogo e reduzir os impactos ambientais. Traz sua experiência como consultor e discorre sobre a intermediação do diálogo entre pessoas de uma comunidade em MG e empresas. Aponta como resultados obtidos, a organização de um grupo composto por atores locais e representantes da empresa. Encontraram soluções para diminuir o impacto ambiental e melhorar a saúde das pessoas, saindo da dependência do governo municipal que não apresentou nenhuma solução para o recapeamento da estrada. Considerou ainda que todos ganharam, pois saíram de uma situação extremamente polarizada. Segundo ele, após os encontros passaram a dialogar empaticamente e buscar soluções possíveis. Como resultados, levanta:

- Minimizar a questão da poeira, que impactava a comunidade, com ações simples como cobrir os caminhões com lonas;
- Regar a estrada com caminhões pipa;
- Aproximar a direção da empresa da comunidade

A humanização das relações através do diálogo mediado por Bassoli propiciou este desfecho e ele destaca que:

“O diálogo tonou-se uma coisa muito boa, prazerosa, as pessoas conseguiam falar na presença das outras. [...] A empresa iria investir na criação de uma praça”.

O medidor ressalta que as mudanças ocorreram também com ele: “agora quando passo por esta estrada para chegar à empresa, quando eu vejo alguém eu paro o carro e cumprimento e a pessoa também me cumprimenta”. Nota-se que as relações de confiança no trabalho colaborativo acontecem quando o diálogo é estabelecido.

- **Gabriela Aidar**, brasileira, é graduada em História pela Universidade de São Paulo - USP, especialista em Estudos de Museus de Arte, pelo Museu de Arte Contemporânea, e em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da Universidade de São Paulo. Obteve o título de Master of Arts in Museum Studies pela Universidade de Leicester, na Inglaterra. Gestora do Programa Educativo da Pinacoteca de São Paulo.

Aidar atua há mais de vinte anos no Educativo da Pinacoteca e atualmente

está na gestão da Equipe do Educativo do Museu. Compartilha sua experiência na formação de educadores sociais. Utilizando-se da mediação cultural em espaços de cultura, traz outro olhar e uma enorme contribuição para o estudo, principalmente no que tange à formação de educadores para a interdisciplinaridade. Apesar de não se considerar mediadora cultural ou social, realiza o trabalho visando transformação social (FREIRE, 1998). Com a formação em Museologia, citou vários autores que embasam o seu trabalho.

Mantém projetos educativos para inclusão social e formação de educadores sociais demonstrando assim, uma forte preocupação com o impacto social que pode gerar a partir da educação e cultura que realiza no museu. Extrapolando o espaço físico e acervo para além-muros, buscando pontes de interseção entre o sujeito, sua história de vida, seu estar no mundo e a relação do seu sentido. Enfatiza a importância do diálogo no trabalho junto aos grupos visitantes, formação de educadores, e nesta ação-reflexão-ação o aprendizado é que acaba formando o educador do museu na prática da mediação.

Ela entende a mediação como um processo educativo, intrínseco à atividade do educador social. Comenta que dois autores a influenciaram neste aspecto: Freire e Vygotsky, no sentido de considerar os conhecimentos prévios, os saberes construídos e a construção do conhecimento. Especificamente na mediação ela cita vários autores com foco no trabalho de mediação em espaços de museu onde faz questão de frisar que foi e é ali o seu foco de atuação. Aprendeu a atuar junto aos mais diferentes grupos com a mediação do educativo do museu, que nunca pretendeu ser educadora, não fez licenciatura, mas se considera educadora. Acredita ser fundamental a formação de mediadores a partir do programa que vem implementando de formação de educadores sociais em museus e que assim como aprendeu a mediar na prática, lamenta a inexistência de uma formação específica para os mediadores.

- **Joelma Hermes de Matos**, brasileira, é educadora social, graduada em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo no ano de 2004. Narra sua experiência à frente de vários grupos, especialmente à frente da Coordenação do CRAS - Mediação comunitária - Rede Socioassistencial – Grupo de Mulheres - Valparaíso – GO.

O relato de Matos narra a experiência de mediação comunitária realizada junto a um grupo de mulheres em Valparaíso. Com a experiência exitosa no estabelecimento de um canal de comunicação e participação, o governo municipal implanta o CRAS - Centro de Referência de Assistência Social e convida a mediadora para fazer a gestão do serviço. A mediação comunitária propiciou a implementação de políticas públicas.

O embasamento teórico, principalmente nas premissas e metodologias participativas visando à transformação social (FREIRE, 1999), foi o diferencial na formação como educadora social e na mediação de grupos comunitários. Formações como agente socioambiental, com enfoque na formação de adultos visando a autonomia e criticidade (GADOTTI, 2000), formação com foco no desenvolvimento de competências e habilidades, tendo como premissa a Educação para o Futuro UNESCO, os quatro pilares da educação (DELORS, 1998), uma formação com base na convivência, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer. O conceito de sustentabilidade, a partir da Eco92, passou a integrar o currículo de formação dos educadores, contribuindo para uma visão mais holística.

- **Profa. Lia Diskin**, argentina, é professora, formada em Jornalismo com especialização em Crítica Literária pelo Instituto Superior de Periodismo José Hernandez, de Buenos Aires. Realizou estudos sobre as Upanixades na Vedanta Society em Uttar Pradesh, Índia. Especializou-se nos filósofos Nagarjuna e Kamala Shila no Centre for Tibetan Studies da Library of Tibetan Works and Archives em Dharamsala, Índia. Coordenadora das visitas de Sua Santidade o Dalai Lama ao Brasil. Detentora de inúmeras premiações, entre elas um prêmio por sua contribuição na área de Direitos Humanos e Cultura de Paz recebido na comemoração dos 60 anos da UNESCO. Palestrante e criadora de inúmeros programas socioeducativos no Brasil e no exterior. Editora de mais de 50 obras de autores consagrados, autora e coautora de uma dezena de livros, sendo os mais recentes: “Vamos Ubuntar? Um Convite para Cultivar a Paz” (UNESCO) e “Cultura de Paz - Redes de Convivência” (SENAC). Formação de mediadores para uma cultura de paz – Instituto Palas Athenas/SP.

Diskin atuou com diversos grupos e seu relato discorre acerca da formação do mediador educador, da importância de rever e refletir sobre todas as coisas principalmente verdades estabelecidas, ou o perigo das histórias únicas. Ela traz um cenário sobre a ditadura na Argentina e no Brasil, a fundação do Palas Athenas e a criação de um espaço de diálogo e a cultura de paz, o cenário global das migrações, dos refugiados, a escassez dos recursos naturais, a violência contra os jovens, e necessidade de resistir, persistir e insistir.

- **Marlene Masino**, italiana, formada em Ciências da Comunicação e formadora de adultos, tendo estudado por 3 anos aconselhamento na escola de Counseling. Mediação na formação de formadores/educadores – experiência na Suíça.

Masino destaca o trabalho com adultos, a formação de formadores e Counseling. Diante da complexidade de grupos com pessoas oriundas de vários países, o desafio era encontrar um caminho possível para que as pessoas que ali estavam obrigadas a fazer as aulas se interessassem por elas. Dar sentido para elas! Trabalhar as dificuldades do idioma, questões práticas do dia a dia em um país estrangeiro foi um caminho.

O diálogo como processo de transformação foi um caminho e como estratégia, a mediação. Mediação em sala de aula, nos projetos práticos do cotidiano e nos conflitos.

Após a experiência como formadora, a entrevistada contribui e narrou a experiência na formação do grupo de formadores que encontravam dificuldade para trabalhar a mediação nos grupos e a comunicação entre eles.

- **Martha Pimenta**, brasileira, formada em História, professora da Rede Estadual de Ensino por 12 anos, ministrando aulas de História para Fundamental II e Ensino Médio, especialmente em escolas do Butantã, foi uma das fundadoras da Rede Social Butantã, onde atua até hoje como mediadora. Tem colaborado em fóruns temáticos, onde nos conhecemos em parceria nas redes sociais locais. Mediação na rede microrregião do Butantã.



Pimenta, uma parceira que iniciou seu trabalho em 1998 junto à Rede Butantã, resultante do trabalho de um projeto da USP que visava estreitar o relacionamento no entorno, principalmente com as escolas públicas. A partir de então surge o Projeto Avizinhar-Escola, cujo objetivo era o fortalecimento de vínculos, além de contribuir para a comunicação entre as escolas e favorecer a integração para constituir uma rede. Dois anos depois, começou a estreitar laços e junto com a região do Rio Pequeno fundaram a Rede.

Segundo relato da Pimenta “[...]nessa época eu não tinha nem ideia do que seria uma rede... junto com os demais participantes, fomos trabalhando este conceito, procurando entendê-lo e colocá-lo em prática. [...]acredito que nós aprendemos na ação. A ação em rede tem como principal desafio garantir a manutenção da horizontalidade entre seus membros[...].”

Ter clareza do papel de mediador é um aprendizado que só com a experiência se adquire, senão, não é rede, é uma pessoa definindo e conduzindo um grupo, o que foge totalmente aos princípios e objetivos do trabalho em rede. Como completa a entrevistada: “[...]acredito que a consciência do grupo participante de que os princípios fundamentais da Rede devem ser mantidos e respeitados supera esta dificuldade possível”.

O Projeto inicial da USP terminou, mas a rede ampliou e ganhou força até hoje com o ingresso de várias organizações do terceiro setor da região. Pimenta continua voluntariamente a participar e contribuir com as ações. Ela conclui que a experiência foi enriquecedora para sua vida profissional e que “aprendeu muito com os participantes sobre a região onde mora do que qualquer outro curso poderia ter ensinado”.

- **Roger Seiji Itokazu**, brasileiro, é graduado em Psicologia e pós-graduado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo – USP. Atualmente é mestre em Psicologia Social pela PUC e mediador social no SENAC - São Paulo. Atuamos no mesmo programa. Além da entrevista, ele participou do questionário piloto que foi realizado e já citado anteriormente. Mediação participação popular – Diadema.

Itokazu tem uma forte atuação política junto à formação de jovens, com foco na área de esporte, cultura e lazer junto ao poder público.

O entrevistado narra a experiência e os desafios que teve e como a mediação foi um caminho possível para atuar junto aos grupos e principalmente no enfrentamento das adversidades em espaços de alta vulnerabilidade da periferia de Diadema. O diálogo aparece como uma ferramenta indispensável que além de aproximar, cria um espaço educativo de formação e transformação social.

### **2.3. Análises, trazendo as vozes**

Compartilho abaixo o roteiro de perguntas norteadoras utilizado com todos entrevistados:

- *Fale-nos um pouco sobre a sua caracterização pessoal, profissional, sobre a sua formação acadêmica e os locais por onde você atuou.*
- *Considere também o contexto onde sua atuação se deu, como era esse espaço, quem eram seus participantes e protagonistas.*
- *Dentro desse contexto, quais foram as colheitas dessa ação mediadora, e os aprendizados?*
- *Você identifica que houve alguma transformação a partir dessa ação?*

Considero que alguns pontos foram determinantes para os resultados obtidos e os descrevo a seguir.

As entrevistas foram gravadas e realizadas pessoalmente. Durante a entrevista com Diskin (20/04/2017) no Instituto Palas Athenas, a entrevistada começou a discorrer sobre sua belíssima trajetória, desde a saída da Argentina em tempos de ditadura até chegar ao Brasil. Durante seu relato eu tentei anotar alguns pontos importantes, mas não me atrevi a interrompê-la, fiquei totalmente envolvida com seu relato que durou cinquenta e oito minutos.

Aidar me recebeu na Pinacoteca (12/04/2017), a sua entrevista durou quarenta e um minutos. Após uma breve explanação minha, ela começou a narrar sobre sua experiência, interrompendo-a algumas vezes para entender melhor sua trajetória de formação acadêmica e profissional. Quando percebemos, estávamos dialogando sobre nossas percepções acerca do trabalho de mediação social e cultural. Sua vasta experiência na área nos instiga a conhecer mais sobre o trabalho

realizado na formação de educadores sociais. Trocamos impressões sobre o território onde atuamos e estratégias para fortalecer as ações em parceria.

Com os outros entrevistados, diante da impossibilidade de realizar a entrevista pessoalmente, pois estavam fora da cidade, combinamos realizá-las via web, com o envio dos áudios. Encaminhei as instruções, as perguntas, e posteriormente à escuta das narrativas, os complementos se necessários. Os entrevistados gostaram desta forma de gravar as respostas em áudios “na hora que estavam inspirados” disseram que se sentiram à vontade para complementar e elucidar possíveis dúvidas.

Matos enviou vários áudios com duração de sessenta e cinco minutos (03/03/2017). Emocionamo-nos em lembrar nossas atuações e identificações com trajetórias tão próximas. O mesmo ocorreu com a Pimenta (03/07/2017) que preferiu enviar seu relato por e-mail. Bassoli ao final de vinte e três minutos (03/03/2017) de áudio gostou da experiência; disse também ter gostado de responder às questões. Masino enviou trinta minutos de áudio (04/04/2017); gostou muito de ter respondido as questões e as achou bem interessantes. Eu a conheci no Projeto Social onde fomos voluntárias e tive oportunidade de visitar as oficinas da ONG em Lucerna onde atuou. Itokazu enviou vários áudios de vinte e cinco minutos (01/03/2017), complementados à medida que se lembrava de detalhes. Fui acompanhando o envio dos áudios e quando solicitada esclarecia suas dúvidas, explorava as questões, e a narrativa transcorreu bem livre e aberta.

As transcrições dos áudios foram enviadas a cada entrevistado e ficaram à vontade para complementar como desejassem e gostaram muito de acessar seus relatos. Tenho todas as autorizações para publicação e gostei ainda mais quando manifestaram seu contentamento em dar a entrevista, como frisaram com perguntas inspiradoras.

Para compreender a área de atuação de cada entrevistado, após a transcrição levantei categorias de análise buscando perceber o amplo e complexo universo em que atuam os mediadores sociais culturais.

Para estabelecer os critérios de análise, foi criado um mapa com os principais elementos que apareceram nos depoimentos. Nas frases ao encontrarmos elementos subjetivos trouxemos a fala literal do entrevistado.

A partir da criação do mapa, que nominamos de Cartografia das Falas (Anexo 1), passamos a adotar o método cartográfico para investigação do processo. As categorias foram constituídas a partir de elementos comuns das citações por ordem de relevância do tema e que aparecem em outros depoimentos. Por exemplo: o *Diálogo* aparece nos relatos como um diferencial e determinante no papel do mediador educador. Desta forma, constitui-se como uma categoria importante para a análise.

Elas apresentam reflexões acerca do trabalho do mediador social e cultural no âmbito do trabalho desenvolvido junto a grupos comunitários, grupos educativos, gestão de equipes, educadores/formadores e grupo de alunos.

### 2.3.1. Relato das experiências: as escolhas de cada entrevistado

Ao perguntar sobre as motivações que levaram os entrevistados a escolher o relato de uma determinada experiência, encontramos várias respostas:

**Bassoli:** pelo envolvimento que foi além da expectativa entre os envolvidos representantes da empresa, lideranças comunitárias e ele.

**Aidar:** destaca a questão do envolvimento com o trabalho na formação dos educadores sociais principalmente junto aos grupos de inclusão social.

**Matos:** pela heterogeneidade da comunidade de Valparaíso, a qual exigiu muito dela.

**Diskin:** não fez menção a uma experiência, mas a um acontecimento que ocorreu na mediação em sala de aula que a tocou sobremaneira.

**Masino:** considera que mediar e facilitar os processos de comunicação é um recurso que se aprende a exercer em todas as relações humanas.

**Itokazu:** por sentir-se desafiado em atuar junto ao grupo de jovens.

**Pimenta:** destacou o aprendizado do trabalho com a Rede, os desafios e aprendizagem obtida durante todo tempo que ainda continua com o grupo. Aprendeu mais sobre a comunidade do que qualquer outra situação poderia lhe oportunizar.

### 2.3.2. Sobre atuação em rede

Levantei categorias de análise buscando perceber o amplo e complexo universo em que atuam os mediadores sociais que passo a descrever abaixo:

- Sobre gestão compartilhada

Itokazu, em sua entrevista, fala do caminho encontrado pelos jovens para envolver os moradores:

[...] Mapeando essas pessoas, elas começaram então a se articular para formar um grupo de gestão desse espaço, junto com o grupo de gestão dos jovens e dessa forma acontecia uma gestão compartilhada [...] os jovens começaram a organizar reuniões junto com os moradores. (Itokazu em entrevista)

- Sobre as competências do mediador/formador na reformulação de perguntas

Masino relata sobre a importância do papel do educador/mediador e as relações no grupo, especialmente na resolução de conflitos:

[...] Mesmo em situações onde os papéis não são muito claros entre as pessoas, ser concreto, ajuda a tirar todo tipo de pensamento de perda, de estereótipo e se colocar com uma atitude de resolução diante dos problemas. (Masino em entrevista)

Utiliza a metodologia de mediação quando se trata de uma questão da subjetividade das emoções e tenta mediar a comunicação e reformular as questões de forma compartilhada e democrática:

A competência do formador é a de ser democrático, de encontrar soluções, de mediar, na verdade [...] No meu trabalho eu sempre tentei misturar as técnicas de escuta ativa com técnicas de formação de grupo. Então a mediação foi sempre um aspecto muito importante na minha profissão. (Masino em entrevista)

### 2.3.3. Sobre o diálogo

Assim como Masino, Matos, Aidar e Bassoli destacam a importância do diálogo na aprendizagem como um diferencial do papel do mediador/educador.

Segundo Bassoli “[...]fizemos contato com as pessoas e a princípio fomos, não para discutir o assunto, mas, para chama-las para as sessões de diálogo”.

A tomada de decisão por mediar o diálogo foi determinante para os resultados obtidos. O confronto deu lugar ao entendimento, a escuta ativa das reais necessidades de cada integrante. Aidar aponta a questão do diálogo como uma atividade intrínseca a sua prática:

[...] sobre o diálogo, toda formação de museus que eu tive, sempre pensando nessa questão do construtivismo, da interpretação, o diálogo sempre foi uma questão que nem se discutia. Eu não aprendi outro jeito, eu não sei aprender outro jeito de educação em museus que não seja por meio do diálogo. (Aidar em entrevista)

Para Diskin o diálogo está diretamente ligado à questão da escuta, para o mediador, educador facilitador:

É necessário antes de tudo qualificar a escuta, isso é pré-requisito para qualquer condição em que as pessoas se disponibilizem mutuamente a estabelecer um diálogo. Se não qualifica a escuta, avança-se pouco. (Diskin em entrevista)

Ainda no relato de seu trabalho realizado junto a um grupo de gestores e diretores de uma cooperativa em Blumenau, destaca o restabelecimento de outra forma de relacionamento com mais confiança a partir do diálogo, da vinculação, da qualificação da escuta:

Trabalhando justamente com as questões da Comunicação Não Violenta, questão do diálogo, questão da vinculação da qualificação da escuta, dos princípios que criam tecido, que criam continente, que criam rede humana [...] tem que ver quando consegue-se criar um espaço de confiabilidade em que se deixa muito claro – gente, aqui ninguém tem que agradar a ninguém. Vocês não têm que concordar com o que eu falo, não há nenhuma pré-condição para isto que estamos falando...e vemos as defesas, as carapaças, as armas, as armaduras caindo. (Diskin em entrevista)

Perguntei à Profa. Diskin, o que nos perguntam: como conseguimos? Ou seja, qual a mágica da mediação e do diálogo? Ela respondeu: “Simplesmente despertando confiança!”. A partir deste ponto, destacamos a reformulação das perguntas, da qualificação da escuta, escuta ativa, e a questão do fortalecimento dos vínculos fica em evidência nos trechos a seguir:

- Uma experiência: a chuva

Indaguei a Diskin se nos cursos que tem realizado, nos encontros, se ela tem alguma experiência que gostaria de relatar sobre a questão de um acordar para a mediação e ela compartilha uma emocionante história: “A chuva”.

Eu dou um programa chamado práticas atencionais, e que tem pessoas absolutamente de todos os grupos, todas as profissões, na turma temos uma pessoa que não conseguia olhar [...] estamos no terceiro trimestre! Estamos hoje falando dos 4 graus da oração, segundo Santa Tereza de Ávila em que ela diz que na educação para prece, o primeiro é ser como um balde, pode-se comparar a um balde, para buscar algo em um poço, e carregando esse balde, levá-lo para a terra que a gente quer regar e nutrir. No segundo passo já diminui o esforço, dizia ela, porque pegamos uma manivela e uma roldana e conseguimos tirar a água do poço, para poder levar e regar a horta ou o jardim que queremos. No terceiro passo da prece ou da oração, é questão de achar um riacho, achar um lago, para que a gente abra a comporta, passe nessa água, feche [...] já não temos tanto mais esforço. Eu ia explicando isso, cheguei a terceira e falei: “o que imaginam agora que será o quarto passo, de onde, acontecerá essas águas para o quarto passo?” e essa pessoa me olhou e falou: “da chuva”. Foi uma emoção para mim! Essa pessoa me olhou, me olhou, e falou na turma, falou em público: a chuva. E de fato, Santa Tereza fala que é a chuva, que é o poder do divino... é uma emoção tão grande. Estamos no terceiro trimestre, ela manifesta-se com tanta serenidade no rosto, com tanta candura “a chuva”, não pode ser outra coisa. Isso justifica qualquer coisa, isso justifica qualquer coisa, qualquer coisa. (Diskin em entrevista)

A Diskin, visivelmente emocionada, nos toca de forma indelével com seu relato. São momentos genuínos que do encontro entre educadores protagonistas do diálogo e da escuta ativa que sentem, se reconhecem e sabem o quanto é importante continuar com este trabalho.

Anteriormente discorrendo sobre os desafios da atuação, sobre o trabalho de enfrentamento em várias ações junto aos jovens, ela ressalta sobre a vocação de vida, na profundidade de três palavras: Insistir, Persistir e Resistir!

[...] Temos um trabalho muito grande pela frente e o primeiro trabalho é não desistir. Eu tenho três verbos: insistir, persistir e resistir. São meus três verbos. Porque isso é uma vocação de vida, e uma vocação de vida não se pode mudar apenas porque as circunstâncias externas mudaram. As circunstâncias externas mudaram, mas a vocação continua sendo a mesma. A maré está encrespada, bom, vamos aprender a nos equilibrarmos com a maré encrespada, mas não me cabe também a menor dúvida que a longo prazo vamos revisitar as premissas que temos plantado no final do século 20 e todo o início do século 21. Vamos dizer “essas premissas

não são viáveis”, “não são sustentáveis”, “a vida não se apoia apenas nos vencedores”, “a vida não é feita apenas para os competidores”, “a vida tem muita profundidade”. (Diskin em entrevista)

- Sobre experiências com grupos de mulheres e adolescentes

Matos destaca ações que precisou lançar mão para mediar o trabalho junto ao grupo de mulheres:

[...] o grupo de mulheres só ia quando eu coordenava, falávamos sobre sexualidade de forma bem espontânea e descontraída, elas adoravam... testei várias coisas como a Terapia Comunitária, Café com Prosa e Tricotapia [...] então eu acredito que a minha intervenção junto à comunidade fez a diferença [...] o diferencial foi o *temperinho* mesmo do *amor*. (Matos em entrevista)

O *temperinho* do amor que Matos menciona e explica mais adiante no seu relato nos remete à intencionalidade de FREIRE (1999), o compromisso da transformação social: “[...]da militância, de acreditar, de querer realmente promover uma transformação nas pessoas [...]”. Matos ressalta a importância do fortalecimento de vínculos como uma ação fundamental para o trabalho:

Como coordenadora eu atuava no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, uma proposta para desenvolver atividades com crianças, adolescentes, jovens e idosos. Criamos o Centro de Convivência da Criança e do Adolescente, onde desenvolvemos muitas atividades [...] com idosos que era o grupo mais participativo. (Matos em entrevista)

Desta forma, através do diálogo e do fortalecimento de vínculos a entrevistada passa a ter maior participação dos grupos, bem como, mais representatividade, integrando a cidade ao trabalho. Aidar também fala da militância, da paixão pelo educativo:

Hoje em dia eu acho fascinante, muito interessante. E a gente acaba virando militante, é uma coisa meio complicada, a gente vira aquele chato. Você vira educador, [...] que está sempre pondo o dedo, questionando, criticando. Você quer que as pessoas aprendam a pensar e questionar. Eu acho que o nosso papel em última instância é fazer com que as pessoas tenham a liberdade crítica, aprendam a questionar. Por isso eu acho ótimo no processo mediático quando as pessoas questionam, é isso o que buscamos. (Aidar em entrevista)



#### 2.3.4. Sobre a mediação cultural

As expressões culturais nas diversas linguagens artísticas contribuem para o desenvolvimento de pessoas e comunidades, um diferencial na formação cidadã e autonomia [...] apropriação dos equipamentos históricos, culturais como espaços de aprendizagem mediados pela arte (MARTINS, 2010).

Em seu relato, Aidar destaca o papel da arte: “[...]a arte possibilita outros canais de comunicação, são outros canais que passam por outras questões... eu acho que é porque ela tem esse potencial de canalizar muito essas questões da nossa *subjetividade*, porque ninguém responde igual a uma obra de arte, porque a gente traz nosso repertório, as nossas vivências. Ela [a arte] dialoga com as questões que às vezes estão até meio inconscientes, então essa potencialidade que arte tem de dialogar diretamente com a nossa subjetividade, além da nossa cognição também, claro, não é só subjetividade, eu acho que é isso que ela tem de potente nesses processos”.

E complementa com a importância do papel do mediador neste processo: “[...]agora como que você vai trabalhar com isso é a questão. Isso vai depender muito do grupo e do mediador fundamentalmente”. Aidar destaca as dificuldades iniciais do trabalho ao convidar Ong’s, cooperativas, movimentos sociais, pois questionavam: “museu, arte, para quê?”. Nos relatos que colheu, percebeu o ganho do trabalho social, especialmente com os educadores sociais como relata:

[...] o quanto na maior parte dos casos, a cultura acrescentou para o trabalho que eles já faziam [...] é muito variado também, o educador pode ser o professor de capoeira, o psicólogo que faz um trabalho no abrigo, é um campo muito abrangente e aí cada um vai por um caminho. (Aidar em entrevista)

Destaca a aprendizagem para o grupo social “[...]as questões de reconhecimento, de auto reconhecimento de identidade, essa questão das identidades culturais vem muito forte para esses educadores”.

Complementa falando da importância de trabalhar a identidade cultural, fortalecimento de identidades, de apropriação do território, de apropriação dos equipamentos culturais da cidade como exercício dos direitos culturais, destaca que a questão dos direitos culturais é fundamental. “[...]para nós isso é um impacto muito

significativo, porque existe um senso comum muito ruim de que cultura é um acessório e não é, a gente sabe disso”.

#### 2.3.5. Sobre o papel da arte no processo educativo

Aidar fala da arte como meio no processo educativo e narra uma experiência com técnicos da Assistência Social na abordagem com pessoas em situação de rua, ao utilizarem os materiais educativos que são reproduções das obras de arte e como um diálogo foi estabelecido.

[...] eles chegavam com essas imagens de pinturas e começavam uma conversa com essas pessoas que estavam na rua. E perceberam o quanto os vínculos, a conversa fluía melhor dessa maneira [...] conseguiam chegar e estabelecer um vínculo e chegar a questões muito mais facilmente, do que se eles chegassem com questionários ou de outras maneiras como estavam fazendo antes[...] (Aidar em entrevista)

Ao narrar esta experiência ela destaca o quanto a marcou, pensando por onde passa o objeto artístico e o sentido da prática do museu. “[...]o fazer artístico é fundamental, mas a nossa prática está mais ligada à fruição, à apreciação artística, mas ela também leva a essas outras questões[...]”.

Finalmente entende a arte como um meio no processo educativo, as muitas possibilidades que ela oferece para trabalhar com muitas questões e tem feito isso à frente de uma equipe de profissionais na Pinacoteca impactando vários e todos os públicos, abrindo espaço para o território com programas de incentivo e visita ao museu junto aos parceiros e à rede.

#### 2.3.6. Sobre as influências teóricas

Aidar cita as propostas de Freire como fundamentais, especialmente na do que ela chamou “quebra da lógica de autoridade do educador”, para uma educação que se dá de forma mais compartilhada.

[...] partir dos referenciais do educando, isso para mim é fundamental. Se você não parte dos referenciais do educando você não consegue estabelecer um diálogo, não é uma língua comum[...] (Aidar em entrevista)

Um dos grandes referenciais para ela é o trabalho do educador Vygotsky, na perspectiva do processo de desenvolvimento e do aprendizado, na interação social e cita também pessoas que tem pensado a educação não formal que ajudam a pensar no âmbito de atuação em museus como: Olga Von Simson, Renata Ciro Fernandes e Margareth Park, da Unicamp.

Autores estrangeiros também a influenciaram, tais como: Arlim Hooper Greenhill, teórica da educação em museus, de quem gosta muito das ideias, principalmente na questão das “comunidades interpretativas”, referenciais para trabalho em grupo; outro autor é George Hein, no que tange ao aspecto do “construtivismo na educação em museus”.

Na ideia da narrativa e do processo interpretativo na construção do conhecimento em museus, ela cita a autora americana Lisa Roberts. Já sobre o papel social dos museus ressalta as educadoras Maria Célia Moura Santos, Denise Grispum e Miriam Celeste Martins especialmente com relação à educação em arte. Ainda sobre o papel social dos museus Hugues de Varine-Bohan, Richard Sandell e David Anderson são suas referências, pois discutem os direitos culturais em museus.

“São muitas referências na verdade, que vão construindo um pouco essa teia que vai dando sentido para o que a gente faz, e a gente pensa muito nessa intersecção entre uma ação cultural e a ação social permeada e mediada pela educação em museus”. O resultado deste trabalho pode ser conhecido na produção dos textos e reflexões que a Equipe do Educativo realiza e que esperam poder contribuir com esta linda experiência. Diskin menciona referenciais importantes que inspiraram o início da fundação do Instituto Palas Athenas.

[...] Uma instituição vocacionada fundamentalmente à convivência. A missão de paz é aprimorar a convivência humana mediante ações educativas que visam à aproximação das culturas e a articulação dos saberes. Naquela época (1973), começava-se a falar da multiculturalidade, [...] da transdisciplinaridade, tínhamos os primeiros movimentos na França com o Prof. Edgar Morin e Prof. Basarab Nicolescu. No Brasil os primeiros movimentos do Prof. Ubiratan de Ambrósio junto com Prof. Arnoldo Royos Guevara, que começaram a falar que os saberes poderiam mutuamente se enriquecer [...] incentivar novos campos e novas vertentes. (Diskin em entrevista)

Então naquele momento, segundo ela, surge o pensamento complexo, o pensamento sistêmico nas décadas de 70 a 90 que culmina com vários movimentos ecológicos.

[...] Já tínhamos os primeiros pensamentos da ecologia profunda... Pensamento de Maturana, Varela e em outra vertente Hooper Schedrik... um fervilhar e quase que uma preparação para o que se entendia que seria uma mudança e uma aurora no início do século. (Diskin em entrevista)

### 2.3.7 Sobre os desafios

Para finalizar as entrevistas, indaguei sobre suas percepções acerca dos desafios da mediação cultural e social. Seguem abaixo as citações mais relevantes:

- A formação de equipes

Aidar traz que atualmente se sente muito desafiada a trabalhar a mediação com a equipe de educadores; aponta que não existe um treinamento específico para fazer a gestão de equipe. A complexidade reside em questões muito subjetivas que estão envolvidas e aponta que se trata de uma mediação de interesses.

- Os limites de atuação

Segundo Aidar, o mediador precisa saber os seus limites de atuação, o cuidado de não se impor ao grupo principalmente nas abordagens:

[...]temos que mediar algumas questões, [...] algumas coisas são mais pertinentes, [...] podem ser mais interessantes em termos de coletivos do que outras...tem um papel ali de pontuar algumas questões para o grupo. E saber conduzir isso é muito desafiador. (Aidar em entrevista)

Masino também traz como um desafio a formação da equipe de formadores e utilizou a estratégia de abrir um espaço de tempo delimitado para discussão de casos nas reuniões, e obteve bons resultados.

Na verdade, os formadores começaram a trocar problemas fora das reuniões, durante o trabalho, durante as pausas [...] compartilhar um problema comum, desenvolveu-se essa consciência da troca. (Masino em entrevista)

Itokazu desacata o trabalho junto aos jovens, o desafio de atuarem no território sem uma política pública efetiva, a falta de atores para orientar, ouvir, compartilhar sonhos, o que ele chamou de “potencial pulsante”.

O que me motiva muito é pensar como é que se pode ficar diante de um potencial pulsante e não fazer nada?... O que me motiva é o próprio trabalho em si... Eu acredito que é isso que nos faz humanos, não nos conformarmos, não endurecer a pele. (Itokazu em entrevista)

Pimenta aponta como principal desafio no trabalho do mediador social a manutenção da horizontalidade no grupo:

A ação em rede tem como principal desafio garantir a manutenção da horizontalidade entre seus membros e o fato de uma instituição ou de uma pessoa ter um papel mais específico como articulador/mediador ou facilitador muitas vezes, levanta a questão da verticalização desta rede [...] No entanto, a consciência do grupo participante de que os princípios fundamentais da Rede devem ser mantidos e respeitados, superou esta possível dificuldade. Acredito que nós aprendemos na ação! (Pimenta em entrevista)

Diskin ressalta que um dos maiores desafios é o trabalho junto aos jovens, segundo ela, os que mais morrem, os que mais estão nos presídios e suscetíveis às drogas:

[...], mas os jovens não foram convidados nem para refletir, nem para sonhar, foram convidados única e exclusivamente senão para sentir, a sensação imediata e dar vazão aquilo que está pulsando também de imediato [...] a questão hoje é sentir, experimentar tudo, sem nenhum tipo de reflexão sobre as consequências desse tipo de experimentação[...]. (Diskin em entrevista)

Os desafios apontados por ela são ainda maiores, quando adverte: “[...]são desafios para os quais não temos experiências acumuladas”. E complementa:

[...] Por que os professores estão em sala de aula? Qual mudança o professor quer promover nos seus alunos? Porque em última instância, a gente aspira poder promover mudanças no outro... Isso é o papel do educador, o que vai promover a curiosidade, o que pode despertar essa inquietação a respeito de você mesmo, de suas próprias habilidades. (Diskin em entrevista)

Quando a professora Diskin traz estas reflexões, acerca do papel do educador, inevitavelmente nos remete a pensar porque o educador não lança mão

de outros espaços de aprendizagem e metodologias mais dialógicas, muito fortemente encontradas no papel do mediador para ressignificar sua práxis, trazendo como ela menciona a curiosidade, a inquietação, o despertar do educando e de suas próprias habilidades.

#### **2.4. Convergências**

Aspectos comuns dos relatos que confirmam as hipóteses levantadas no estudo:

- Os entrevistados têm formação na educação formal;
- Começaram a atuar ou atuam como educadores, e se descobrem mediando processos aprendizagem nos grupos e interações;
- O objeto são processos educativos em espaços de cultura ou em grupos comunitários onde demonstram e buscam o compromisso com a transformação social;
- São especialmente comprometidos com a formação de educadores sociais, atores locais para que possam ser protagonistas de suas histórias;
- Utilizam-se de ferramentas dialógicas; principalmente para transpor os desafios que os grupos apresentam nos processos de interação, comunicação e nos relacionamentos interpessoais.
- Similaridade com a trajetória de formação para atuação junto a grupos, bem como a citação de autores construtivistas;
- Predileção e atuação junto a grupos ganham destaque como uma possibilidade e maior assertividade nas ações educativas.

Percebemos pelas experiências narradas que a formação de mediador se deu a partir da prática. Nas narrativas notamos que a ação mediadora através de uma comunicação mais dialógica é percebida como um ganho pelo educador/mediador e pelo grupo que consegue, então, produzir resultados mais efetivos onde as somas dos saberes levam à construção do conhecimento.

Identificamos que não houve nenhum relato acerca de experiências que não ofereceram resultados significativos no campo da mediação social e cultural, isto se deve a partir de discorrerem uma situação selecionada por eles. Invariavelmente os processos de mediação participativos e dialógicos oferecem bons resultados com aprendizagens significativas, mas os resultados dependem de muitas variáveis como as necessidades do grupo, os participantes, atores locais, o contexto dentre outros aspectos.

Outra questão é acerca da horizontalidade que pressupõe o trabalho em rede e junto à experiência, percebemos que é um dos principais pressupostos, um norteador importante. A horizontalidade nas relações propicia no grupo maior fluidez da comunicação, é um diferencial importante para distinguir o trabalho em rede. O desafio aumenta quando o grupo confere ao mediador o papel de coordenar determina ação em rede. Ficar alerta para este duplo papel é fundamental; ter clareza que o aprendizado é do grupo que o mediador pode e deve apontar, sugerir, mas a decisão, o consenso, os resultados, assim como o protagonismo, devem ser do grupo.

## CAPÍTULO III

### **Avistando outras margens... as margens do passado e os desafios atuais.**

---

A Educação do Futuro está presente nas discussões atuais das instituições de ensino, principalmente na construção dos planos políticos pedagógicos. Foram criados grupos de trabalhos empenhados em promover encontros e visitas a projetos exitosos onde são trabalhadas premissas da Educação do Futuro preconizadas por Pacheco (2009). O convite aos educadores é ampliar o olhar, trazer para sua prática um papel de mediador do processo educativo, convidando-o a fazer a mediação do processo de ensino aprendizagem, como afirma Martins (2005, p. 87) “[...]o papel do mediador é importante para a criação de situações onde o encontro com a arte, como objeto de conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura”.

Esta tendência nos mostra a relevância de ampliar este estudo e buscar uma formação para educadores mediadores sociais culturais.

Durante a pesquisa encontrei estudos que são realizados em Portugal especialmente na Universidade de Lisboa. São cursos de formação de mediadores sociais específicos para o profissional interessado em aprimorar-se a nível superior na mediação da área social. Surpresa com os achados, com a pesquisa percebemos que cada vez mais o trabalho do mediador e do educador se confundem e se completam principalmente diante da necessidade de buscar metodologias de ensino e aprendizagem em vários ambientes, seja na sala de aula, seja nos espaços de cultura, nos grupos, coletivos ou redes presenciais. Os desafios são possíveis de superar com o uso das abordagens dialógicas e vem ganhando força para o trabalho junto aos grupos e só faz sentido na perspectiva da construção do conhecimento.

#### **3.1. (Des)aprender é preciso**

Em 2015 iniciei o trabalho de formação da Rede Social Luz e Bom Retiro, e o que fazemos quando convidamos os atores locais para formar uma rede social é



reunir uma parcela representativa deste local para pensar a mudança desejada, dialeticamente falando, a rede é apenas uma parte do todo, de uma rede muito maior.

Atuando como docente e mediadora social no SENAC Tiradentes comecei a convidar os atores da região para reunir e pensar em uma agenda comum, pois entendemos que ações integradas podem surtir mais impacto social, ou seja, mais efetividade e complementariedade nas ações.

Falar de aprendizados neste trabalho me faz refletir o quanto precisei rever modelos mentais para inovar. Atuar em ambientes complexos como o centro de São Paulo é preciso rever os modelos pré-estabelecidos e mergulhar no silêncio, sentir mais e perceber o grupo para somar e poder contribuir com a mediação na perspectiva da construção do conhecimento, criar espaços de diálogo para deixar emergir o novo. (SCHARMER et al, 2007).

(Des)aprender, como já mencionei em outros capítulos, novamente o desafio de aprender com o grupo, mas o grupo é um local conhecido, familiar, e a experiência de propiciar a conversa que tiver que acontecer, a conversa que importa foi um porto seguro diante do desconhecido.

Lançar-se em um terreno desconhecido: a cidade possui vários microterritórios, uma lógica própria de funcionar, das pessoas se relacionarem com a cidade (NORA, 1993), mas muito bem acompanhada com os nossos padrinhos que caminharam conosco durante a jornada de aprendizagem na formação de grupos cooperativos (PICHON, 1986), redes sociais, a “ser-tão e vir a ser-tões”, é uma força de estar muito bem acompanhada.

Mas, o desafio estava posto: vamos convidar, reunir as pessoas, os atores locais para conversar sobre uma agenda no território e pensar ações que podem promover mudanças significativas.

A mobilização social (TORO; WERNECK, 1996) é o primeiro passo para a formação de um coletivo, uma rede social, e o convite precisa ser claro, explicitado, e quanto mais diverso o grupo, mais possibilidade de reunir um grupo significativo do local (KAHANE, 2014).

O primeiro encontro foi a partir de uma necessidade do grupo de conversar com o subprefeito da região para discutir ações de melhoria do bairro. Neste

momento a mágica acontece, as pessoas percebem que elas não estão sozinhas, que suas necessidades e demandas encontraram um lugar onde elas podem depositar seus anseios e inquietações por um lugar melhor para sua comunidade.

Pessoas que se dispõem a minimamente realizar uma governança local; são atores locais que mais do que suas necessidades individuais, se preocupam com o bem comum.

Voltando à mágica, esta aconteceu e a conexão foi estabelecida; a partir de agora se estabelece um patamar, a micro rede que até então estava invisível torna-se visível; o momento é especial, rico, ter clareza da importância deste momento e deixá-lo explícito é o papel da pessoa que está fazendo a mediação, como o curador, aquele que cuida do espaço de diálogo para que não haja nenhuma intercorrência que possa interromper este processo de criação. Tecer a rede é reconstituir o tecido social, ou tomar consciência dele, é voltar à fonte, ao propósito da natureza humana (WEIL, 2001), à mística humana, articular e forjar a ação, o trabalho como condição humana de agir e ser.

O mediador social, como um curador, passa a ter um papel organizativo, convidando os atores para planejar e organizar os próximos passos da rede. Apresentar uma proposta para deliberar no início do encontro e aproximar os participantes, inclusive os novos para compor suas pautas e agendas, onde o encontro precisa fazer sentido para os presentes.

A construção do tecido social, a participação social, participação comunitária, o trabalho em rede só pode ocorrer em espaços democráticos e a horizontalidade é um dos princípios fundamentais para constituir uma rede social.

O ingresso de novos participantes muda a configuração do grupo a cada encontro, dependendo dos integrantes é outro grupo e é preciso que a pessoa que está à frente do trabalho de mediação, ou pessoas, tenham a trajetória, a história construída até o momento, contextualize para os demais, o que representa aquele grupo, quem são e seus propósitos.

A Rede Social Luz e Bom Retiro iniciou suas atividades em 2015 e já realizou várias ações junto à comunidade, atualmente conta com mais de cinquenta pessoas atuando colaborativamente. É composta por mais de trinta organizações/coletivos.

Nestes dois anos foram aproximadamente vinte e dois encontros com periodicidade mensal, iniciados em 2015 com 20 atores locais e hoje são mais de 100 pessoas participando e representando instituições, organizações sociais, serviços e programas públicos e vários grupos coletivos.

Dentre as prioridades locais elencamos a necessidade de atuar no território junto à população mais pobre realizando várias campanhas de saúde, educação, esporte, lazer e cultura.

As campanhas de prevenção à saúde foram prioridade, talvez pela forte presença de instituições da área da saúde, assim como a necessidade de ampliar e disseminar as informações sobre os cuidados com a saúde.

O Bom Retiro é exemplo de multiculturalismo em situação urbana. De acordo com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o Bom Retiro é considerado uma modelo de miscigenação e variedade étnica. As pesquisas de referência culturais realizadas apontam “equipamentos, cerimônias, lugares e formas de ver e pensar o mundo”, e descrevem atividades e costumes dos moradores do Bom Retiro. As ações que se seguiram foram:

- Ação local Luz: exposição de artesanato, atendimento à saúde, atividades de lazer e cultura.
- Campanhas de prevenção da dengue no Parque da Luz com a presença das escolas, equipamentos de saúde e programas governamentais.
- Festival de Rua Que Bom Retiro: contou com a presença de vários coletivos da cidade.
- Virada da Saúde no Bairro - Praça Fernando Prestes: levou informação de prevenção e promoção da saúde com participação dos alunos do SENAC Tiradentes, Agentes Comunitários da Saúde da UBS Bom Retiro e ex-pacientes do CAPS III expondo seus trabalhos artesanais.

Hoje conta com 3 Grupos de Trabalho que se reúnem mensalmente para planejar e propor ações coletivas e buscar o consenso no encontro presencial da Rede Social Luz e Bom Retiro. São eles: GT da Saúde e Meio Ambiente, GT de Cultura de Paz e GT de Articulação do Festival de Rua.

### 3.1.1. Um relato de ação atual

Entrevistei uma das participantes da Rede Social Luz e Bom Retiro, Wilmihara Santos, socióloga, mestre em Antropologia e doutoranda em Ciências Políticas, que hoje atua no educativo da Pinacoteca, integrou a Sala Futura dentro do Museu de Língua Portuguesa e relata seu trabalho junto aos atores do território.

Os parceiros eram diferentes, em momentos diferentes, o acervo servia como mediador de um momento a outro. Neste sentido pensávamos em propostas de oficinas que fossem voltadas para a população do entorno da Estação da Luz, mulheres em situação de prostituição, mulheres trans, o público imigrante, migrante, moradores. Foram vários temas, uma experiência muito rica. (Santos em entrevista)

Santos aponta aspectos que são fundamentais na formação do mediador. Ela entende o mediador/educador como o sujeito que atua na articulação e denomina-o como articulador, ou seja, aquele que realiza a articulação entre os diversos atores do território.

O papel da articulação extrapola o papel do educador. O articulador primeiro escuta e verifica dentro da dinâmica dos diferentes lugares que frequenta, quais as demandas, quais questões são presentes e como é possível estender pontes entre elas[...]. (Santos em entrevista)

Wilmihara ressalta e temos mais uma vez confirmada uma trajetória formativa pautada na escuta, em conhecer o contexto, a dinâmica do lugar, as necessidades ou questões presentes e como conectar as pessoas, fazendo pontes!

[...] a primeira ação de um articulador é ouvir, compreender a dinâmica de cada lugar, e facilitar as conexões entre elas. As pessoas estão no mesmo território e não conseguem, às vezes, dialogar. Não se conhecem ou falta esse mediador. O articulador é o que conecta uma instituição a outra, um coletivo a uma instituição ou movimento social, mas para facilitar esta aproximação é preciso entender quais são as demandas de cada uma... (Santos em entrevista)

A entrevistada identifica que os bairros da Luz e Bom Retiro compõe um território muito rico com várias instituições, coletivos e pessoas buscando parcerias para projetos colaborativos.

Olhando o território, há um grande movimento de pessoas de diferentes lugares que buscaram se encontrar, eu sinto isso. Vejo redes em movimento. Diferentes pessoas que buscam uma interlocução neste bairro então a necessidade dessa interlocução já existe independente de um agente. (Santos em entrevista)

E ela, Santos, acredita que a criação do espaço, da Rede Social Luz e Bom Retiro foi o diferencial para o território. Cada vez mais pessoas conectadas descobriam o potencial de cada parceiro e somavam esforços para propor ações educativas.

Foram muitas pessoas que nos colocaram em contato com esse território...[...] todas foram como portas que me abriram a possibilidade de conhecer mais um pouco a realidade desse bairro, assim ele foi se tornando meu também, a cada porta que se abria era uma nova casa que podia compartilhar experiências[...] (Santos em entrevista)

O sentimento de pertencimento fica explicitado no depoimento de Santos, algo que pude constatar. Antes e depois do trabalho em rede, inicialmente um território desconhecido, por vezes hostil torna-se um espaço com muitas pessoas dispostas a fazer a diferença com garra e determinação.

Encontramos no relato da prática de Santos muitos dos elementos tratados na análise dos entrevistados. A gestão compartilhada que a atuação em rede promove, as competências do mediador em perceber o território e o grupo, a escuta que pressupõe o diálogo. A ação junto a diferentes públicos como um importante diferencial para trabalhar-se o território. As diversas culturas quebrando muros e um esforço dos atores locais em propiciar a apropriação dos espaços culturais e educacionais. O papel da arte no processo educativo, ampliando os olhares e propiciando que a população se aproprie da história dos locais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Chegando à outra margem do rio...

---

[...] é preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 2011, p. 120)

Pensar a minha prática é pensar a intencionalidade política do trabalhador social e do educador, como nos diz Freire em suas obras. Esta visão crítica da realidade foi um norteador para minha práxis, nas formações que realizei em formações para mediadores, docentes, atores locais, lideranças comunitárias. Sempre enfatizei a importância de saber posicionar-se frente aos desafios, a clareza do papel, da sua ação, questionando a cada momento sobre a visão de homem e de mundo, suas concepções sobre educar, sobre atuar com o grupo numa dada realidade, o para quê e para quem. FREIRE (1999) alerta para o perigo da neutralidade não havendo a possibilidade de atuar como educador, o trabalho social sem pensar em promover mudanças significativas do *status quo*. Em *A Educação como prática de Liberdade* (1999), considera as pessoas como sujeitos de sua ação, o trabalhar com e não sobre os indivíduos. Uma mudança significativa acontece a partir do momento que trazemos para o grupo a reflexão sobre o trabalho como atividade intrinsecamente humana, em que o sujeito consciente de suas ações transforma a natureza, modifica e é modificado por ela. Trabalhar pela liberdade é trabalhar uma ação consciente do homem com a natureza, é trabalhar contra um estado de opressão e alienação.

O mediador social e cultural tem a possibilidade ímpar de propiciar esta mudança, de problematizar e refletir sobre a realidade. Acredito que o estudo realizado confirma a hipótese sobre a formação do mediador social e cultural que se dá na prática, no exercício do trabalho participativo, utilizando-se os pressupostos do trabalho em rede: democracia, horizontalidade e intencionalidade.

As categorias de análise das entrevistas confirmam esta hipótese ao verificar as competências do mediador. O diálogo, a mediação cultural e o papel da arte no processo educativo, e a educação que permeia toda experiência, foram importantes alicerces no trabalho de mediação. Os autores citados pelos entrevistados confirmaram também a base teórica.

Há uma constatação, portanto: O mediador vai sendo forjado na própria ação, com formações diversas, graduação na área de humanas e não encontra uma formação específica em mediação social e cultural. Outra constatação é que se descobre educador na prática, um facilitador de processos participativos. E se faz presente em todos os relatos um interesse genuíno em atuar para a formação de pessoas mais engajadas e críticas que possam atuar para a transformação social.

Embora sem formação específica, forjado pela prática e pelo interesse genuíno, identificamos que há necessidade de ampliar horizontes, outros repertórios da mediação a partir dos espaços de arte, cultura e da cidade que agregaram valor. A figura do mediador social se alarga com a mediação cultural. Por outro lado, pode passar a dar lugar também ao papel de mediação do educador como um educador social e cultural, como articulador de aprendizagens da vida em grupo.

Na dinâmica de grupos na contemporaneidade, outros modos de agir parecem trazer novas perguntas. Nos encontros da Rede Social Luz e Bom Retiro constatei que há predominância de jovens reunidos em coletivos com várias temáticas que se mostram ávidos por participar ativamente dos processos, com ações colaborativas em espaços de construção participativos. Constatei que existe uma alternância natural no papel de mediação, onde o voluntário assume a tarefa a ser realizada por se sentir apto, como também o grupo elege a pessoa que naquele momento reúne as competências necessárias para assumir determinada função. Esta alternância na mediação ocorre no processo de facilitação da comunicação no grupo, no diálogo, na elaboração de planejamentos, em ações estratégicas, intervenções culturais no território. Compartilho uma percepção dos atores locais, estes jovens que estão protagonizando os coletivos e tantas redes, e que parecem vocacionados, prontos para o que as gerações anteriores necessitaram aprender a dialogar e atuar mais colaborativamente.

O programa de pós-graduação interdisciplinar desta Universidade nos proporcionou várias aprendizagens, um convite a olhar a realidade com outras

lentes, recheadas de reflexões que acabaram reverberando na nossa prática. Instiga-nos a pesquisar mais, pois amplia nossa percepção acerca da atuação como educadores e nos impulsiona a buscar novos desafios.

Toda a pesquisa e a reflexão despertada pela academia ampliou também nosso repertório para compreender a atuação do mediador social e cultural, A partir deste estudo, da riqueza de experiências de como cada profissional da área de educação comprometido com sua práxis apresenta-nos um propósito e o compromisso de criar espaços de aprendizagem visando à transformação social e cultural. E é neste sentido que como pessoa e profissional continuarei aprofundando estas questões para além desta dissertação.



## Referências

---

- ARROYO, Miguel G. *Educador em diálogo com nosso tempo*. São Paulo: Autêntica, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é participação*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de Ensino-aprendizagem*. 25ª ed. São Paulo: Vozes, 2010.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Trad. Rondeie Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- COOPERRIDER, D. L.; Whitney, D., Stavros, J. M. *Appreciative inquiry handbook*. Bedford Heights: Lakeshore, 2003.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- DELORS, J. (Org.). *Educação, um tesouro a descobrir: Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC, UNESCO. 1998.
- FAS. Fórum da Assistência Social da Cidade de São Paulo: 20 anos fortalecendo o controle social, 1993 - 2013. Disponível em: <[https://docs.google.com/file/d/0B7\\_uqw9JcXZXdHdWSWpreTh2ak0/edit](https://docs.google.com/file/d/0B7_uqw9JcXZXdHdWSWpreTh2ak0/edit)>. Acesso em: 29 out 2017.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. *A educação como prática da liberdade*. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GADOTTI, Moacir *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.
- JAWORSKI, Joseph, *Sincronicidade - O caminho interior para a liderança*. 3 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2005.

- KAHANE, Adam. *Planejamento de cenários transformadores*. São Paulo: Senac, 2014.
- MARTINHO, Cássio. *Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília: WWF, 2003.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. *Teoria e prática do ensino da arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2010.
- MARTINS, Mirian C; PICOSQUE Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeio, 2012.
- MARTINS, Mirian Celeste. *Mediação: provocações estéticas*. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v. 1, n. 1, 2005.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NÓVOA, Antonio. *Vidas de Professores*. Porto/Portugal: Porto Editora, 2007.
- OLIVEIRA, Marta Khol de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- PACHECO, José. *Escola da Ponte: formação e transformação da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 2ª ed. Coleção Transições.
- PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PICHON RIVIÉRE, Enrique. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- SENGE, Peter; SCHARMER, C.O.; JAWORSKI, Joseph; FLOWERS, Betty S.. *Presença - Propósito Humano e o Campo do Futuro*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- SOUZA, Elizeu C. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu C.; ABRAHÃO, Maria Helena B. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- TORO, A.; Jose Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Recursos Hídricos e Amazônia Legal; Secretaria de Recursos Hídricos; Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior (ABES), UNICEF, 1996.
- UTUARI, Solange. Formação do professor/mediador: o provocador de experiências estéticas. In: MARTINS, Mirian Celeste (Org.). *Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos*. São Paulo: Terracota, 2014. pp. 171-176.
- VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. In: *Rev SOCERJ*, v. 5, n. 20, set/out 2007, pp. 383-386.
- VYGOSTSKY, Lev Semenovich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1998.

WEIL, Simone. *Opressão e liberdade*. Tradução de Ilka Stern Cohen. São Paulo: EDUSC, 2001. (Coleção mulher).

WHITAKER, F. Rede: uma estrutura alternativa de organização. In: *Revista Mutações Sociais*. Rio de Janeiro, CEDAC. n.3, s/p, 1993.

# ANEXO I

## Cartografia das falas

### Anexo I Cartografia das falas

#### 1. Apresentação

- 1.1 Basolli: empresa/comunidade/resultados
- 1.2 Aidar: formação educadores sociais/não formal/ação mediadora.
- 1.3 Matos: vários grupos/CRAS
- 1.4 Diskin: vários grupos
- 1.5 Masino: counseling/formadores.
- 1.6 Itokazu: jovens/esporte/cultura/lazer/poder público
- 1.7 Pimenta: micro região Butantã

#### 2. Motivações/escolha do relato

Envolvimento- Aidar, Basolli  
Comunidade  
heterogênea/exigiu+de mim-  
Matos  
Vários- Diskin, Itokazu, Pimenta  
Formação Formadores- Masino

#### 5. Teóricos

Aidar, Itokazu e Matos

#### 4. Desafios

Mediação de equipe-Aidar  
Saber os limites-Aidar  
Jovens- Diskin  
Como formadora/trocas-Masino  
Motiva/potencial pulsante- Itokazu  
Horizontalidade- Pimenta

#### 6. Papel da arte/ direitos culturais

Resiliência, militância -  
Aidar

#### 3. Tópicos importantes/compreensão mediador em rede

- gestão compartilhada- Itokazu
- ser concreto – Masino
- escuta ativa- Masino
- reformular das perguntas – Masino
- qualificar a escuta– Diskin
- diálogo- Matos, Aidar e Basolli
- práticas atencionais- Diskin
- 3 verbos- insistir/persistir/resistir – Diskin
- temperinho do amor – Matos
- encontrar soluções – Masino
- de círculos de problemas p/circ.virtuosos – Itokazu
- fortalecimento do grupo – Aidar
- despertar confiança – Diskin
- transformação- Diskin
- convivência – Masino
- fortalecimento de vínculos – Matos
- diferentes grupos – Matos
- consciência da troca – Masino
- respeito – Basolli, Masino
- comunicação não violenta – Masino
- percepção o do outro- Diskin
- percepção – Aidar
- todos ganham – Aidar
- subjetividade – Aidar
- identidades/reconhecimento de si-Aidar

#### Categorias de análise:

- \* Ação mediadora
- \* Diálogo
- \* Atuação em Rede
- \* Competências do mediador
- \* Mediação Cultural/Papel da arte
- \* Desafios

## ANEXO II

---

### Entrevistados

- ✓ AIDAR, Gabriela. Gestora da Equipe Educativa da Pinacoteca de São Paulo.
- ✓ BASSOLI, Arnaldo Omair Jr., Cofundador da Escola de Diálogo São Paulo.
- ✓ DISKIN, Lia. Cofundadora da Associação Palas Athenas de São Paulo.
- ✓ ITOKAZU, Roger Seiji. Docente na Empresa SENAC São Paulo
- ✓ MASINO, Marlene. Coordenadora do Programa de Informação no “Ufficio di Assistenza Riabilitativa” Presídio de Lugano na Suíça
- ✓ MATOS, Joelma Hermes de; Coordenadora da Centro de Referência da Assistência Social de Valparaíso – GO
- ✓ PIMENTA, Martha. Mediadora da Rede Butantã e Rio Pequeno de São Paulo.
- ✓ SANTOS, Wilmhara. Educadora Pinacoteca de São Paulo.

### Narrativas

<b>Nome</b>	<b>Tempo total de entrevista</b>	<b>Data</b>
Arnaldo Omair Bassoli Junior	23min54s	03/03/2017
Gabriela Aidar	41min16s	12/04/2017
Joelma Hermes de Matos	01h05min47s	03/03/2017
Lia Diskin	58min37s	20/04/2017
Marlene Masino	30min34s	04/04/2017
Martha Pimenta	E-mail	03/07/2017
Roger Seiji Itokazu	25min40s	01/03/2017
Wilmihara Santos	18min	20/09/2017

## Entrevistas

### Arnaldo Omair Bassoli Júnior

Arnaldo Omair Bassoli Júnior é um dos fundadores da Escola de Diálogo, psicólogo (CRP/06 15.836), psicoterapeuta, especializado em jogos cooperativos e facilitador de Grupos de Diálogo.

*Fale-nos um pouco sobre a sua caracterização pessoal, profissional, sobre sua formação acadêmica e os locais por onde você atuou. Considere também o contexto onde sua atuação se deu, como era esse espaço, quem eram seus participantes e protagonistas. Dentro desse contexto, quais foram as colheitas dessa ação mediadora, e os aprendizados? Você identifica que houve alguma transformação a partir dessa ação?*

Há algum tempo atrás fomos chamados aqui na Escola de Diálogos para fazer uma mediação entre uma empresa e o seu entorno, a comunidade que está em torno dela, na Paraíba, entre João Pessoa e Cabedelo. Essa era uma empresa de distribuição de coque e de petróleo, situada há uns 15 km porto de Cabedelo. O coque de petróleo é uma substância inerte que tem a toxicidade na areia, ou seja, ela não é tóxica em si, mas ela pode causar problemas respiratórios. Essa empresa importava coque de petróleo, descarregava no porto e armazenava a céu aberto ao lado dessa comunidade. Depois distribuía essa substância para alimentar os altos fornos de produção de cimento, etc. Nesse contexto, o principal problema era que os caminhões chegavam do porto e tinham que atravessar uma estrada de 800 metros para chegar até o lugar onde o coque era armazenado. E nesses 800 metros, como a estrada era de terra, fazia um pó danado e a comunidade estava muito insatisfeita, primeiro porque a empresa havia sido orientada por seus advogados a não falar com a comunidade, em nenhuma circunstância. E, por isso, existiam vários pedidos da comunidade para conversar sobre o pó, pedidos esses negados pela empresa. E depois, porque isso tinha virado motivo para a agitação eleitoral e agitação de baixo nível mesmo, com mentiras pesadas, diziam que o pó desenvolvia câncer e muitas histórias foram espalhadas pela comunidade, que ficou em polvorosa, e pior ainda: não havia canal de diálogo. Foi então que nos chamaram para fazer um processo de mediação, nós fomos lá e trabalhamos durante 2 anos com essa comunidade, íamos uma vez por mês para conversar.

Primeiro nós fizemos duas visitas à comunidade apenas para recolher material e fazer contato. Recolher material, menos importante, porque já sabíamos mais ou menos o que as pessoas pensavam, mas era muito importante estabelecer contato pessoal com todos os líderes, as pessoas que tinham publicado vídeos, que estavam fazendo a toda a movimentação dentro da cidade e outros moradores. Fizemos contato com essas pessoas e, a princípio fomos não para discutir o assunto, mas para chamá-las para as sessões de diálogo. E, graças a Deus, fomos muito bem-sucedidos, as pessoas entenderam qual era o nosso propósito, a empresa entendeu o nosso propósito e começamos a fazer reuniões, mensais de

diálogo. Nessas reuniões, além dos representantes da comunidade, participavam o diretor e o presidente da empresa. Estipulávamos um limite de tempo para que cada representante falasse, depois havia uma tréplica da comunidade e dessa forma a coisa foi acontecendo, de maneira que esse problema, que era o asfaltamento dessa área de 800 metros, parou. Parou, porque a prefeitura queria propina e claro, isso era uma coisa que estava fora de questão, a empresa não iria pagar. Além disso, a empresa pagou por um estudo da engenharia para fazer os 800 metros de asfalto, para que os caminhões pudessem passar. Enfim, a empresa desembolsou um bom dinheiro para que esse estudo fosse feito e ainda assim a prefeitura não se mobilizou. Contudo, muitas outras questões foram tratadas, por exemplo, como eram cobertos os caminhões? Eles vinham muito cheios porque assim o caminhoneiro recebia mais, já que ele recebia pela quantidade que transportava e então, eles já não vinham mais tão cheios. Além disso, os caminhões foram cobertos com lonas, e essas lonas tinham que ser muito bem fechadas, o que diminuiu o vazamento de coque e de pó. Outra medida interessante, foi que essa estrada passou a ser regada com caminhões pipa, pelo menos três vezes ao dia quando chegavam os navios. Dessa forma, o diálogo tornou-se uma coisa muito boa, prazerosa, porque as pessoas conseguiam vir e falar umas na presença das outras. A comunidade falava, a empresa respondia, o presidente estava lá e depois se concordou, chegou-se ao acordo de que a empresa iria investir na criação de uma praça, que era uma espécie de espaço comunitário para a população com uma quadra de esportes, outras coisas, enfim, aconteceram vários movimentos a partir do primeiro problema. O que não saiu depois desses dois anos foi a tal da estrada, mas muita coisa se transformou. Depois que terminamos o trabalho, o diretor da empresa disse: “olha, a gente não conseguiu fazer a estrada. Não sei se nós satisfizemos o que as pessoas de fato queriam, mas o pó diminuiu, e o mais importante que eu posso dizer para você é que agora quando eu passo por essa estrada para chegar na empresa, quando eu vejo alguém eu paro o carro e cumprimento e a pessoa também me cumprimenta”. Ou seja, tudo isso alterou as relações entre as pessoas, que antes viviam num estado de guerra. A empresa tomou muitas medidas, a comunidade também compreendeu que existiam limites que ultrapassavam o âmbito da empresa e foi um processo bem-sucedido. Nesse meio tempo, muitas vezes nós tentamos fazer contato com a prefeitura, mas infelizmente eles não abriram mão da propina. Atualmente os sócios venderam a operação e voltaram pra Holanda, acredito que cansaram de toda essa coisa da propina e de prefeitura.

*Por que a escolha de ser mediador nesse caso? Quais foram suas motivações?*

Porque foi um trabalho em que me senti particularmente envolvido, eu gosto muito da região, e também porque achei os protagonistas desse conflito, pessoas muito incríveis! Desde o empresário que me chamou até as pessoas da cidade, do bairro. As conversas que tive com elas foram, às vezes, conversas muito difíceis, mas sempre muito verdadeiras, muito autênticas. E a resposta que eu tive de todos

os lados também. Depois da primeira reunião que nós fizemos na igreja, onde reunimos todo mundo, tanto a comunidade quanto a empresa, eu me lembro de o pessoal da empresa dizer: “poxa vida, mas eles respeitam você.” E eu acho que isso foi mantido ao longo de todo o processo, era um tom de respeito. Às vezes havia um que se exaltava mais, mas pelo próprio transcorrer das reuniões, isso era absorvido e neutralizado e as coisas continuavam. Então não foi um processo conduzido de uma maneira estrita, mas que caminhou na direção do respeito entre todos e todos tomaram conhecimento uns dos outros, assim todo mundo cresceu. Foi por isso que eu escolhi desempenhar esse papel.

### **Gabriela Aidar**

Gabriela Aidar é graduada em História pela Universidade de São Paulo - USP, especialista em Estudos de Museus de Arte pelo Museu de Arte Contemporânea, e em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, ambos da Universidade de São Paulo. Obteve o título de Master of Arts in Museum Studies pela Universidade de Leicester, na Inglaterra, com revalidação pelo Programa de Mestrado em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Em 2006 foi contemplada com o Prêmio Fundação Bunge Juventude na categoria Museologia. Trabalha desde 2002 no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo, no qual coordena os Programas Educativos Inclusivos. Atuou como pesquisadora em instituições como a Associação Nacional de História, Itaú Cultural, Laboratório de Políticas Públicas da UERJ e foi assistente do curador da Coleção Brasileira da Fundação Estudar. Foi coautora do projeto educativo da exposição “Vistas do Brasil, Coleção Brasileira/Fundação Estudar na Pinacoteca do Estado”, e coordenadora da ação educativa desta exposição, em cartaz de 2003 a 2005 na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Foi consultora do projeto educativo Centro-Periferia da 27ª Bienal de São Paulo. Foi assessora para o desenvolvimento de projetos no Programa Museu-Comunidade da Área de Ação Educativa do Museu Lasar Segall. É membro do Conselho de Administração do ICOM Brasil na gestão 2015-2018. Suas áreas de pesquisa e atuação são: educação em museus, museus e inclusão social, museus e não públicos, acessibilidade em museus, papel social dos museus.

*Fale um pouco sobre sua prática com o museu e os educadores. Como isso se dá? De que forma esse projeto acontece? Quais são os ganhos para os educadores e o que eles levam do curso e conseguem incorporar na prática deles? Por que você escolheu relatar essa prática especificamente?*

A respeito da formação do mediador, acredito que existam poucas oportunidades de formação. Em diversas áreas encontramos formação, como para professor ou educador, mas nesse papel de mediador existe muito pouco. Contudo, nós aqui no educativo da Pinacoteca investimos bastante na formação de



formadores e mediadores, em diferentes contextos, são diferentes práticas. No caso da nossa prática aqui na Pinacoteca, temos nos autodenominado educadores, mas entendemos também que o que fazemos é mediação e que tudo isso está envolvido no processo educativo. Acabamos investindo muito na formação de outros educadores ou de outros mediadores por diversos meios. Eu tenho estado envolvida há 13 anos num curso que é para educadores sociais, que é um curso que nasceu muito de uma percepção nossa, isso em 2004 e 2005, quando íamos propor parceria para esses educadores eles tinham um pouco de dificuldade em entender as potencialidades socioeducativas do museu, porque eles também desconheciam esse universo, pois eles também não eram frequentadores de museus ou de museus de arte, no nosso caso em particular. Então nós percebemos uma demanda que não estava dita por eles, mas que existia, uma demanda não explícita e começamos a organizar esse curso que já está em sua 13ª edição, para cerca de 25 a 28 educadores sociais por ano. O que pretendemos com essa formação é dar subsídios para que esses profissionais possam se apropriar não só da Pinacoteca, mas dos museus de modo geral e dos equipamentos culturais como possíveis parceiros ou recursos educativos nas atividades que eles já desenvolvem. O objetivo é que eles entendam, relacionem a partir do que já fazem o que desse universo, dessa cultura oficialmente instituída que está presente nos museus, no que isso pode ser útil ou servir à prática deles como educadores sociais. Portanto, não existe um só caminho, cada um aponta para os seus caminhos.

Essa tem sido uma experiência super. Rica para nós, um processo de mediação também, eu acho que tudo o que fazemos em termos educativos dentro de um museu envolve mediação. E nós também não temos uma formação para isso, aprendemos na prática. Eu e a equipe do programa de inclusão sociocultural estruturamos o programa, nós organizamos tudo todos os anos e damos aula também. São 16 aulas, é um curso que tem 3 meses de duração com cerca de 50 horas de carga horária, e tem algo que chamamos de encontros formativos. Então, uma parte dos encontros é conduzida por uma parte dos profissionais do museu, da Pinacoteca, e uma parte por especialistas convidados da área de educação, de avaliação, etc. Esse exercício, da mediação da minha parte, tem sido bem interessante, porque ele tem a ver com que nós desenvolvemos. Basicamente o que fazemos de mediação no museu é por meio de visitas educativas, que são esses encontros dos visitantes com as exposições e com as obras de arte, que são questões que envolvem muitos aspectos ligados a esse universo da educação e, eu acho que isso é o que tem de mais interessante no contexto da educação no museu de arte, toda a carga de subjetividade; que está envolvida nesse processo, que envolve a questão mais ligada a aquisição de conhecimento formal, que é o que tradicionalmente pensamos quando pensamos em educação, mas que envolve outras coisas que são tão potentes quanto, como o desenvolvimento de aspectos muito subjetivos dos participantes. Então, desde habilidades até percepções, auto percepções, fortalecimento pessoal, fortalecimento do grupo, poder se sentir à vontade para dialogar, tem tantos aspectos que estão em jogo numa visita ao museu, e que às vezes nem se imagina que isso é o que ficou de mais importante

para o grupo. E nesse processo de formação de educadores sociais, isso é muito importante porque de certa forma compartilhamos um pouco esses instrumentos que utilizamos aqui.

Quer dizer, a gente não detém mais o monopólio desse saber, da mediação dentro do museu, mas de alguma maneira compartilha com esses outros atores ou sujeitos que são os educadores sociais, o que eu acho que é muito legal porque eles podem trazer um outro tipo de olhar para o museu, que não é o nosso, que está muito treinado para essa prática, mas eles trazem um outro olhar para cá muito enriquecedor.

No ano passado tivemos a oportunidade de fazer uma pesquisa bem a fundo do que tem sido o processo dessa formação, e escrevemos um livro sobre esse curso chamado “Entre a Ação Cultural e a Social: museu e educadores em formação”. É exatamente assim que entendemos que esses profissionais que passaram por uma formação, mas de alguma maneira a instituição também, ou pelo menos nós do meio educativo, estamos nos formando também ao olhar para esse universo do museu com o viés e as práticas que esses educadores trazem de seu campo, do campo social, disso que eles desenvolvem lá nas comunidades e com os grupos que eles atuam, então é uma formação de ambos os lados, isso que é algo muito rico desse processo de mediação. Quando o processo de mediação é bem conduzido todo mundo sai ganhando, todo mundo aprende com esse processo, claramente. Isso é muito claro. Com relação aos ganhos dos educadores, foi isso que conseguimos fazer nessa nossa publicação. Tínhamos um universo ali, se não me engano de 306 educadores sociais que participaram dos 11 primeiros anos e fizemos uma avaliação de impacto com uma parte desses educadores. Foi muito legal perceber o que eles se apropriaram desse universo, mesmo em algumas entrevistas mais pontuais que nós fizemos com alguns desses participantes, o quanto a cultura, quando eu falo cultura eu estou falando desse universo da cultura mais oficial que a gente, enfim gostemos ou não é o que o museu tem a oferecer em todas as possibilidades de diálogos e cruzamentos que essa cultura tem a oferecer, mas estamos falando em uma perspectiva muito oficial, de dentro do museu. O quanto na maior parte dos casos, a cultura acrescentou para o trabalho que eles já faziam, e aí é muito variado também, porque quando falamos “educador social” pode ser um professor de capoeira, pode ser um psicólogo que faça um trabalho num abrigo, por exemplo, é um campo muito abrangente e aí cada um vai por um caminho. De modo geral, notamos eles percebendo esse universo da arte em particular, como uma estratégia, um meio, um facilitador muito forte para se trabalhar algumas questões com o grupo deles, questões de reconhecimento, de auto reconhecimento, de identidade, essa questão das identidades culturais vem muito forte para esses educadores. E isso apareceu muito em nossa pesquisa, mesmo nos projetos que eles desenvolvem, porque o curso também demanda que eles elaborem um projeto educativo e esse é um tema que aparece muito. Trabalhar essa questão da identidade cultural, fortalecimento de identidades, de apropriação do território, de apropriação desses equipamentos culturais da cidade, de exercício dos direitos culturais, são questões que aprecem bastante para esses profissionais. Para

nós isso é um impacto muito significativo, porque ainda, eu acho que não só por parte desses profissionais, mas existe um senso comum muito ruim de que a cultura é um acessório e não é, a gente sabe disso. Não é, não deve ser visto assim, por isso que essa discussão dos direitos culturais é fundamental. Mas é muito visto como jogar uma purpurina em cima disso e não é nada disso. Quer dizer, ela pode ter impactos ainda mais profundos no momento que estamos vivendo.

Ainda mais na área dos educadores sociais, eu lembro muito no começo das ações aqui no museu, quando íamos procurar alguém de uma ONG, ou de um movimento social eles olhavam com muita desconfiança. Por exemplo, o pessoal de uma cooperativa de catadores de resíduos sólidos aqui próximo dizia “museu, arte, para quê?” Era muito difícil ver uma relevância concreta. Vir no museu, pra pessoas que, por exemplo, no momento em que elas estariam aqui, elas não estariam trabalhando, não estariam gerando renda. Então era um desafio mesmo, até para pensarmos e concretizarmos essa relevância para algo que também é de caráter muito imaterial e é difícil concretizar isso. Mas vimos também, em outros grupos, de pessoas em situação de rua, por exemplo, que vieram várias vezes aqui, uma vez um rapaz virou para mim e falou: “gosto muito de vir aqui, mas eu não sei para que me serve vir aqui. Não é evidente” A relação com a cultura passa por outras questões que não são nessa lógica que a gente vive muito pautada, no “eu faço aqui, eu ganho aqui”, custo-benefício, um tipo de imediatismo, monetarismo, quer dizer, as coisas não operam dessa forma, nessa esfera do simbólico, do imaterial, é mais difícil então explicar. E muito como resposta a essas indagações que a gente pensou essa informação, isso também dá uma outra densidade para outros projetos que são feitos aqui. Porque hoje em dia, no caso desse programa que atua com grupos e vulnerabilidade, a maior parte dos grupos que vem visitar o museu são de instituições que tinham educadores que já passaram pelo curso, e isso também dá uma outra densidade à relação com o museu. Eles vêm muito mais qualificados para propor atividades para desenvolver isso e desdobrar depois com os grupos. O círculo se perpetua de uma maneira mais qualificada do que apenas uma visita de apresentação da instituição.

A nossa perspectiva desde o começo era fazer uma pesquisa que não servisse apenas aos nossos interesses, quer dizer, que não fosse interessante só para a Pinacoteca, mas que pudesse ser interessante, por exemplo, para uma pesquisadora como você, para uma mediadora social, para um educador social, que fosse interessante para o campo.

Nós nos entendemos dentro do campo da formação não formal. E sabemos que esse campo da educação não formal é um campo que ainda está em consolidação não só aqui no Brasil, mas fora também. Então tudo que você conseguir produzir de reflexão e que isso possa ser compartilhado, é muito importante, é muito válido. Esperamos que esse livro sirva para essas discussões e para a consolidação do campo também, tanto da educação não formal, da educação social e da educação em museus, dessas três áreas em que atuamos com a nossa prática no educativo da Pinacoteca.

Eu escolhi relatar essa prática, porque nesse momento em particular eu estou envolvida com isso, nós fizemos essa pesquisa ano passado, estou organizando o lançamento do livro, então eu acho que estou muito envolvida com tudo isso, pela cronologia dos acontecimentos, de ter feito a pesquisa, de estar preparando o lançamento e tudo mais. Está tudo muito fresco na minha cabeça e porque eu acho que é isso mesmo, porque é o mediador trabalhando na formação de outros mediadores, tem tudo a ver com a questão com que você está trabalhando que é a questão da mediação. Além disso, há alguns anos tenho trabalhado mais num cargo de gestão, então eu tenho estado mais distante de processos mais diretos de mediação. Por isso, o curso é uma coisa que me permite fazer um processo de mediação ainda com grupo de educandos, que no caso são esses educadores sociais, isso que é ruim quando você de alguma maneira vai se desenvolvendo de alguma maneira na sua profissão, se você se afasta da ponta, isso é uma perda na verdade, é uma perda. O que eu mais tenho feito como mediadora nos últimos anos, que é um super desafio, é mediação de equipe, de profissionais aqui de dentro, que também é uma outra questão, que a gente não recebe um treinamento específico, que a gente aprende apanhando, porque é super difícil, fazer gestão de equipe é uma coisa muito difícil. É complexo, porque são muitas subjetividades envolvidas, é uma mediação de interesses. Mas em anos anteriores eu já estive numa relação mais direta com os grupos de educandos que a gente recebe, e teve diversas situações que me tocaram muito. Em particular, em processos de trabalho e mediação com grupos de adultos em situação de rua. Em termos pessoais esses foram os que mais me tocaram, por diversos motivos, acho que existe um estigma social muito grande em relação a essas pessoas, uma depreciação social muito grande e uma série de preconceitos e ideias preconcebidas, que quando você tem a possibilidade de estar mais em contato, de conhecer e de trabalhar com esses grupos é um aprendizado muito grande. De desconstruir mesmo essas ideias preconcebidas a respeito dessas pessoas, de perceber os percursos e as trajetórias individuais, o que cada um tem de particular e o que também tem de algumas características que a própria situação de rua traz, de aprendizado em relação a eles.

Uma coisa muito forte que eu aprendi estando em contato com eles, é a capacidade de humanidade mesmo nas situações mais adversas. O que o ser humano é capaz mesmo em situações muito limites. Essa capacidade de resiliência que é muito impressionante em algumas pessoas. Então, é muito legal, porque às vezes você acha que recebendo um grupo muito preparado, escolarizado, você vai fazer uma visita incrível a uma exposição de arte, e não são as visitas mais marcantes, de repente, às vezes com um grupo que tem muito pouco contato em termos de educação formal com as artes você tem respostas e possibilidades de diálogos muito, muito ricas referentes às obras de artes que passam por aspectos de vida. A relação que as pessoas estabelecem com as obras é muito mais forte, vivencial, está muito mais relacionado à vida, a experiência delas, até porque não tem essa série de filtros e camadas que gente muito escolarizada já tem. Então, eu já tive experiências muito ricas referentes às obras com alguns desses grupos.

*Durante essa experiência que você comentou e o grupo em frente se deparando com uma obra. Quem está mediando o que ali?*

É todo mundo na verdade. A gente tem um papel como mediador também, porque senão a gente não precisaria estar ali. A gente conduz um pouco a conversa, mas eu acho que, e também esse que é o desafio do mediador, saber os limites da atuação dele, porque a gente também não pode se impor ao grupo.

Nós também temos que mediar algumas questões porque, também não é que tudo vale, claro você pode falar o que você quiser, mas algumas coisas são mais pertinentes do que outras, algumas coisas podem ser mais interessantes em termos coletivos do que outras. Tem questões que a gente não deve reforçar em relação aos preconceitos ou percepções que degradem o outro, não é que tudo é permitido também, claro que não vamos censurar ninguém, mas eu acho que a gente também tem um papel ali de pontuar algumas questões para o grupo. E saber conduzir isso é muito desafiador.

*E como saber ou decidir em que momento provocar alguma coisa?*

Eu não tive uma formação específica para isso, minha formação é em história e museologia, eu nem fiz licenciatura, porque eu não queria ser professora, acabei trabalhando como educadora depois, mas num outro contexto que não era sala de aula. Acabou sendo uma formação na prática e um pouco, não só intuitiva, porque eu acho que também teve uma carga de leitura, tem uma formação aí forte de educação em museus, mas tem coisas que é na prática que a gente aprende.

*Quais são suas influências (autores ou linhas de abordagem)?*

Algumas coisas foram muito importantes para mim em termos de autores.

Alguns são mais da área de museus e outros não. Tenho algumas referências meio óbvias, claro, Paulo Freire, eu não sou uma grande leitora de Paulo Freire, eu li algumas coisas, não sou uma especialista, mas tem algumas coisas que ele propõe que são fundamentais para mim, de uma questão de quebra nessa lógica de autoridade do educador, de uma educação que se dá mais compartilhada, de partir dos referenciais do educando, isso para mim é fundamental. Se você não parte dos referenciais do educando você não consegue estabelecer um diálogo, não é uma língua comum. Então isso para mim é fundamental. Acho que todo educador que trabalha na área social tem influências freirianas, queira ou não, não tem jeito de não ser.

Um outro educador que eu também não sou especialista, mas o pouco que eu li foi muito importante para mim foi o Vygotsky. Nessa perspectiva do processo de desenvolvimento e do aprendizado nessa interação social, é muito importante. Eu acho que da área da educação eles talvez sejam os grandes referenciais para mim. Além disso, algumas pessoas que têm pensado a educação não formal, que é um grupo mais ligado a Unicamp, que é da professora Olga Von Simson, Renata Ciro

Fernandes, Margareth Park, que são pessoas que ajudam a gente entender em que âmbito atuamos na educação em museus.

Posso citar também alguns autores estrangeiros, eu fiz o meu mestrado na Inglaterra então eu sou muito influenciada por alguns autores de lá que eu acredito que tem um pensamento muito interessante nesse sentido, em particular uma autora chamada Arlim Hooper Greenhill. Ela é uma teórica da educação em museus e eu concordo muito com algumas ideias dela, principalmente quando se trata de uma questão que ela chama de “comunidades interpretativas” que tem muito a ver com isso de partir dos referenciais dos grupos. Ela trabalha muito com a ideia da interpretação também, na educação em museus. Também um outro autor americano, chamado George Hein, que fala um pouco dessa questão do construtivismo na educação em museus. A Lisa Roberts, uma autora americana também, que trabalha com a ideia da narrativa e do processo interpretativo na construção de conhecimento dentro dos museus. Tem outros autores que não falam exatamente de educação, mas que falam desse papel mais social dos museus, como alguns autores brasileiros, que são da área da museologia, como a Maria Célia Moura Santos, que inclusive é uma educadora. Em Brasília eles têm uma outra educadora que eu gosto muito, a Denise Grispum, e a própria Miriam Celeste quando entramos nessa questão da educação em arte. Além destes, alguns autores estrangeiros para falar dessa questão de um papel mais social dos museus, um francês que é uma referência nessa área de museus é Hugues de Varine-Bohan. O inglês Richard Sandell, que foi meu orientador do mestrado e um outro cara que eu tenho gostado muito também, é outro inglês chamado David Anderson, que tem discutido um pouco essa questão dos direitos culturais em museus. São muitas referências na verdade, que vão construindo um pouco essa teia que vai dando um sentido para o que a gente faz. E de alguma maneira a gente também produz textos e reflexões que eu espero que também contribuam para esse arcabouço da educação em museus. E a gente pensa muito nessa intersecção entre uma ação cultural e a ação social permeada e mediada pela educação em museus.

*Há algum artigo de sua autoria no livro?*

Sim! Tem um que eu escrevi junto com a equipe de inclusão. Eu sou uma das organizadoras do livro, por isso, eu não escrevi nada sozinha, escrevi com outras pessoas. Nós também contratamos uma pesquisadora, mas escrevemos o artigo junto com ela, porque o jeito que a gente olha para os dados é diferente do jeito que ela olha, então unimos esse olhar externo ao olhar interno sobre esses dados.

*E como é que você chegou ao trabalho que você desenvolve hoje? Onde começou?*

Eu cheguei a Educação por meio da Museologia, a Educação não era assim.

Eu fui estudar História e a História e Museologia tem uma relação, não direta, são temas que lidam muito com essa questão do patrimônio, do passado e dos objetos como fonte de conhecimento. Eu estudei História e comecei a me interessar

pela Museologia, então terminei a faculdade de História e fui fazer duas especializações em Museologia que era o que tinha disponível naquele momento, ambas na USP. Vi que era isso mesmo e comecei a me aprofundar. Dentro da Museologia sempre me interessei muito por processos que democratizassem os museus. Porque sempre acreditei, e continuo acreditando, que são instituições muito elitistas, muito fechadas, muito acadêmicas. E não acho que tem que ser assim, pois a meu ver é isso o que faz elas serem menos interessantes. O que elas têm a oferecer de pior para sociedade é isso. Exatamente como instituições que reforcem essas estruturas de poder desiguais, etc. E aí nessa reflexão de como democratizar os museus, a gente acaba caindo na educação. Para mim não foi uma opção assim “eu quero trabalhar com educação em museus”, mas os meus interesses dentro da Museologia acabaram me levando para a Educação, até porque a princípio eu tinha inclusive uma certa resistência com Educação, não tive uma boa experiência na escola, eu achava o modelo escolar muito ruim, minha vida escolar não foi feliz. Eu fiz porque eu tinha que fazer e só fui me realizar mesmo quando eu cheguei na faculdade, até a faculdade foi um martírio para mim, eu queria que aquilo acabasse, sendo muito honesta, porque era uma escola que era muito da época da ditadura. Eu fui aluna na década de 70, 80 e começo dos anos 90, então era uma escola horrível, massacrante, pouco participativa, autoritária. Escapei da educação religiosa, mas tive aula de educação moral e cívica, que era ridícula. Era uma escola que a gente tinha que cantar o hino nacional, fazer fila e para cada duas aulas de literatura você tinha cinco de matemática, era muito calcada no ensino das exatas, biológicas e muito pouco no ensino de humanas, que era o que mais me interessava, então era muito desinteressante. De fato, eu só fui perceber que gostava de estudar na faculdade, quando eu entrei na História na USP, porque eram coisas que me interessavam, de outra maneira, com outro tipo de discussão e diálogo que a escola em absoluto possibilitava. Eu acredito que hoje em dia isso tenha mudado, algumas experiências escolares não são mais daquele jeito de quando fomos alunas, porque nós vemos como estão os secundaristas hoje. Embora existam algumas experiências que ainda são esporádicas e pontuais, existem possibilidades. Tanto é que é isso, eu fiz História e nem fiz Licenciatura, não tinha o menor interesse em ser professora. Mas você vê como o mundo dá voltas e a gente acaba trabalhando com o educativo.

Hoje em dia eu acho fascinante, muito interessante. E a gente acaba virando militante, é uma coisa meio complicada, a gente vira aquele chato. Você vira educador, você quase vira o chato que vai lá, que está sempre pondo o dedo, questionando, criticando. E você quer que as pessoas aprendam a pensar e questionar. Eu acho que o nosso papel em última instância é fazer com que as pessoas tenham a liberdade crítica, aprendam a questionar. Por isso que eu acho ótimo no processo mediativo quando as pessoas questionam, é isso o que buscamos.

*Duas questões que para mim foram fundamentais, como um divisor de águas na minha formação, na minha atuação, foi a questão do diálogo. Na hora que eu descobri o diálogo como, digamos uma ferramenta, para você fazer construção,*

*propiciar a construção de conhecimento no grupo, foi um diferencial. Não sei se para você aconteceu algo assim? E aí eu queria te perguntar da arte também, se você descobriu o diálogo na facilitação do grupo?*

Sobre, o diálogo, toda formação de museus que eu tive, sempre pensando nessa questão do construtivismo, da interpretação, o diálogo sempre foi uma questão que nem se discutia. Eu não aprendi outro jeito, eu não sei aprender outro jeito de educação em museus que não seja por meio do diálogo. Tanto é que as vezes eu me sinto numa posição muito incômoda de dar uma aula mais formal. Não é como eu me sinto mais confortável, porque eu não estou acostumada a fazer isso, eu não fui treinada, eu não acho que seja a maneira mais interessante de se fazer educação. E o trabalho também de educação com as artes visuais, eu nunca trabalhei em educação que não fosse no museu de artes, eu também não sei fazer de outro jeito. É até difícil para mim te responder isso porque toda minha experiência com educação foi dentro de um museu de arte. Contudo, aí tem uma questão que é meio espinhosa e que rola muita briga dentro dos museus de arte ou com outros profissionais dos museus, porque eu entendo a arte como um meio no meu trabalho educativo, não como um fim apenas e isso dá muito problema dentro dos museus. Para algumas pessoas isso é uma heresia, mas eu não tenho problema nenhum com relação a isso. Do mesmo jeito que se eu estivesse num museu de história, eu também entenderia o objeto histórico como um meio. É meio e fim ao mesmo tempo, mas muitas vezes é mais meio do que fim. Porque ele está aí para a gente poder discutir “n” questões para além do que ele representa, para o momento que ele foi pintado, para aquele artista ou para a própria história da arte. Então é meio sim. E se for para trabalhar uma coisa completamente diferente do que era a intencionalidade do artista ou do próprio objeto, beleza, está valendo, para mim não tem problema nenhum. Não é herético para mim, mas para alguns profissionais de arte dentro do museu é.

A arte possibilita outros canais de comunicação, são outros canais que passam por outras questões. Eu acho que é porque ela tem esse potencial de canalizar muito essas questões da nossa subjetividade, porque ninguém responde igual a uma obra de arte, porque a gente traz o nosso repertório, as nossas vivências. Ela dialoga com as questões que às vezes estão até meio inconscientes, então essa potencialidade que arte tem de dialogar diretamente com a nossa subjetividade, além da nossa cognição também, claro, não é só subjetividade, eu acho que é isso que ela tem de potente nesses processos. Agora como que você vai trabalhar com isso é a questão. Isso vai depender muito grupo e do mediador fundamentalmente.

Mas uma vez, falando disso que estávamos conversando, foi muito curioso, nós demos uma formação para um grupo de técnicos da SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, que trabalhava com população em situação de rua no centro da cidade. E esse pessoal que faz a abordagem de rua, que é super difícil, porque eles chegam naquela pessoa que está na rua, que está com vínculos numa situação muito limite, com vínculos já muito rompidos. E aí eles têm toda uma estratégia de abordagem de rua, de mediação também. E foi



muito legal, porque é óbvio que a gente não achava que eles podiam organizar grupos para trazer aqui, as pessoas naquela condição de rua talvez não estejam preparadas para vir num museu, com toda essa série de regras e institucionalidades que a gente tem. Talvez estejam, talvez não, mas a questão não era trazer aqui ou não e o que eles fizeram que foi muito legal, que foi uma ideia deles: eles pegaram alguns dos nossos materiais educativos, que são as reproduções das obras de arte e começaram. Eles chegavam com essas imagens de pinturas, reproduções, e começavam uma conversa com essas pessoas que estavam na rua. E eles... que eram jogos, quebra cabeça, enfim, para começar uma conversa. E eles perceberam o quanto a coisa, os vínculos e a conversa fluíam melhor dessa maneira. Eles conseguiam chegar a estabelecer um vínculo com as pessoas ou chegar em questões muito mais facilmente, rapidamente, do que se eles chegassem com questionário ou de outras maneiras como eles estavam fazendo antes. Para mim, me marcou tanto essa fala deles, que eu acho que é isso, por quais caminhos passa o objeto e nesse caso nem era um objeto artístico, era uma reprodução de uma obra de arte, era a imagem artística. É muito interessante! E acho que é uma particularidade também da nossa prática no museu, nós não trabalhamos tanto com o fazer artístico, o fazer é fundamental também, mas a nossa prática está mais ligada à fruição, à apreciação artística, mas ela também leva a essas outras questões.

### **Joelma Hermes de Matos**

Joelma Hermes de Matos é educadora social, graduada em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo no ano de 2004.

*Por favor, fale sobre a sua trajetória pessoal e profissional e depois relate-nos um pouco do seu trabalho, da sua atuação. Compartilhe conosco uma prática, uma ação mediadora do início até o desenvolvimento que ofereceu bons resultados, considerando também o contexto onde a ação se deu, se foi um projeto, uma ação pontual, qual o espaço, quem eram os participantes, os protagonistas e os seus papéis. Depois comente um pouco sobre as colheitas dessa ação mediadora, os aprendizados que você obteve e se você identifica que houve alguma transformação. Por fim, conte-nos por que você escolheu essa experiência para relatar.*

Meu nome é Joelma Hermes de Matos, eu me formei em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 2004. De 2006 a 2007 comecei a ter oportunidade de trabalhar numa ONG que se chama IEP e foi super importante para mim, era um instituto de educação e pesquisa dos trabalhadores do setor energético. Antes disso eu trabalhei também como professora eventual numa escola da Cidade das Flores em Osasco, foi uma experiência bem complicada porque professor já não é respeitado, professor eventual é um pouco mais

complicado, mas nunca na minha vida os desafios me fizeram recuar. Eu acho que era todo o sistema, a educação como ela se apresenta, para mim, hoje eu tenho mais consciência, na época eu só tinha um incomodo, uma angústia infinita, quando eu tinha que trancar aqueles 40 meninos e meninas, com os hormônios em ebulição dentro de uma sala de aula, a porta parecia a tranca de uma cadeia. Era um ferro que você puxava, fazia um barulhão enorme, fechava dava até para colocar um cadeado, uma coisa horrível!

No IEP começamos o trabalho no ABC, mas também em Osasco e Jandira. Trabalhei no Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e fui para o Agente Jovem, Pró Jovem, enfim, todos esses programas. Então, eu tenho uma visão interessante desses programas, porque eu peguei bem o comecinho e vim sempre trabalhando com essa questão do jovem, cidadania e trabalho com a juventude, participei de muita coisa. Foi uma oportunidade que eu tive de estar no IEP, trabalhando, vivenciando isso, todos esses programas. Também trabalhei numa OSCIP como Educadora Ambiental, porque eu tive a oportunidade de fazer um curso que é o de agente sócio ambiental. Trabalhei também na CECON - Capacitação e Educação Continuada e Desenvolvimento Social, como coordenadora de curso. A CECON é uma empresa de uns amigos que até hoje está bem forte nos municípios de São Paulo. Eu trabalhava como palestrante, educadora, ministrando muitos cursos que envolvem a questão de qualificação profissional, vários cursos de liderança comunitária, orientação profissional, humanização no atendimento, de pessoas em situação de rua, atendimentos hospitalares, etc.

Enfim, por motivos de ordem pessoal, eu resolvi ir morar em Alto Paraíso em 2010 e eu acho que vai ser interessante dentro da proposta desse depoimento falar sobre trabalhar com uma comunidade tão heterogênea como a comunidade de Alto Paraíso. 2011 foi um ano extremamente desafiador porque não conhecia nada ali, ninguém, eu olhava aquilo falava assim: “meu Deus do céu, quanta coisa falta aqui” e eu já tinha, fui com bagagem pra Alto Paraíso. Então olhava, pensava: “nossa, poderia fazer tantas coisas aqui”. E fiquei na observação até uma ONG chamada Crescer me chamar para entrar na direção, mas era uma ONG bem bagunçada e eu não quis participar, acabei não botando muito fé e fiquei aguardando. Foi quando eu comecei a trabalhar no CRAS, na verdade eu fiz um workshop em 2011 e participaram todas as lideranças da cidade, prefeito, vereadores, secretários, a parte administrativa da prefeitura. Eu dei uma formação sobre atendimento, excelência no atendimento ao usuário da prefeitura e foi bem interessante.

Então foi assim que eu comecei com o primeiro curso, eu dei um de secretárias do lar, que foi um curso que eu nunca tinha feito, nunca tinha ministrado, mas deu super certo porque ninguém participava de cursos lá, mas aí pessoal gostou, foi participando, eles foram entendendo o que era aquilo e no outro curso eu já estava 28 pessoas. Para uma cidade pequena de 7 mil habitantes e que ninguém participava de nada, foi uma explosão. Em seguida eu propus realmente um trabalho com a juventude e dei vários cursos de formação, de orientação profissional para jovens, e aí foi como a coisa começou o desenvolvimento desse trabalho todo que eu fui desenvolvendo como coordenadora do CRAS. Foi muito legal ver quando eu

cheguei e ver como eles estão agora, a intervenção que acabou acontecendo na vida deles. No começo ninguém tinha perspectiva de fazer uma faculdade, de ir pra Brasília ou pra Goiânia fazer uma faculdade. A oportunidade que eles tinham lá não era tão ruim, tem um polo da OAB, tem vários cursos, mas é muito restrito, então eles não tinham muitos horizontes. E de repente eu vi uma galera que fez curso comigo fazendo faculdade, mudaram, abriu a mente deles. Vários pais vindo falar comigo, falar dessa transformação, dessa mudança, de como isso foi bom para eles e foi bem gratificante ter vivido isso.

Eu também acabei me oferecendo para ser voluntária no CRAS, para trabalhar com os grupos de cidadania, esses grupos realmente de convivência, de vínculo com a comunidade, esses grupos mais participativos. E aí eu me ofereci para dar algumas contribuições com os idosos e com os grupos de cidadania, de mulheres. Em 2012 assumi a coordenação do CRAS e aí aconteceram muitas coisas. A comunidade é muito heterogênea, é um lugar que tem todo um marketing de ser um local místico, então todo mundo que é de fora para eles é alternativo. O nativo e o alternativo, por isso existia uma super xenofobia mesmo com as pessoas de fora, mas ao mesmo tempo os alternativos que estão lá são bem *fake*, a maioria. Tem muita gente maravilhosa, mas maioria são pessoas que são bem fanáticas dentro das propostas espiritualistas. É bem complicado o jogo de poder ali. E ainda para ajudar, um semiárido, serrado, um lugar que tem muita seca, que não tem uma terra boa e é abandonado pelo governo de Goiás. Eu não entendia as pessoas, chegava aquele monte de gente, só queriam participar dos cursos se ganhasse uma cesta básica, tudo era assim na base da troca. Então eu comecei a fazer uma amizade grande com o povo nativo da cidade, eles super me aceitaram. Mas ainda assim, fora do que eu realmente fazia diretamente, eu já não podia atender todos os grupos como coordenadora do CRAS, eles não participavam de coisas se eles não ganhassem nada.

Isso foi uma coisa que foi me incomodando muito. Então chegava aquele monte de mulher com aquele monte de filho, tinha cinco filhos e batiam no peito com orgulho que era mãe solteira. “Eu criei todos meus filhos sozinha e eu preciso de uma cestinha”. A gente propondo todo um trabalho, uma intervenção mesmo de autonomia na comunidade, de organização comunitária, da gente superar a pobreza.

Podia usar as verbas públicas que vinham do Governo Federal para trazer capacitação, da gente pensar várias atividades e a gente não tinha esse feedback da comunidade, isso foi uma coisa que começou me incomodar. E aí eu comecei a tentar descobrir qual que era o problema daquela comunidade. Por que aquela apatia. Você passa de tarde, aquelas mulheres com aquelas crianças tudo lá sentada no chão, iam buscar comida numa ONG que fez um trabalho assistencialista muito incrível lá em Alto Paraíso. Depois eu fui procurando saber e descobri que a região era bolsão de prostituição. Aquelas senhoras, elas vieram realmente... teve essa herança maldita da questão do garimpo ali, do garimpo de cristais, do garimpo de minérios ali na região. É um povo muito sofrido, alcoolismo. Outra coisa problemática é a questão da pedofilia, do incesto, muita gente com dificuldade intelectual, isso também é um outro problema que a gente enfrentava. E

aí fui entendendo também que muita gente não ia para a justiça porque muitas vezes era filho... As meninas engravidavam do próprio pai ou do irmão ou de pessoas muito próximas. Infelizmente vimos vários casos assim de avós que engravidaram as netas, pais que violentaram as filhas.

Como coordenadora eu atuava no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, que era uma proposta de desenvolver atividades com crianças, adolescentes, jovens e idosos. Criamos o Centro de Convivência da Criança e do Adolescente, onde desenvolvemos muitas atividades, oficinas de capoeira, judô, dança, teatro, música, meio ambiente, educação ambiental, orientação profissional. Com os idosos desenvolvemos atividades diversas, também de conscientização em relação aos direitos do idoso, do estatuto do idoso, de prevenção a quedas, fizemos várias ações, caminhada, trouxemos médicos para dar palestra, nutricionista. O grupo de idosos era o grupo mais participativo que a gente tinha.

Já com o grupo de mulheres sempre foi muito problemático, porque elas iam quando eu dava, quando eu coordenava. Falávamos sobre sexualidade de uma forma bem espontânea e descontraída, elas adoravam, ia muita gente. Então eu testei várias coisas também, como a terapia comunitária, café com prosa, tricôterapia.

Então, eu acredito que sim que a minha intervenção junto à comunidade fez diferença. Acho que a diferença, o diferencial foi o temperinho mesmo do amor. Da militância, de acreditar, de querer realmente promover uma transformação nas pessoas. Eu tive muita autonomia para trabalhar, eles confiavam muito em mim, eles entregaram assim tudo nas minhas mãos. As verbas, eu que ajudava a controlar, sabia quanto tinha. Acabou sendo quase 5 anos, foi praticamente 4 anos e meio mesmo na coordenação do CRAS, fora todas atividades que eu tinha feito como palestrante, educadora, capacitadora. Então eu acabei criando um vínculo muito grande com toda a comunidade. Todas as classes sociais, todas. E tive diversos conflitos também, porque eu também não podia dizer sim para todo mundo. Acabei ficando a gestão toda do prefeito Alan, fui até o fim, até o último dia, entreguei o meu cargo junto com o prefeito e falei assim “agora é a hora de ir embora”.

Eu acho que fiz o que era certo, cumpri a minha missão e me orgulho de ter cumprido a minha missão com aquela comunidade, eu acho que o meu repertório de conhecimento eu realmente compartilhei com essa comunidade e eu ainda sonho desenvolver um trabalho na África, visitar as comunidades ribeirinhas, eu sonho muito, sonho continuar fazendo meu trabalho, desenvolver um trabalho com a agricultura orgânica, desenvolver comunidades ecológicas. Então, eu estou com a bateria já carregada, doida para trabalhar, mas estou nesse processo do recomeço.

Como mulher eu me fortaleci, como ser humano eu me fortaleci, eu me fortaleci demais profissionalmente. Eu escolhi relatar essa experiência, porque foi a mais forte, a que mais me desafiou, que exigiu tudo de mim. É muito diferente de trabalhar em São Paulo, aqui tem mais gente capacitada e na mesma *vibe*, lá era um pouco difícil, porque mesmo as pessoas super inteligentes, pessoas maravilhosas também que tinham lá tinham outras buscas também. O pessoal estava mais no meio ambiente, então na área social tinha pouca gente. Por isso, era

um excesso de demandas mesmo, eu comecei a acumular muita coisa e isso exigiu muito de mim, mas assim... Os outros me desafiaram, mas esse me esgotou. Foi uma missão que eu consegui cumprir, na verdade, e que mais me desafiou nessa vida, talvez seja essa a resposta. Foi uma grande responsabilidade porque até então eu estava só nas ONG's, eu não estava na responsabilidade de ser gestora. Os desafios foram em vários níveis, acho que a resposta é essa!

## **Lia Diskin**

Lia Diskin é professora, formada em Jornalismo com especialização em Crítica Literária pelo Instituto Superior de Periodismo José Hernandez, de Buenos Aires. Realizou estudos sobre as Upanixades na Vedanta Society em Uttar Pradesh, Índia. Especializou-se nos filósofos Nagarjuna e Kamala Shila no Centre for Tibetan Studies da Library of Tibetan Works and Archives em Dharamsala, Índia. Coordenadora das visitas de Sua Santidade o Dalai Lama ao Brasil. Detentora de inúmeras premiações, entre elas um prêmio por sua contribuição na área de Direitos Humanos e Cultura de Paz recebido na comemoração dos 60 anos da UNESCO. Palestrante e criadora de inúmeros programas socioeducativos no Brasil e no exterior. Editora de mais de 50 obras de autores consagrados, autora e coautora de uma dezena de livros, sendo os mais recentes: “Vamos Ubuntar? Um Convite para Cultivar a Paz” (UNESCO) e “Cultura de Paz - Redes de Convivência” (SENAC).

Eu me especializei em crítica literária e, nesse período, tínhamos a ditadura emergindo na Argentina, e não apenas emergindo, mas tomando conta das lideranças universitárias que haviam, sobretudo, na cidade de Córdoba e na cidade de Buenos Aires. Pessoalmente eu não estive em nenhum movimento de luta armada porque não era minha vocação, não era minha linguagem. Entretanto tinha grandes amigos que pertenciam as lideranças do movimento Montoneros, Tupamaros que foram, sem sombra de dúvidas, o grande alvo dentro do sistema repressivo que se criou. Quando começaram a cair as lideranças juvenis meu pai me pediu “pelo amor de Deus vá embora da Argentina por 6 meses, 1 ano, depois quando terminar toda essa instabilidade e se restabelecer a ordem democrática você retorna”. Eu tinha um primo aqui em SP, então eu vim para o Brasil para ficar aqui 6 meses, 1 ano, estou aqui há 45 anos.

Realmente nunca me senti determinada de convencer os sistemas de intervenção para transformação social por mecanismos de força. Acredito que já temos histórias demais para ver que eles não criam raízes, que eles não se perpetuam, podem de fato estagnar um processo. Podem colocar um limite em uma situação extrema, mas eles não têm a capacidade de metabolizar novas variáveis para que entre no sistema. Quando estamos falando de mudanças culturais, quando estamos falando de ser e estar no mundo, as coisas adquirem uma proporção imensa, simplesmente se torna incomensurável. Coisas que se dão por naturais são simplesmente hábitos culturais, são procedimentos culturais que se enraízam e,

fundamentalmente, na minha avaliação, pela não percepção dos nocivos que acabam nascendo a médio e longo prazo. A curto prazo não se percebe, mas a médio e longo prazo isso adquire uma corrosividade da qual, obviamente não é fácil se recuperar depois. Então nesse sentido, quando vim para o Brasil, em 1973 também estávamos em ditadura aqui no Brasil, não com a violência que existia na Argentina, na Argentina acontecia uma violência absurda, de proporções absurdas, mas ainda estávamos passando por isso aqui com a ditadura, e a gente tentava minimamente compreender, minimamente conseguir acolher repertórios que conseguissem criar um cenário mais saudável. E nessa busca, nessa dinâmica, terminou criando-se um grupo de alunos, um grupo de amigos, um grupo de simpatizantes que deu origem ao que hoje está casa tem como instituição. Uma instituição vocacionada fundamentalmente à convivência. A missão da paz é aprimorar a convivência humana mediante ações educativas que visem a aproximação das culturas e a articulação dos saberes. Naquela época começava-se a falar da multiculturalidade, começava-se a falar da transdisciplinaridade, tínhamos os primeiros movimentos lá na França com o professor Edgar Morin e o professor Basarab Nicolescu. Tínhamos aqui no Brasil os primeiros movimentos do professor Ubiratan de Ambrósio junto com o professor Arnoldo Royos Guevara, que começaram a falar que os saberes poderiam mutuamente se enriquecer e mutuamente se incentivar a novos campos, a novas vertentes. Era o momento do surgimento do pensamento complexo, do pensamento sistêmico, todo esse fervilhar tão extraordinário que se deu na década de 70, na década e 80 e, obviamente, isso inclui a década de 90 com todos os seus movimentos ecológicos. Já tínhamos os primeiros pensamentos da ecologia profunda... Pensamento de Maturana e pensamento de Varela. E numa outra vertente tínhamos o Hooper Schedrik, tínhamos o colegiado de Budapeste, tínhamos o movimento dos empresários. Então nós tínhamos um fervilhar e quase que uma preparação para o que se entendia que seria uma mudança e uma aurora no início do século.

Todos estávamos esperando esse renascer no 3º milênio, do século XXI. Sem sombra de dúvidas muitas dessas ideias, muitos desses programas, muitas dessas plataformas de pensamento continuam válidas e se alicerçaram, se implementaram nos dias de hoje. Entretanto nos dias de hoje nós enfrentamos realidades que, sequer, sonhávamos que naquele tempo. Sequer sonhávamos que teríamos continentes de seres humanos em condição de refugiados – refugiados políticos, refugiados econômicos, refugiados ambientais – não imaginávamos que teríamos que entrar em um enfrentamento com o terrorismo, pensávamos que isso já havia ficado no passado. O acirramento, a intolerância de parte a parte pelas religiões também era impensada. Nunca imaginamos que as tradições afro brasileiras teriam que estar constantemente em estado de defesa de seus princípios, de sua ancestralidade, de sua trajetória porque são vilipendiadas, são desqualificadas até publicamente em cultos que se dizem religiosos. Nós temos exacerbado o individualismo paralelamente a todo esse movimento que estávamos falando, na década de 80 que vem a experiência dos yuppies e dos wenders que você tem que ser um vencedor, você tem que ser alguém, o chamado para essa

condição competitiva e desqualificadora de qualquer outro que se aproxime de mim como um competidor, que se aproxime de mim como um potencial competidor, isso vai criando subterraneamente a condição a qual hoje nos encontramos, que é de um individualismo exacerbado em que não apenas não vamos a um outro povo, a uma outra comunidade para ajudar junto com a máquina, mas se quer ajudamos ao próprio povo ao qual pertencemos. Porque entendemos que isso tem que ser feito por alguém já determinado, mas não necessariamente com a inclusão de todos. Nós terminamos nos apegando a supostas vantagens, supostos modelos de desenvolvimento que acreditávamos que fariam com que as pessoas se tornassem mais satisfeitas com a vida e consigo mesmas, e obviamente isso não se cumpriu. A Organização Mundial da Saúde é muito clara em dizer que grande parte das doenças que hoje temos e que teremos nos próximos 30 anos são doenças decorrentes de atividades comportamentais. Não são provenientes de epidemias ou de contaminações, são comportamentais. Nos perdemos no caminho, nos confundimos no percurso da estrada, mas aquilo que aspirávamos poder ter neste novo início de milênio, não aconteceu. Simplesmente não aconteceu. Em outros campos temos avançado, não podemos duvidar. Nós hoje temos direitos das crianças, segurança sobre os direitos das crianças que não tínhamos há 20 anos. Temos avançado na equidade de gêneros, sem sombra de dúvida hoje você pode ter um piloto que seja uma mulher, você tem mulher nas forças armadas, você tem mulheres no judiciário, temos nesse momento a liderança de uma mulher dentro do sistema judiciário, o que é extraordinário. Imaginemos isso há 30 ou 40 anos atrás, era impossível, inviável. Em algumas questões temos avançado, não tenho a menor dúvida disso. Temos leis de proteção aos animais, imagina, eu sou da época que ainda se visitava zoológicos com jaulas para tigres, com jaulas para leões, que a única coisa que dava para fazer era dar cinco passos para um lado cinco passos para outro, cinco passos para um lado cinco passos para outro. Hoje seria impensável ter um animal na condição de cativo, na condição de padecimento, na condição de sofrimento era o que presenciávamos nos zoológicos.

Mas há outras que são muito grandes, eu não sei, pessoalmente confesso que penso, penso... Como vamos resolver o problema dos refugiados? Não são mil refugiados, não são dois mil refugiados, são milhões de refugiados que precisam comer, que precisam dormir, que vão precisar de escolas, que vão precisar de agasalhos, que vão precisar de emprego. Então quando nós vemos o ressurgimento das direitas radicais na Europa, claro, de longe é muito fácil de criticar, mas quando você tem seus próprios filhos, quando você tem seus próprios familiares sem emprego, como que você faz para abrir as portas para refugiados que vão necessariamente pleitear os mesmos empregos? Daqui a pouco, o mundo é sem fronteiras, e as pessoas não querem abrir as suas portas. A gente tem aqui vizinho a Venezuela, as pessoas estão vindo para o Brasil porque estão com fome, porque querem comer. Os haitianos é uma situação, me atrevo a dizer, a única experiência próxima que tivemos foi na segunda guerra mundial, quando tivemos, logicamente, o movimento dos refugiados, mas era muito mais “administrável” a questão. Porque era um grupo determinado, eram povos determinados ou pessoas com ascendência

ou descendência determinadas, sejam ciganos, sejam Testemunhas de Jeová, porque não apenas judeus, mas outros também foram problemas. Penso que era mais fácil de poder administrar certas situações, hoje é bem mais complexo.

*Quando fala em complexidade eu lembro do Adam Kahaine, é um dos livros que eu estou estudando, como ele conseguiu através do diálogo ser um mediador naquela experiência que ele fez num país da África. É muito inspiradora a experiência. Hoje existem poucas pessoas assim e me parece que as escolas estão cada vez mais buscando educadores com esse perfil, um perfil mediador.*

Sem dúvidas! Agora esse professor, esse profissional a meu ver não está sendo capacitado para essa função. Hoje, deixo isso muito claro, já venho alertando isso, me atrevo a dizer fácil, fácil, há uma década, está baixando o nível de aspiração pedagógica ou o ingresso nas faculdades de pedagogia, seja tanto pelo sexo feminino quanto pelo masculino, masculino já era quase irrisório agora é cada vez menor. Não vejo o cenário do educador, nada louvável, e isso é problemático. Quando uma criança, um adolescente, se permite desrespeitar em público, em sala de aula, um professor, até bater em um professor, a situação se torna complexa. Então essa pessoa que você está sinalizando com tanta propriedade, em educador mediador, um educador facilitador. É necessário antes de tudo qualificar a escuta, isso é pré-requisito para qualquer condição em que as pessoas se disponibilizem mutuamente a estabelecer um diálogo. Se não se qualifica a escuta, avança-se muito pouco. Além disso, por que os professores estão em sala de aula? Qual mudança o professor quer promover nos seus alunos? Porque em última instância, a gente, de certo modo, aspira poder promover mudanças no outro. Porque isso em última instância é o papel do educador, o que vai promover curiosidade, o que pode despertar essa inquietação a respeito de você mesmo, de suas próprias habilidades.

Mas os jovens não foram convidados nem para refletir, nem para sonhar, foram convidados única e exclusivamente senão para sentir, ou seja, a sensação imediata, e dar vazão aquilo que está pulsando também de imediato. O jovem necessita estar conectado com isso, sentir, ter sensações, e ter sensações cada vez mais intensas. Tem aí um certo volume absurdo com o qual se escuta música, que nem sequer se pode ouvir porque não há condição de audição nesse volume. Tem aí também a ingestão exagerada de bebidas, porque quer sentir. A questão hoje é sentir, ter sensações, ter experiências novas, experimentar e se possível experimentar tudo, sem nenhum tipo de reflexão sobre as consequências desse tipo de experimentação.

Quem mais mata e quem mais morre são os jovens entre 15 e 27 anos. Quem mais estão nos presídios são jovens nessa faixa etária, de 18 a 33 anos. Então esses são os grandes desafios que temos, não acredito que sejam de outra ordem.

São desafios para os quais nós não temos experiências acumuladas. O que vamos fazer com as drogas? Vamos descriminalizá-las? Perfeito, o que aconteceu na Holanda quando se descriminalizou? Reduziu o consumo, reduziu as dependências, reduziu os óbitos, não reduziram? Então isso também não funciona, o que vamos fazer, vamos descriminalizar a maconha? Perfeito. Vamos saber da



experiência do Uruguai. Agora acredito que o Canadá também ajudará bem nisso, vamos saber que caminho se configura a partir daí. Mas nós não temos experiência, são situações novas, a droga jamais fez parte do cotidiano da população, muito menos das populações carentes. A droga sempre fez parte da elite, uma elite muito pequenininha, muito sofisticada a qual não se tinha acesso de maneira nenhuma.

Hoje não, pegou a população mais carente...

Temos um trabalho muito grande pela frente e o primeiro trabalho é não desistir. Eu tenho três verbos: insistir, persistir e resistir. São meus três verbos. Porque isso é uma vocação de vida, e uma vocação de vida não se pode mudar apenas porque as circunstâncias externas mudaram. As circunstâncias externas mudaram, mas a vocação continua sendo a mesma. A maré está encrespada, bom, vamos aprender a nos equilibrarmos com a maré encrespada, mas não me cabe também a menor dúvida que a longo prazo vamos revisitar as premissas que temos plantado no final do século 20 e todo o início do século 21. Vamos dizer “essas premissas não são viáveis”, “não são sustentáveis”, a vida não se apoia apenas nos vencedores”, “a vida não é feita apenas para os competidores”, “a vida tem muita profundidade”

*Se a gente fosse pensar numa formação, professora, o que a senhora acha que a gente poderia desenhar, por exemplo, numa formação para mediadores?*

Primeira coisa na qual eu vejo trabalhando em diferentes cenários, ética, princípio da convivência, princípio da coexistência. O primeiro, deixar claro que a gente não percebe o que não percebe, e que necessariamente irei precisar de um outro para começar a perceber. Vou dar um exemplo bem claro, há alguns anos estava na internet pesquisando, pesquisando, me encontrei com uma placa, um slide de uma senhora chamada Valdina em que ela dizia: “eu não sou descendente de escravos, eu sou descendente de pessoas que foram escravizadas”. Eu me lembro o estado de comoção interna que eu fiquei ao ler isso, porque toda a minha vida eu tinha falado descendente de escravos como se a escravidão fosse uma identidade. Construiu-se uma identidade do escravo, se deu um carimbo no escravo, e nós continuamos colocando o carimbo. Eu nunca me coloquei a refletir se a escravidão era uma identidade ou não era uma identidade como dizer norueguês, como dizer espanhol, como dizer colombiano, como dizer o que for. Não é uma identidade ser um escravo. Não percebemos que não percebemos. Nós continuamos falando, chamando a nosso nativo, a nossos povos da floresta, nós continuamos dizendo que são índios. Mas meu Deus, a gente já sabe que houve um erro quando vieram os portugueses, que acreditavam que chegavam na Índia, mas não era a Índia, e continuamos chamando índios. Mas que asneira a nossa, continuamos repetindo um erro. E continua se dizendo, e se celebrando, e comemorando as datas do descobrimento da América. Qual descobrimento da América? Já existiam povos com línguas, contradições, como maneiras de sacralizar suas vidas, isto não foi então uma descoberta. Então isso foi simplesmente uma invasão. A partir do momento em que a gente não limpe esse terreno e continue falando, reafirmando coisas que não são verdadeiras, até que a gente não fale com

todas as palavras as coisas, vai ser difícil que tenhamos um mediador com a capacidade de transformar as coisas, porque sempre vai estar no subterrâneo a mentira oculta. Vai estar a meia verdade apodrecendo lá embaixo e nós temos muita coisa para limpar, muito terreno para deixar exposto.

A maior parte de tudo que está escrito na história não é certo. A maior parte pertence a uma história única. Quem vai falar a respeito de história única é uma escritora africana, não me lembro se era nigeriana, em que ela no Youtube num documentário fala a respeito do perigo da história única. Tudo isso escrito a partir de uma visão eurocêntrica, e num mundo que se diz globalizado, mas não está globalizado, continua sendo eurocêntrico! Todos os dias, não entendo a reação, não entendo como não consegui enxergar e perceber, todos os dias e em todos os informativos, você tem informações a respeito de como é que está a bolsa de valores em Frankfurt, como é que está a bolsa de valores em Londres, se subiu o índice NASDAQ, se desceu o índice NASDAQ e quanto custa o dólar e quanto custa o euro. Meu Deus! Pode me dizer qual é o sentido de que continuem todos os dias dando essa informação?

*Nos cursos que você tem realizado, nos encontros, você tem alguma experiência que gostaria de relatar nessa questão desse acordar, mais para a mediação?*

Eu dou na quinta-feira de manhã um programa chamado práticas atencionais, e que tem pessoas absolutamente de todos os grupos, todas as profissões, na turma nós temos uma pessoa que quando entrou no curso não conseguia olhar, não apenas a mim, mas a ninguém. Simplesmente estava com o olhar permanentemente no chão, não conseguia olhar. Acho que já são 3 trimestres, estamos no terceiro trimestre. Estamos hoje falando dos 4 graus da oração, segundo Santa Tereza de Ávila em que ela diz que na educação para prece, o primeiro é ser como um balde, pode-se comparar a um balde, para buscar algo em um poço, e carregando esse balde, levá-lo para a terra que a gente quer regar e nutrir. No segundo passo já diminui o esforço, dizia ela, porque pegamos uma manivela e uma roldana e conseguimos tirar a água do poço, para pode levar e regar a horta ou o jardim que queremos. No terceiro passo da prece ou da oração, é questão de achar um riacho, achar um lago, para que a gente abra a comporta, passe nessa água, feche... já não temos tanto mais esforço. Eu ia explicando isso, cheguei a terceira e falei: “o que imaginam agora que será o quarto passo, de onde, acontecerá essas águas para o quarto passo?” E essa pessoa me olhou e falou: “da chuva”. Foi uma emoção para mim! Essa pessoa me olhou, me olhou, e falou na turma, falou em público: a chuva. E de fato, Santa Tereza fala que é a chuva, que é o poder do divino... é uma emoção tão grande. Estamos no terceiro trimestre, ela manifesta-se com tanta serenidade no rosto, com tanta candura “a chuva”, não pode ser outra coisa. Isso justifica qualquer coisa, isso justifica qualquer coisa, qualquer coisa. Eu estive recentemente em Blumenau trabalhando com um grupo de gestores e diretores da Cooper, que é uma cooperativa de supermercados que existe em Santa Catarina, trabalhando justamente as questões da comunicação não-violenta, questão do diálogo, questão

da vinculação da qualificação da escuta, dos princípios que criam tecido, que criam continente, que criam rede humana. Brilhantes. Tem que ver quando consegue-se criar um espaço de confiabilidade em que se deixa muito claro “gente, aqui ninguém tem que agradar a ninguém. Vocês não têm que concordar com o que eu falo, não há nenhuma pré-condição para isto que estamos falando” e vemos as defesas, as carapaças, as armas, as armaduras caindo. E perguntam: como é que você consegue? Simplesmente despertando confiança!

## **Marlene Masino**

Marlene Masino é italiana, formada em Ciências da Comunicação e formadora de adultos, tendo estudado por 3 anos aconselhamento na escola de Counseling.

*Fale-nos um pouco sobre a sua caracterização pessoal, profissional, sobre sua formação acadêmica e os locais por onde você atuou. Considere também o contexto onde sua atuação se deu, como era esse espaço, quem eram seus participantes e protagonistas. Por que você escolheu relatar essa prática?*

Meu nome é Marlene Masino, eu sou italiana e suíça, e moro na Suíça. Os meus pais moram na Itália, na fronteira, na verdade. Eu tenho 36 anos e trabalho num presídio aqui na Suíça italiana, em Lugano. Estou estudando Naturopatia atualmente, mas minha formação é em Ciências da Comunicação, fiz faculdade e depois eu estudei 3 anos na escola de Counseling – aconselhamento é a tradução em português – e, sou formadora de adultos. Na Suíça tem um curso de 5 módulos, eu tenho os primeiros 3 módulos de Formação de Adultos.

A minha história, minha experiência profissional, é bastante variada. Eu comecei, depois da faculdade, a trabalhar num banco – Online Marketing – de cartão de crédito, e durante o meu trabalho eu comecei a estudar counseling, depois de três anos, deixei o meu trabalho para ficar desempregada, mas com o objetivo de mudar de setor. Eu queria de todas as formas trabalhar no setor social, e deixei a Suíça por três meses, fui fazer um voluntariado no Brasil, fiquei um mês em Teófilo Otoni numa casa de meninas e dois meses no Centro Social Esperança, em São Paulo.

De volta, eu comecei a fazer um estágio no presídio, como estagiária de Assistente Social, o problema é que eu não tinha formação de Assistente Social, mas a minha responsável quis me manter com contrato de estágio fazendo só counseling. Então só encontros individuais com presos que estão dentro da prisão ou que estão em liberdade condicional. O counseling em dois setores principais: um é o counseling normal, ou seja, gestão de problemas, de conflito atuais, concretos, diferente da psicoterapia. E o outro é ajuda a reinserção no trabalho no sentido de reinventar os próprios objetivos, o próprio percurso profissional, por exemplo,

pensando em formações ou projeto de Business Plan para abrir uma empresa, etc. Eu estou trabalhando com isso já 7 anos e meio.

Paralelamente, trabalhei primeiro como formadora, depois como coordenadora da formação num projeto de desemprego. Um programa ocupacional temporário para pessoas desempregadas. Lá comecei a minha profissão de formadora, na verdade. No meu trabalho eu sempre tentei misturar as técnicas de escuta ativa com técnicas de formação de grupo. Então a mediação foi sempre um aspecto muito importante na minha profissão. Também hoje, porque hoje eu estou trabalhando mais como counseling e menos como formadora. Como formadora atuo só duas vezes por mês com pequenos grupos de pessoas que estão em liberdade condicional. Mas, principalmente o meu estilo e a minha formação incluem técnicas de escuta ativa, de counseling e de gestão de grupos, então faço mediação nesse sentido.

Atualmente estou trabalhando também como coordenadora de um programa de informática, sempre por conta da prisão, a oficina onde trabalho chama-se Ufficio di Assistenza Riabilitativa. Eu trabalho na prisão, mas eu estou na oficina dos assistentes sociais trabalhando como coordenadora nesse programa de gestão de dados dos presos. Então, minha mediação é como counselor, como formadora, mas também como coordenadora, porque sempre temos que mediar conflitos, negociar com os colegas.

Eu também fiz dois ou três seminários, um internacional residencial com Marshall Rosenberg sobre a comunicação não-violenta. Eu digo isso porque é um elemento muito importante que não tem a ver com a minha formação de counseling, de formadora, mas que eu utilizo muito, sobretudo porque durante a mediação é necessário escutar as necessidades, falando uma linguagem comum, entre as duas partes. Sobre a comunicação não-violenta abro um pequeno parêntese: eu consegui dar algumas aulas de comunicação não-violenta durante a minha atividade de formadora e no presídio, também em São Paulo num curso de gestão de projetos sociais, no Centro Social Esperança e também para os educadores de uma creche. Eu vou contar sobre uma prática que surgiu como uma ação pontual e virou uma prática de mediação durante o meu trabalho de coordenadora de formação que eu acabei o ano passado.

Eu era coordenadora de 22 formadores, eram 15 formadores que estavam na reunião de setor, era a formação com técnicas de busca de emprego, formação de aulas para os desempregados, que eu vou chamar de participantes. Eu coordenava, eu não tinha que lidar com questões sobre o pessoal, no sentido que era o diretor que fazia uma gestão de pessoal. Eu somente coordenava a formação e todos os temas da ética, do comportamento, da atitude do formador com os participantes. A gente estava numa reunião, eu estava abrindo um espaço para dúvidas, perguntas, queixas. Estávamos numa sala de aula, era uma manhã reservada a cada 2 meses e meio para essas reuniões, eu estava em pé e os outros estavam sentados, o ponto eram as dúvidas, problemas na formação. E durante aquela reunião aconteceu uma discussão sobre o comportamento dos participantes, a gestão individual dos casos

problemáticos e as regras que o diretor da fundação onde eu trabalhava queria que fossem aplicadas com os participantes.

Um exemplo prático, uma formadora que também era counselor, queria saber se quando os participantes em sala de aula criam problemas, não participam ativamente da aula, se poderia mandá-los para fora e aí surgiu uma outra polêmica, de uma outra formadora, dizendo “o diretor falou que não dá”, outra formadora falou “são adultos, a gente não pode mandá-los pra fora, não são crianças”, enquanto outra formadora disse “pode, se eles não deixam acabar com o seu programa pode mandá-los para o diretor”. Na verdade, surgiu uma discussão, uma polêmica, e eu, como era a coordenadora poderia ter escolhido uma forma muito diretiva de dar respostas. Uma mulher, a formadora perguntou “posso ou não posso? Eu só preciso de uma resposta! ” E, para mim, não era uma resposta tão simples, tinham muitas implicações, são adultos, não são crianças, mas ao mesmo tempo eles têm que demonstrar respeito, pois eles são avaliados pela capacidade quando voltam para o escritório e oficina de desemprego.

Talvez eu possa contextualizar um pouco melhor: os desempregados chegam lá enviados pelo Ufficio Regionale di Collocamento, é o escritório do desemprego que manda as pessoas nesses programas para aumentar a probabilidade de encontrar trabalho, agora esses programas são obrigatórios e os desempregados chegam com raiva, não todos, mas a maioria chega com raiva, com uma atitude de resistência. Se eles não participam dos cursos, o que acontece é que ganham menos dinheiro, recebem uma sanção, ganham menos dinheiro e perdem um pouquinho de direito ao seguro desemprego. Na Suíça tem uma espécie de caixa de desemprego, cada pessoa que está desempregada, depois de ter trabalhado 1 ano, tem direito a 400 dias pagos de seguro de desemprego, e recebe uns 70, 80% do seu último salário. Em cada mês que você trabalha, você paga 1,1% de seguro desemprego e quando perde o trabalho, por diversas causas você tem direito, mas direitos e deveres, como um seguro de um carro, por exemplo.

Então você tem direito ao dinheiro, mas deve buscar trabalho, fazer as coisas que diz o consulente do desemprego e, por exemplo, participar desses programas se o consulente te mandar participar. Em todo esse contexto, um formador que tem grupos de desempregados, em muitos momentos é importante ter uma atitude de adultos com adultos, não democrático demais. É um trabalho difícil, em que é necessário lidar com resistência e tentar transmitir o sentido da mensagem. Se o sentido é “a gente vai te ajudar a encontrar trabalho, valorizando os seus recursos e as atividades que a gente faz são pensadas, tem sentido, tudo bem”. Se a mensagem que passamos é “a gente tem que te entreter e nós formadores não acreditamos nas nossas atividades”, isso confirma que esses programas não têm sentido.

O contexto da minha prática de mediação foi o de muitos formadores frustrados com esse tipo de ambiente, pois eles gostariam de portar-se de outra forma com os participantes, que talvez não seja aceita pela fundação. A fundação quer respeito, quer democracia, quer passar sentido, tratar os participantes como adultos e os formadores se queixavam dizendo que isso não era possível, preferiam

ser muito diretivos ou deixavam por conta do participante escolher e sair da sala de aula. Espero que esteja bastante clara a minha explicação. Nesse caso específico, eu estava tentando ajudar os formadores a encontrar uma solução, então eu tentei, usando a técnica de escuta ativa, reformular todos os problemas e formular uma pergunta por parte dos formadores. Uma pergunta foi, por exemplo, “eu quero uma resposta do diretor”, outra pergunta foi “como lido com os participantes que se comportam como criança?” E reformulando chegamos a “eu quero sugestões de como lidar com esse caso específico” e minha proposta foi de dedicar, ou seja, se tiverem perguntas concretas, por exemplo, “eu posso mandar o participante para fora da aula?”, então eu sugeri que em cada reunião dos formadores, reservássemos de uma hora a uma hora e meia para discutirmos esses casos.

Então uma pessoa por vez leva um exemplo concreto de um problema com um participante e isso acontecia segundo uma estrutura bastante delimitada, ou seja, 10 minutos para contar a situação, 5 minutos para conversar entre os formadores, 5 minutos para completar a discussão, fazer sugestões, etc. Com uma técnica muito concreta de resolver os problemas caso a caso, o resultado foi muito bom. É claro, sempre temos questões para resolver, sempre teremos algumas situações difíceis para dar uma resposta, mas pelo menos eu acredito que compartilhar os problemas e tipos de soluções, foi uma boa forma de encontrar respostas. Na verdade, os formadores começaram a trocar problemas fora das reuniões, durante o trabalho, durante as pausas. Foi como compartilhar um problema comum, desenvolveu-se essa consciência da troca, o que antes não acontecia muito, porque antes muitos formadores que chegavam de outros ambientes de trabalho e outros locais, tinham essa atitude de “eu sou capaz, eu não tenho problemas, então eu não vou compartilhar os meus problemas porque senão parece que eu não sou capaz de ser formador” e os resultados foram muito bons!

Então, diante de um problema pouco concreto, de saber como lidar com desempregados participantes com resistência, com diferentes soluções, regras e atitudes possíveis, a minha estratégia foi, antes de tudo, reformular os problemas e encontrar soluções práticas. A solução mais prática foi colocar esses sentimentos gerais, muito emocionais na verdade, em uma estrutura concreta. Estruturando a formulação, estruturando as respostas, estruturando o processo de resolução de problemas de uma forma democrática. Ou seja, de uma forma compartilhada e não diretiva. Nem sempre é possível, mas nesse caso foi ótimo, também porque uma competência do formador é a de ser democrático, de encontrar soluções, de mediar, na verdade.

Eu escolhi contar sobre essa prática porque acho que mediar, facilitar os processos, é um recurso que a gente tem que aprender a exercer também nas relações, não só com os participantes, com os alunos, mas também entre o grupo de trabalho e até na nossa vida pessoal, porque mediar é facilitar, uma coisa que acontece também na família, acho muito importante.

A particularidade da experiência que eu escolhi com os formadores é que, com os participantes você mentalmente tem um papel – você é formadora e eles são participantes – e é bastante claro, depois você aprende a lidar com isso. Agora, no

meu caso como coordenadora, eu não era diretora, então eu não podia decidir tudo. Ao mesmo tempo eu era responsável pela reunião, responsável pelos problemas dos formadores, eu era um suporte. Eles eram formadores, ao mesmo tempo colegas e, ao mesmo tempo estavam sob minha responsabilidade. Então é muito fácil ter medo de dar ordens se você não tem um papel. Eu acredito que existem diferentes personalidades e a minha personalidade é de tentar não ofender, não ser mal-educada, não ser agressiva. Para resolver conflitos, se você conversa no nível emocional, das suas emoções ou das emoções do outro, não tem muito para resolver. Os conflitos não ficam muito fáceis de resolver, tudo fica subjetivo.

Reformular as perguntas das pessoas te permite sair das emoções. Não sei se você conhece a teoria do iceberg? Tem a ponta do iceberg, que são as coisas que a gente vê. Então, coisas concretas: tom da voz, expressão facial, palavras utilizadas, esse é o objetivo. Tudo aquilo que está embaixo da água a gente pode somente pensar em hipóteses, essas são as emoções, os pensamentos. Agora se eu converso com a outra pessoa abaixo do meu iceberg versus abaixo do seu iceberg, é difícil, a gente conversa num nível que não é objetivo. É preciso reformular, trazer para cima, para fora da água, onde as emoções, as palavras, os pensamentos são visíveis. E a gente só pode trabalhar sobre as coisas concretas, objetivas, que a gente vê. Fatos concretos, senão não existe possibilidade de negociar. Se eu trago a conversa para o âmbito concreto, se eu tento entender, reformular um problema, uma frase do formador, por exemplo: “eles são crianças, os desempregados são como crianças”, então se eu tento reformular e ver qual é a necessidade, qual é a pergunta concreta do formador, transformando-a em, por exemplo “eu estou confusa e preciso de ajuda nessa situação concreta quando o participante me fala isso, isso e isso. Como que eu posso lidar com isso? ”. Isso é a transformação de algo emocional em algo concreto. E isso nos ajuda a reduzir os prejuízos, os problemas de autoestima, o medo, e nos auxilia a conversar sobre as coisas com uma atitude de resolução de problemas. Então percebemos que colocando a coisa de uma forma concreta dá para resolver os problemas. Isso muito banalmente, resumindo é isso. Mesmo em situações onde os papéis não são muito claros entre as pessoas, ser concreto ajuda a tirar todo tipo de pensamento de perda, de estereótipo e se colocar com uma atitude de resolução diante dos problemas.

## **Roger Seiji Itokazu**

Roger Seiji Itokazu é graduado em Psicologia e pós-graduado em saúde pública pela Universidade de São Paulo – USP. Atualmente é mestrando em Psicologia Social pela PUC e mediador social no Senac São Paulo.

*Relate uma prática, uma ação mediadora que você desenvolveu. Do início ao desenvolvimento, além dos resultados. Considere o contexto onde a ação se deu, se foi um projeto pontual ou um espaço, quem eram os participantes, os protagonistas*

*e os papéis que desempenhavam. Por fim, comente quais foram as motivações que te levaram a escolher essa experiência que você relatou.*

O que vou relatar foi uma ação em grupo e aconteceu com jovens em Eldorado – Diadema. Bom, Diadema é um município bem pobre do grande ABC e Eldorado é a periferia de Diadema. Para se ter uma ideia, em um senso que fizeram sobre Eldorado concluiu-se que lá não existia desigualdade social, porque o bairro como um todo, a região como um todo, era uma região empobrecida. No passado, Eldorado era um lugar de veraneio, nos anos 70 e 80 era um lugar onde existiam grandes sítios, grandes chácaras, com uma grande represa e vários artistas tinham casas e iates. A partir dos anos 80 aconteceu um processo de grande pauperização, “periferização”, pois as pessoas foram para as periferias e, por conta disso surgiram muitos loteamentos irregulares e junto a isso aconteceu uma grande ocupação das famílias que estavam indo para a periferia. Todos esses dados nós levantamos no planejamento estratégico da ONG para qual eu trabalhava e que ficava em Eldorado. Portanto, a atuação se deu em um lugar de um baixíssimo IDH, um lugar extremamente adensado e ao mesmo tempo super ausente de políticas públicas, e em que os jovens eram e ainda são vítimas de genocídio policial!

A ONG a qual me refiro, chama-se ACER: Associação de apoio à criança em situação de risco. Hoje ela tem seus 30 anos de existência e na época que eu estava lá, a ONG além de projetos sociais e comunitários, possuía também um viés político. Nesse sentido, ela buscava sempre se comunicar com as políticas públicas locais e além de fazer parte do conselho de direitos da criança e dos adolescentes, também articulava a RECAD: Rede de atenção à criança e adolescentes Diadema.

Meu primeiro papel na ACER foi o de educador social e, na época desse projeto que vou narrar, eu era tanto educador social de alguns jovens, como também coordenador do Núcleo de Protagonismo Juvenil, que era um núcleo responsável por fomentar processos participativos com a juventude. O núcleo tinha vários projetos principalmente da área cultural, a maioria dos projetos nasciam por desejo dos jovens. Então, eles se organizavam, percebiam as demandas deles e, em cima disso nós íamos favorecendo uma formação, uma consistência maior dessa ideia para que ela pudesse se tornar um projeto. Nós tínhamos, portanto, esse papel de formação, de criar uma ponte com as pessoas, os jovens do próprio grupo, do próprio bairro e das políticas públicas, dos fazedores de política públicas na região e no município. Essa era uma etapa inicial, porque acreditávamos que em todo esse processo devíamos estar próximos aos jovens e aos poucos, poderíamos nos distanciar.

O projeto ao qual me refiro aqui é um projeto de participação na área de esporte, cultura e lazer. Os jovens viam que tinha muita área abandonada no bairro e, ao mesmo tempo, uma grande ausência de recursos e de serviços na região e pensaram “se a gente não tem espaço para se divertir, e os que têm estão muito mal utilizados, as quadras, as praças, precisamos fazer alguma coisa” e diante disso eles começaram a se organizar, para entender, qual que era o uso e a participação da comunidade naquele espaço, seja uma quadra ou uma praça. Eles descobriram quem eram as pessoas que se articulavam para tomar conta e para usar aquele



espaço. Mapeando essas pessoas, elas começaram então a se articular para formar um grupo de gestão desse espaço, junto com o grupo de gestão dos jovens e dessa forma acontecia uma gestão compartilhada entre os moradores do entorno daquele equipamento e os esses jovens que faziam as atividades, os jovens ocupavam a praça constantemente para fazer atividades e trazer um outro sentido de uso daquele lugar. Então esses jovens começaram a organizar reuniões junto com os moradores - é o desenvolvimento local acontecendo só que puxado pelos jovens – e nós acompanhávamos fornecendo uma orientação, uma supervisão. E então eles começaram a fazer esse processo de uso do espaço e com o tempo eles começaram a se articular com o poder público, com as secretarias. Essa, por exemplo, era uma provocação que nós educadores fazíamos para eles: “Ah, legal! Nós estamos fazendo mutirão, revitalizando os espaços, dando outro uso, outro sentido para a comunidade, mas é a responsabilidade do poder público nisso?” E para que isso acontecesse a organização iniciava um processo de diálogo com o poder público, sempre no sentido de eles (o poder público) abrirem o diálogo com os jovens e esse era um grande desafio porque os jovens, como sempre, são vistos como aqueles atores de atos infracionais. Por isso, o jovem no município é visto muito mais como aquele que vai se utilizar do serviço, de medidas socioeducativas e não de outros serviços, mas principalmente de serviços ligados a medidas socioeducativas. Grande parte dos jovens de Diadema e particularmente de Eldorado eram os que estavam nas listas dos jovens que eram internos na FEBEM, hoje Fundação Casa. Portanto, o nosso propósito era o de convencer o poder público que aqueles jovens eram propositivos e não só autores de ato infracional, nosso papel era o de fazer essa ponte para que os jovens pudessem começar um diálogo aberto com os secretários de esporte, cultura e lazer.

Junto a tudo isso que relatei, também desenvolvemos com os jovens um trabalho interno através de um programa chamado “Educação para Direitos” em que o objetivo era tratar toda essa práxis de quais são os direitos e como eles acontecem, de que forma podemos intervir nesse ciclo e sair dele, gerando círculos virtuosos, a ideia é sair de círculos de problemas para entrar em círculos virtuosos.

Além disso, fazíamos um trabalho de fomento à participação desses jovens nos próprios conselhos de direitos da criança e do adolescente e também no orçamento participativo. Eles começavam com essa base, faziam essa articulação com o bairro, com desenvolvimento local, o levantamento de propostas, a articulação das ideias e levavam isso para os secretários, imaginando a possibilidade de inserir tudo isso nos planos da prefeitura.

Nós tivemos vários frutos desse trabalho, foram 2 anos com esses jovens, nesse projeto em particular, mas essa ação política participativa dos jovens e a presença da organização já vinha de muito antes, então também teve uma história que foi concretizada nesses 2 anos. E nós conseguimos perceber tanto a revitalização das praças (tiveram 3 praças, quadras que foram reurbanizadas pela prefeitura), como também a inserção das próprias atividades dos jovens no calendário da cultura, esporte e lazer do município. Portanto, conseguimos uma atuação mais direta no local, na região, na cidade como um todo. Nós abrimos

aquele espaço que foi reorganizado pelos jovens junto com a comunidade, para toda cidade.

Contudo, depois de todo esse ciclo nós começamos a levantar questões em cima de tudo isso porque, no sentido de que se por um lado temos os jovens que estão organizados junto com a comunidade, fazendo atividades junto com ela e para ela, retomando a ideia do jovem enquanto agente político e não agente de políticas públicas, agente passivo das políticas do serviço público, principalmente medidas sócio educativas. Nós estamos substituindo um serviço do poder público? Claro que temos essa transformação da vivência do jovem com a sociedade, mas será que isso também não pode ser um “tiro no pé”? Porque estamos ocupando um espaço que é das políticas públicas. Então esse foi um primeiro questionamento nosso. O segundo é pensar até que ponto esse processo todo também não teve um viés de participação eleitoral? Nós acreditamos que o processo correu muito bem, mas talvez por conta até da própria organização que já tinha uma representatividade forte, então nós questionamos muito essa relação do projeto com o poder público. Enfim, o que nós percebemos foram muitos ganhos em todos esses âmbitos, tanto na organização dos jovens, como da própria ONG e para o bairro também. Mas não descobrimos exatamente qual que seria o próximo passo desse projeto dentro de uma perspectiva de nos articularmos com o poder público sem o substituir. Os jovens disseram que todo o processo mudou muito a vida deles, mas por outro lado, nenhum deles ainda estava articulado com o grupo. Percebemos uma melhora nas quadras, nas praças, mas não aconteceu de fato uma grande apropriação contínua.

Por fim, notamos que a idealização que temos de um processo de desenvolvimento local, em que as comunidades se apropriam, tomam conta e seguem a luta aconteceu de fato durante o momento do fomento dos jovens e por 1 ano depois disso, mas aos poucos essa apropriação foi se esvaindo conforme a comunidade e a vida dos próprios jovens começou a caminhar, embora todos eles carreguem essa memória de força coletiva.

Por outro lado, essa memória também remete a uma possível organização futura, agora os jovens acreditam que é possível transformar os lugares se atuarem conjuntamente e compreenderam que podem voltar a se organizar com outros pares. Vemos aí uma dinâmica do passado que ficou, que marcou, do presente que se desorganizou, mas que no futuro que pode ser reorganizado. Com relação a minha motivação, uma das coisas que motiva é a própria realidade. Não temos como passar despercebido por tanta desigualdade bem na nossa cara. Mas, ao mesmo tempo, nós não queremos interagir com essa desigualdade e também não queremos participar de modo assistencialista. Então o que me motiva é a busca por tanto, transformar esse quadro geral, político, mas não deixar de prestar atendimento. O que me motiva de fato é não me confortar com tamanha desigualdade que a gente vê. Você vê pessoas que são potencial vivo, e estão aí desperdiçados, estão aí à toa, estão aí pensando, tendo uma vida que nem podemos imaginar o tamanho da dureza e só quando entramos em contato com tudo isso é que percebemos: como esse povo é forte, como esse povo é potente!

Com todas essas mazelas, com todas essas dificuldades, todas essas desigualdades estruturais conseguem levar uma vida digna. O mínimo de compromisso é tentar reverter, ou tentar minimizar todo esse sofrimento. Sofrimento de falta de política pública, falta de alguém para a orientação, falta de alguém para compartilhar sonhos. O que me motiva muito é pensar como é que se pode ficar diante de um potencial pulsante e não fazer nada?

Além disso, uma outra coisa que me motiva é o próprio trabalho em si. Então se por um lado essa finalidade toda, por outro o trabalho em si que eu considero muito bonito. A todo momento nós discriminamos e potencializamos. Discriminamos no bom sentido, discriminamos os potenciais, articulamos esses potenciais, fomentamos desenvolvimento, buscando garantir direitos. Esse processo todo feito em conjunto com seja lá com quem for é muito bonito, porque você alia forças. Eu acredito que é que isso nos faz humanos – não nos conformarmos, não endurecer a pele. E que isso tudo nos afete e consiga nos mobilizar para a frente, junto com os outros, eu acho que isso nos torna humanos, ou então viramos um bando de máquinas de fazer dinheiro, conseguir cargo, conseguir alimentar a própria vaidade e aí, para mim, já não faria o menor sentido.

## **Martha Pimenta**

Martha Pimenta, formada em História, professora da Rede Estadual de Ensino por 12 anos, aulas de História para Fundamental II e Ensino Médio, especialmente em escolas do Butantã, foi uma das fundadoras da Rede Social Butantã, onde atua até hoje como mediadora. Nos conhecemos em fóruns temáticos e nos tornamos parceiras de atuação, colaborando nas redes sociais onde atuamos.

Minha formação é em História. Fui professora da Rede Estadual de Ensino por 12 anos, dando aulas de História para Ensino Fundamental II e Ensino Médio, especialmente em escolas do Butantã – SP. Em 1995 participei de processo de seleção na USP para trabalhar como Educadora em projetos de aproximação e cooperação da Universidade de São Paulo, que acontecia com escolas públicas e particulares. Já em 1998, com o início do Projeto Avizinhar, que depois foi instituído como programa da Universidade, inicialmente trabalhei no Projeto Avizinhar-Escola, que procurava fortalecer os laços com as escolas públicas da região, especialmente aquelas que atendiam as crianças e adolescentes acompanhados pelo programa. A ideia era contribuir para melhorar e fortalecer a comunicação entre escolas e entre as escolas e a USP.

Um dos instrumentos criados para este trabalho foi o Boletim Avizinhar-Escola, um pequeno boletim produzido em papel, quinzenal, entregue em cada uma das escolas. Nele colocávamos notícias do Avinhar, notícias da USP que poderiam interessar as escolas e também notícias das próprias escolas - o que era sempre mais difícil de conseguir e que deixava claro o quanto as escolas eram fechadas em seu próprio funcionamento.

Com a ampliação do acesso a novas tecnologias, começamos a fazer o boletim, que era só impresso, também de forma eletrônica. Além de entregarmos nas escolas o boletim em papel, também enviávamos por e-mail a todos os professores e interessados em geral. Nossa ideia era favorecer ao máximo a

participação e integração de todos, constituindo uma rede de escolas, professores e estudantes.

Em 2000 fomos convidados a participar de uma reunião de um grupo de pessoas que trabalhavam em serviços da região do Rio Pequeno e que estavam interessados em montar o que chamavam de Micro Rede Butantã.

Nessa época ainda eu não tinha muita ideia do que seria uma “Rede”. Mas junto com os demais participantes fomos trabalhando este conceito, procurando entendê-lo e colocá-lo em prática. O Boletim, que era enviado apenas para as escolas, fez muito sucesso nessas reuniões e começamos a enviá-lo também para ONGs, serviços públicos, líderes comunitários que participavam das reuniões da rede e por isso o boletim cresceu, passou a ter muito mais notícias sobre o que acontecia fora da USP. A Rede Butantã foi se ampliando e fortalecendo e, como um dos objetivos do Avizinhar era justamente contribuir para o fortalecimento de ações nas comunidades do entorno, estivemos sempre disponíveis para atuar na facilitação desta Rede, redigindo e divulgando memoriais de reuniões, coordenando os encontros, facilitando a participação de especialistas sempre que a rede demandava e mantendo o boletim, que passou a se chamar Mix Rede Avizinhar Butantã.

A ação em rede tem como principal desafio garantir a manutenção da horizontalidade entre seus membros e o fato de uma instituição ou de uma pessoa ter um papel mais específico como articulador/mediador ou facilitador muitas vezes levanta a questão sobre a verticalização dessa atuação, quando uma das partes tendo um papel de maior destaque. No entanto, a consciência do grupo participantes de que os princípios fundamentais da Rede devem ser mantidos e respeitados superou esta possível dificuldade. Acredito que nós aprendemos na ação!

A Rede Butantã existe até hoje. São 17 anos de atuação local, tendo contribuído para a mobilização de pessoas e instituições para discutir, analisar e propor soluções para problemas desta região. A Rede participou ativamente de audiências públicas que discutiram Planos Diretores, quadros orçamentários e outras questões da gestão. Muitas parcerias entre seus membros se tornaram possíveis e foram realizadas. Os participantes reconhecem a experiência de participação como uma oportunidade de formação e hoje a Rede Butantã é conhecida inclusive em outros espaços de São Paulo e já foi objeto de estudo e fonte de informações em trabalhos acadêmicos.

O Butantã hoje tem muitas redes. Redes de bairros, fóruns temáticos, grupos de trabalho em diversas áreas. Acredito que a experiência da Rede Butantã teve muito a ver com isso. Nossa primeira experiência ajudou a iluminar e abrir caminho para outros grupos e ações.

Para mim, pessoalmente, esta experiência foi tão rica e gratificante que mesmo deixando de ser parte da minha atuação profissional (o Avizinhar foi encerrado em 2007) mantenho minha participação de forma voluntária até hoje. Devo muito a esta rede e a todos os seus participantes, aprendi mais sobre a região em que vivo e sobre as suas características.

## **Wilmihara Santos**

Wilmihara Santos, socióloga, mestre em Antropologia e doutoranda em Ciências Políticas, que atua no educativo da Pinacoteca e fala do seu trabalho junto aos atores do território e o trabalho na Rede Social Luz Bom Retiro.

Estou sempre em torno de um tema que nos é muito caro, a discussão sobre a identidade nacional brasileira. Hoje eu já não trabalho tanto com o conceito de identidade, mas com o discurso do primeiro acervo do Museu da Língua Portuguesa, e que tinha sim, a proposta de pensar uma identidade nacional brasileira, a partir da língua portuguesa.

A experiência como articuladora esteve atrelada a minha atividade como educadora do Museu da Língua Portuguesa, elas não se separavam. Então os projetos propostos pela ação educativa do museu, em diálogo com as instituições do entorno, tratavam de temas específicos para crianças, adolescentes e professores.

Os parceiros eram diferentes, em momentos diferentes, o acervo servia como mediador de um momento a outro. Neste sentido pensávamos em proposta de oficinas que fossem voltadas para a população do entorno da Estação da Luz, mulheres em situação de prostituição, mulheres trans, o público imigrante, migrante, moradores. Foram vários temas, uma experiência muito rica. Falo com certa emoção.

Aqui na Pinacoteca estou há 1 ano, minha experiência no Museu da Língua Portuguesa iniciou em 2006, foi uma trajetória de 9 anos como educadora do acervo e junto com o núcleo educativo pensávamos propostas de interlocução com a comunidade do entorno. Esse era um dos objetivos da nossa coordenadora, a Marina Toledo, pensávamos num museu que fosse acessível a todos e que não se restringisse a seu espaço físico. Então foram elaboradas diversas estratégias, em especial, que usavam o saguão da estação.

A proposta de fortalecer o diálogo com as diferentes instituições, com os coletivos e movimentos sociais do bairro veio com a inauguração da Sala Futura, em 2014, numa das dependências do Museu da Língua Portuguesa. Tratava-se de uma parceria do Canal Futura com o Museu da Língua Portuguesa.

A minha experiência como educadora e articuladora da Sala Futura começou em 2015 e terminou com o incêndio do museu, infelizmente, no final do ano de 2015. Não só o acervo da Sala Futura era disponível a toda comunidade do bairro como havia o espaço da sala, a videoteca, além da possibilidade de visitas ao acervo do Museu da Língua Portuguesa.

Cabia ao educador desta sala pensar com as instituições do bairro propostas educativas e culturais, por isso passei a sair mais vezes do museu, frequentava as reuniões de diferentes instituições e coletivos, não ficava restrita ao espaço do museu.

O papel da articulação, extrapola o papel do educador. O articulador primeiro escuta e verifica dentro da dinâmica dos diferentes lugares que frequenta, quais as demandas, quais questões são presentes e como é possível estender pontes entre elas. Por exemplo, tal instituição está pensando numa determinada proposta e eu tenho contato com outra instituição que pode ajudar neste aspecto.

Neste aspecto, a primeira ação de um articulador é ouvir, compreender a dinâmica de cada lugar, e facilitar as conexões entre elas. As pessoas estão no mesmo território e não conseguem, às vezes, dialogar. Não se conhecem ou falta esse mediador. O articulador é o que conecta uma instituição a outra, um coletivo a uma instituição ou movimento social, mas para facilitar esta aproximação é preciso entender quais são as demandas de cada uma...

Olhando o território, há um movimento, um grande movimento de pessoas de diferentes lugares que buscaram se encontrar, eu sinto isso. Vejo redes em movimento. Diferentes pessoas que buscam uma interlocução neste bairro então a necessidade dessa interlocução já existe independente de um agente.

Criar esse espaço de encontro, a rede social, foi um diferencial, por exemplo, nos projetos da UBS que são realizados na escola, movimentaram uma rede de professores de diferentes escolas para se encontrarem e trocarem experiências comuns, o SENAC também propôs esse espaço e continua, a Sala Futura, o Museu Emílio Ribas, todos nós fomos facilitadores de um espaço de trocas para que as pessoas com interesse de se encontrar pudessem realizá-lo. Assim é difícil dizer de um único núcleo, foram diferentes espaços abertos a acolher interesses em movimento em busca dessa aproximação.

O mais marcante da sua experiência como articuladora, educadora, mediadora, mediadora social cultural foi a experiência da ação educativa, talvez. Como articuladora, foi uma jornada muito rica ver projetos se movimentarem justamente porque era necessário um espaço para que eles pudessem acontecer. O quanto o espaço físico é necessário, ele é uma luta de fato.

Teria muitas histórias para relatar. É difícil escolher uma única experiência porque cada uma tem um sentido muito específico, com impactos bem interessantes.

A Coordenadora pedagógica Mônica, da CEI Dom Gastão, almejou que as crianças egressas do ensino infantil ao ingressarem no ensino formal pudessem, antes dessa mudança, conhecessem a escola, o sinal, a sala de aula, os professores, a hora do lanche, tendo em vista a ruptura de um universo para o outro. Esse projeto ganhou apoio do diretor e da coordenadora da escola de ensino fundamental Prudentes de Moraes, localizada próximo à CEI Dom Gastão. Todos representantes destas instituições passaram a ver neste projeto um caminho para uma adaptação positiva das crianças na relação não só com o espaço escolar, mas com as novas formas de aprender.

Então, pude vivenciar e observar esse projeto acontecer. A ideia foi da Mônica, ela precisava apenas aproximar-se da coordenadora da Prudente... eu tinha esse contato pelas atividades de educação patrimonial que desenvolvia com as crianças da Prudente de Moraes. Falei “opa, é fácil fazer essa ponte.” e isso aconteceu. Acredito que continua ainda, já faz dois anos...

Foi muito gratificante observar esse movimento, só precisava alguém esticar uma ponta com a outra. Dizer “olha aqui, estou com o telefone”...

Então, sinto-me feliz em contar essa experiência, teriam muitas outras tão importantes quanto... é difícil escolher.

Há uma questão muito séria, a possibilidade da redução de jornada integral na CEI Dom Gastão. É importante realizarmos a mobilização por meio do abaixo assinado para que se evite, não só na CEI Dom Gastão, como em outras CEIs...

Não vamos deixar porque é um projeto fantástico. Eu acho incrível. Aprendi muito com as professoras, com todas as crianças, a gente fez um trabalho muito legal em 2015. Aliás, teve também uma atividade no Parque da Luz... olha só, eu vou puxando... vou lembrando, vou trazendo as histórias que guardo com muita satisfação...

Enfim, acho que é isso, a importância de vivenciar experiências de conexão entre pessoas, projetos serem concretizados. Eles foram materializados por pequenos passos, um mediador, um contato, um telefonema. Isso materializou um movimento que atingiu várias crianças. Podemos pensar no impacto sobre essas crianças que foram para Prudente de Moraes no ano seguinte, provavelmente estavam mais preparadas com o novo universo escolar, não teve aquela ruptura de imediato...

Principalmente quando não se tem mais o brincar como algo fundamental. As professoras do ensino fundamental relatavam a dificuldade em auxiliar a adaptação

de trinta crianças em sala de aula. O quanto é difícil realizar esse contorno, para algumas, não para todas.

Até porque é sentido tanto para o professor como para o aluno. Todos sentem. O aluno sente na sua condição, o professor sente as trinta crianças numa sala e a condição das 30 crianças. A possibilidade de um espaço de diálogo, de conversa, de troca foi necessária. Merecia um livro. A gente até pensou em escrever um livro dessas experiências.

A gente precisa disso, porque perdemos a vontade de desenhar? Crescemos e perdemos o gosto? A Evelin da UBS Bom Retiro também foi muito importante nesse trabalho de rede, construindo pontes...

Foram muitas pessoas que nos colocaram em contato com esse território, eu pude ter o contato com você que me colocou em contato com outras pessoas. A partir de você conheci a Adriana, e que pude colocar em contato as mulheres da luz, a partir da Cleone... Todas foram como portas que me abriram a possibilidade de conhecer mais um pouco a realidade desse bairro, assim ele foi se tornando meu também, a cada porta que se abria era uma nova casa que podia compartilhar experiências. Então foi isso, foram várias portas, várias casas que pude pertencer um pouco, foi muito bom.

## ANEXO III

---

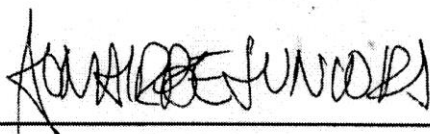
### Autorizações

#### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS**

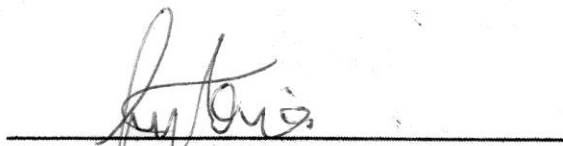
Eu, Arnaldo Omair Bassoli Junior, CPF 047.738.148-02, RG 6.896.385-3, depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado "Formação do Mediador Social e Cultural"; sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie; a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei.

São Paulo, 16 de fevereiro de 2018



Entrevistado



Vilma Ambrosia Jurevicius

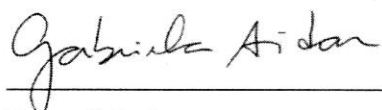


## **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS**

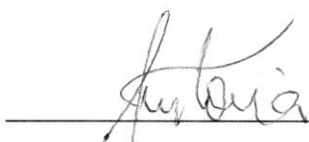
Eu, Gabriela Aidar, CPF 264.927.208-22, RG 5020745-5, depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado “Formação do Mediador Social e Cultural”; sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie; a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei.

São Paulo, 16 de fevereiro de 2018.



Entrevistado



Vilma Ambrosia Jurevicius

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS**

Eu Isabela Hernandes de Mattos, CPF 25098714800, RG 22522762-9, depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado "Formação do Mediador Social e Cultural"; sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie; a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei.

São Paulo, 19 de fev. de 2018

Isabela H. Mattos  
Entrevistado

Vilma  
Vilma Ambrosia Jurevicius

## **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS**

Eu **Leonor Beatriz Diskin de Pawlowicz**, CPF 213.028.538-48, RNE W397212, depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado “Formação do Mediador Social e Cultural”; sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie; a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

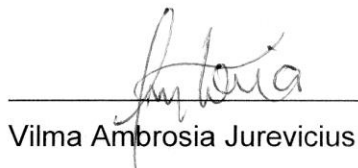
Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei.

São Paulo, 19 de fevereiro de 2018



---

Leonor Beatriz Diskin de Pawlowicz



---

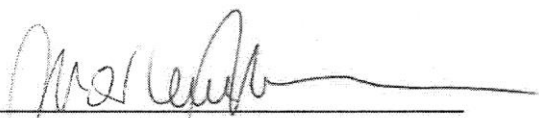
Vilma Ambrosia Jurevicius

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS

Eu **Marlene Masino**, CID 08889625, depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado "Formação do Mediador Social e Cultural"; sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie; a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei.

Lugano, 16 de fevereiro de 2018



---

Marlene Masino



---

Vilma Ambrosia Jurevicius

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS

Eu MARTHA DELBUQUE PIMENTA, CPF 055.860.668-74, RG 10.773.548-9, depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado "Formação do Mediador Social e Cultural"; sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie; a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei.

São Paulo, 16 de fevereiro de 2018

MDimenta  
Entrevistado

Vilma  
Vilma Ambrosia Jurevicius

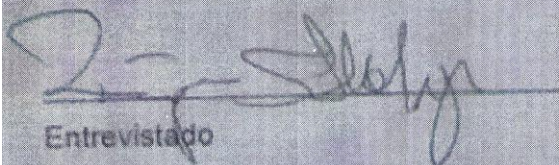
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS**

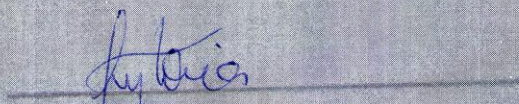
Eu Rosete Seny Holzer CPF 254.245.418-23 RG 23.328.280-X

depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado "Formação do Mediador Social e Cultural", sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei

São Paulo, 07 de setembro de 2017

  
Entrevistado

  
Vilma Ambrosia Jurevicius

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS**

Eu Wilmiro B. de Sá A. Santos, CPF 291.867.668 RG 30.898.195-9,<sup>30</sup>  
depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, bem como de estar ciente da  
necessidade do uso de meu depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a  
pesquisadora **Vilma Ambrosia Jurevicius** do projeto de pesquisa intitulado "Formação  
do Mediador Social e Cultural"; sob orientação da Profa Dra. Mirian Celeste, professora do  
Programa de Pós Graduação Educação, Arte e História da Cultura da Universidade  
Presbiteriana Mackenzie; a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a  
nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos para fins científicos e de estudos  
(livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima  
especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei.

São Paulo, 19 de fevereiro de 2018

Wilmiro B. de Sá A. Santos

Entrevistado

Vilma Ambrosia Jurevicius  
Vilma Ambrosia Jurevicius